



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

A ARTE CONTEMPORÂNEA E O ENSINO-APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS

Relatório de Estágio apresentado à Universidade
Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre
em **Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino
Básico e no Ensino Secundário.**

Eva de Fátima Rodrigues Alves

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

NOVEMBRO 2015



CATÓLICA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Local do Estágio:
Instituto Nun` Alvres – Santo Tirso

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Ensino de
Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e
no Ensino Secundário.**

Eva de Fátima Rodrigues Alves

Sob a Orientação do Prof. Doutor
Carlos António Saraiva Bizarro Morais

Agradecimentos

Este trabalho representa uma meta importante para o meu percurso de vida. A sua concretização não se deve apenas ao meu empenho. Por essa razão, pretendo agradecer a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a sua realização. O mesmo não seria possível sem as pessoas que a seguir refiro.

Ao Professor Doutor Carlos Morais, orientador deste relatório, o meu sincero agradecimento pela disponibilidade e competência com que me orientou. As suas palavras, construtivas e motivadoras, foram elementos estruturantes para a realização deste trabalho.

À minha mãe, um agradecimento muito especial pelo seu apoio incondicional e por ter fomentado sempre o meu gosto pelo Ensino e pela Arte.

Por último, à minha avó, agradeço o apreço que ao longo da sua vida me inculuiu pela profissão docente.

Resumo

O presente trabalho, elaborado no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, tem por tema as repercussões da arte contemporânea no ensino-aprendizagem de artes visuais.

Partimos da convicção de que a arte contemporânea desencadeia um impacto positivo no ensino básico de artes visuais, que deve ser analisado, experienciado e promovido. Neste sentido, pretendemos aprofundar as questões que são suscitadas pela presença da arte contemporânea no ensino de artes visuais.

Em particular, elaborámos um projeto de investigação teórica e de intervenção pedagógica no ensino básico, com alunos que manifestavam um défice de conhecimentos e de interesse relativamente à referida arte contemporânea. Desta forma, procurámos iniciar os nossos alunos nas tarefas da análise e contextualização da obra de arte contemporânea, tendo havido lugar para sessões de agilização da reflexão, assim como, da criatividade e da operacionalidade instrumental, que culminaram na apresentação de vários trabalhos plásticos que refletiram uma abertura aos novos desafios e ideias proporcionados pela arte contemporânea.

As áreas de investigação da componente teórica deste relatório circunscrevem-se aos seguintes campos de estudo: o atual sistema de ensino de artes visuais - numa análise da situação do seu ensino; a arte contemporânea – num esboço de definição cronológica e conceptual, contextualização e alguns percursos; a arte contemporânea no ensino-aprendizagem de artes visuais – em seus fatores de resistência e implicações da sua integração; os benefícios da imagem como estratégia; as potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea; e finalmente o estudo da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa.

A descrição e análise das atividades pedagógico-didáticas realizadas com os alunos da nossa turma de estágio, intituladas por a experiência da arte contemporânea pela pintura e escultura, a experiência da arte contemporânea pelo desenho e a experiência da arte contemporânea pela realização de uma instalação comprovam os benefícios da arte contemporânea no ensino-aprendizagem de artes visuais, pelo que consideramos fundamental cultivar esta aproximação com o objetivo de contribuir para a formação de cidadãos mais esclarecidos, críticos e interventivos.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem de Artes Visuais, Arte Contemporânea, Pedagogia.

Abstract

This study, undertaken as part of the Master thesis in Visual Arts Teaching in the 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education, has by theme the repercussions of contemporary art in the teaching of visual arts.

We share the conviction that contemporary art triggers a positive impact on basic visual arts teaching, which must be analyzed, experienced and promoted. In this sense, we intend to explore the issues that are raised by the presence of contemporary art in the visual arts teaching.

In particular, we produced a theoretical research project and pedagogical intervention in basic education, with students who expressed a lack of knowledge and interest towards contemporary art. Hence, we tried to initiate our students in the tasks of analysis and contextualization of contemporary art, and there was place for streamlining sessions of reflection, as well as creativity and instrumental operationalization, culminating in the presentation of various plastic works that reflected an openness to new challenges and ideas provided by contemporary art.

The research areas of the theoretical component of this report is confined to the following fields of study: the current visual arts education system - an analysis of their teaching situation; contemporary art – a chronological and conceptual definition outline, context and some paths; contemporary art in the teaching visual arts - in their resistance factors and implications of their integration; the benefits of the image as a strategy; cognitive and creative potential of contemporary art; and finally the study of the Triangular Proposal Ana Mae Barbosa.

The description and analysis of the pedagogical-didactic activities with students of our internship class, focused on the diverse experiences of contemporary art across the disciplines of painting, drawing, sculpture and performing an installation, show the benefits of contemporary art in the teaching of visual arts. Thus, we consider it essential to cultivate this approach in order to contribute to the formation of more enlightened, critical and interventional citizens.

Keywords: Teaching and Learning of Visual Arts, Contemporary Art, Pedagogy.

ÍNDICE

Introdução	8
Parte I – Enquadramento Teórico	10
Capítulo I - Um olhar crítico sobre o atual sistema de ensino de artes visuais.....	10
1. As artes visuais no currículo escolar.....	10
2. O papel dos professores e dos alunos no ensino de artes visuais	14
Capítulo II - Pensar sobre arte contemporânea	19
1. Arte contemporânea: conceito e contextualização	19
2. Percursos da arte contemporânea.....	24
2.1 <i>Pop Arte</i>	24
2.2 Minimalismo.....	25
2.3 Pós-minimalismo	25
2.4 Arte Conceptual.....	26
2.5 <i>Land Art</i>	27
2.6 Instalação.....	27
2.7 <i>Performance</i>	28
2.8 <i>Body art</i>	28
2.9 Tendências dos anos 80/90.....	29
2.10 Tendências da 1ª década do século XXI	30
Capítulo III - A arte contemporânea no ensino-aprendizagem de artes visuais.....	31
1. A arte contemporânea “à margem”.....	31
2. Implicações na docência	38
3. A imagem da obra de arte contemporânea como estratégia.....	41
4. Potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea	44
5. A proposta triangular de Ana Mae Barbosa	49
a) Leitura da obra de arte	50
b) Contextualização.....	52
c) O fazer artístico	53
Parte II – Aplicação Pedagógico-didática.....	56
Capítulo IV – Contextualização do estágio pedagógico.....	56
1. A escola.....	56
1.1 Localização.....	56
1.2 Edifício atual e instalações.....	56

1.3	População escolar	57
1.4	Sala de Educação Visual e Equipamentos	57
2.	A turma.....	58
Capítulo V – Em demanda da arte contemporânea		62
1.	O ponto de partida.....	62
2.	Estratégia de sensibilização dos alunos para com arte contemporânea	64
3.	Metodologia.....	66
4.	Atividades.....	67
4.1	Atividade 1 A experiência da arte contemporânea pela pintura e escultura.....	69
4.2	Atividade 2 A experiência da arte contemporânea pelo desenho	71
4.3	Atividade 3 A experiência da arte contemporânea pela realização de uma instalação	73
4.4	Análise dos resultados das atividades	75
5.	Análise global da aplicação prático-pedagógica	98
Reflexão Conclusiva.....		104
Bibliografia		108
Anexos		111
Anexo A – Inquérito Inicial.....		111
Anexo B – Súmula de resultados do inquérito inicial.....		112
Anexo C – Powerpoint: Estratégia de sensibilização dos alunos para com a arte contemporânea.....		116
Anexo D – Powerpoint: Atividade 1.....		119
Anexo E – Powerpoint: Atividade 2		124
Anexo F – Powerpoint: Atividade 3		129
Anexo G – Ficha de análise de obras de arte contemporâneas (atividade 1, 2 e 3).....		134
Anexo H – Ficha de justificação da seleção da obra de arte contemporânea (atividade 1)		135
Anexo I – Ficha de memória descritiva da obra criada (atividade 1 e 2).....		136
Anexo J – Ficha de justificação da seleção da peça de roupa (atividade 3).....		137
Anexo K – Ficha de memória descritiva da obra criada (atividade 3).....		138
Anexo L – Súmula de resultados das fichas da atividade 1		139
Anexo M – Súmula de resultados das fichas da atividade 2		144
Anexo N – Súmula de resultados das fichas da atividade 3		149
Anexo O – Inquérito final		154
Anexo P – Súmula de resultados do inquérito final.....		155

INTRODUÇÃO

O presente relatório resulta de um trabalho de investigação e de aplicação pedagógica desenvolvido em contexto de estágio, no Instituto Nun`Alvres em Santo Tirso, no ano letivo 2014/2015, realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. O foco geral recai sobre a arte contemporânea no ensino-aprendizagem de artes visuais, com uma incidência particular no ensino da disciplina de educação visual.

Pelas aulas assistidas, pelas conversas que fomos tendo com os alunos da turma A do 7ºano, e pela realização de um inquérito inicial averiguámos a inexistência de interesse e de conhecimentos relativos a temáticas de arte contemporânea. Detetada esta carência e entendida como problema, entendemos fundamental despertar o interesse e facultar conhecimentos aos alunos sobre este assunto e para que tal acontecesse delineámos uma estratégia de intervenção pedagógica que permitisse colocar os alunos numa posição que lhes possibilitasse encarar os conteúdos programáticos de uma forma mais ativa e numa relação de proximidade com a realidade artística atual.

Olhando para o ensino de artes visuais, constatamos que ao nível da didática da disciplina de educação visual existe uma ausência de diversificação de referências artísticas contemporâneas quer a nível teórico, como nas atividades realizadas em sala de aula. Globalmente, no ensino básico, não se estimula o confronto com a arte contemporânea. A escassa utilização da arte contemporânea tem vindo a suscitar o debate por parte de alguns autores que procuram explicar o progressivo desajuste em que se encontra a educação artística e em especial o ensino de arte contemporânea. De modo a suprimir esta falha elaborámos um projeto de intervenção, em que as estratégias de mediação foram apoiadas no autor David Best, cuja obra norteia as reflexões em torno da conceção racional do ensino de arte e pela aplicação da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, que consiste fundamentalmente na leitura da obra de arte contemporânea, na sua contextualização e no fazer artístico.

Neste contexto, ao longo do presente estudo, procuramos desenvolver o tema, atendendo à complementaridade entre duas vertentes que se apresentam imbricadas ao nível teórico e prático, nomeadamente no que diz respeito à arte contemporânea e ao seu ensino numa turma de artes visuais.

Partindo da necessidade de compreender o impacto da arte contemporânea no ensino de artes visuais, analisamos um conjunto de questões e conceitos relacionados com o ensino

de artes visuais, com a arte contemporânea e com a arte contemporânea no ensino-aprendizagem de artes visuais na dupla vertente teórica e prática.

O relatório está estruturado em cinco capítulos de desenvolvimento, três de componente teórica e dois de componente prática.

No primeiro capítulo, procedemos a uma análise sobre o atual ensino de artes visuais, estabelecendo relações entre as artes visuais, o currículo escolar, o papel do professor e dos alunos, procurando averiguar focos de interesse, desinteresse e dificuldades.

Já no segundo capítulo, tecemos considerações sobre o conceito, a contextualização e os diferentes percursos da arte contemporânea. Assim, focamo-nos em alguns autores, percursos e artistas. Ainda que este assunto, por ser recente, seja de difícil delimitação, contudo é importante para a parte prática.

No terceiro capítulo, concedemos uma particular atenção à situação da arte contemporânea no atual ensino-aprendizagem de artes visuais, procuramos refletir como esta, há muito, não constitui motivo de interesse e apontamos motivos para a relevância da sua integração. Procuramos, ainda, referir algumas estratégias importantes nessa implementação, designadamente os benefícios da utilização da imagem da obra de arte contemporânea em contexto de sala de aula, as potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea, e os principais conceitos, objetivos, estratégias e resultados da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa.

No quarto capítulo, procuramos contextualizar a intervenção prático-pedagógica no âmbito do estágio, tecendo considerações sobre a escola e o público-alvo da intervenção que implementámos.

No último capítulo, apresentamos a nossa intervenção no estágio, analisando os motivos que levaram ao seu delineamento, os objetivos que pretendemos atingir, a metodologia definida, as atividades desenvolvidas, os resultados práticos obtidos por exercícios levados a cabo nas aulas, onde se coordenou o confronto sistemático com a arte contemporânea e a promoção de uma ação produtiva reflexiva.

Através dos resultados alcançados podemos concluir que foi possível fomentar interesse nos alunos por temas relacionados com a arte contemporânea e que para compreendermos a arte contemporânea é preciso relacionarmo-nos com ela como uma realidade da qual fazemos parte e que devemos perceber, visto que esta nos permite entender os modos de viver em sociedade, na atualidade.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I - UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O ATUAL SISTEMA DE ENSINO DE ARTES VISUAIS

1. As artes visuais no currículo escolar

Apesar da arte estar presente no ensino das artes visuais e do ensino de artes visuais fazer parte integrante de quase todos os currículos escolares do atual sistema de ensino, o seu ensino tem surtido poucos efeitos significativos, designadamente no que respeita à interiorização da arte pelos alunos, tal como observamos na nossa turma de estágio. Por isso, consideramos imprescindível refletir sobre este assunto, sustentando que uma educação estético-artística mais completa permite a formação de uma população rica, inovadora e transformadora, essencial em todas as sociedades.

O atual sistema de ensino desvaloriza as disciplinas de artes visuais, visto que estas são frequentemente consideradas disciplinas secundárias no currículo escolar, facto que se comprova pela reduzida carga horária das suas disciplinas, nomeadamente no que respeita à disciplina de educação visual que possui apenas duas aulas de 45 minutos por semana, e pelo carácter opcional de algumas das suas disciplinas, como a referida disciplina de educação visual no 9ºano de escolaridade e a disciplina de História da Cultura e das Artes no ensino secundário. Este panorama é preocupante, em virtude da escassez ou ausência de contacto com as disciplinas de artes visuais, pois desta forma os alunos não desenvolvem competências nesta área específica.

Consideramos que é substancial para uma realização plena do indivíduo uma educação que apele ao desenvolvimento das suas aptidões de forma consciente e contínua. E os professores de artes visuais têm a responsabilidade de despertar nos alunos a curiosidade pela arte, tendo a plena noção que o seu papel pode, sem dúvida, definir o percurso de vida de um indivíduo.

Ana Mae Barbosa em *Arte/Educação Contemporânea* (2005a: 161) sustenta que é “necessário que a arte permaneça no currículo, entendida não como um meio de entretenimento, mas como uma disciplina com conteúdo bem articulado, baseado na cultura”. Deste modo, a autora entende que a arte é indispensável para a aprendizagem e para o desenvolvimento do pensamento humano. Em *A Imagem no Ensino da Arte* (2005b: 34-35) considera que o “pensamento nas artes plásticas capta e processa a informação através das

imagens”, o fazer artístico possibilita à criança pensar sobre a produção de imagens visuais, mas não é suficiente para o conhecimento das imagens das obras de arte, para que esse conhecimento se concretize é necessário facultar uma contextualização histórico-cultural da obra de arte e desenvolver nos alunos modos de leitura da obra de arte. Assim, defende que um currículo assente na leitura e contextualização da obra de arte, e no fazer artístico, proporciona à criança o desenvolvimento das suas capacidades expressivas e cognitivas, contribuindo para a ampliação da cultura.

A Lei de Bases do Sistema Educativo, Decreto - Lei nº49/2005 de 30 de Agosto de 2005 (2005: 5126-5127), esclarece que o ensino básico deve permitir ao aluno “a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética”, para isso devem-se “valorizar as atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios”. O ensino secundário deve “facultar aos jovens conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas e culturais e possibilitar o aperfeiçoamento da sua expressão artística”. Deste modo, atribui-se relevo à obrigatoriedade do desenvolvimento da educação estético-artística.

Betâmio de Almeida (1974: 10) considera crucial a educação estética nas escolas, como uma forma de combate à poluição visual, e entende que a escola tem um papel determinante na orientação dos alunos no processo de formulação de uma consciência e sensibilidade estética, necessária ao despertar e valorizar do meio circundante. De acordo com o autor “(...) a educação estética é eminentemente projetiva; o seu valor não está na obra feita na escola mas, sim, na recetividade que o processo de trabalho abre para o fenómeno artístico através da vida”.

Cabanas (1993: 263) defende que através da “vivência estética” pode educar-se o aluno para o fazer sensível à beleza da arte, de modo a que este produza sentimentos estéticos, emoções estéticas e hábitos estéticos, e despertando nele um sentido estético da vida. Por educação estético-artística sustenta uma educação pela arte, onde a estética é entendida como objeto de educação e a arte como finalidade da educação.

Eisner (1995: 9-10) entende que a educação artística pretende o desenvolvimento das atitudes e formas de compreensão que fazem possível a experiência estética, através do desenvolvimento das capacidades visuais e criadoras que antecedem a realização de imagens sensitivas, expressivas e imaginativas; das capacidades de ver e distinguir as qualidades visuais e expressivas dos objetos que nos rodeiam; das capacidades de relacionar o contexto

cultural e histórico com as produções artísticas. Assim, deverá ser objetivo do professor despertar no aluno as aptidões necessárias à criação de obras expressivas e criativas, num contexto crítico alicerçado da observação e sensibilidade estética nos contextos históricos e culturais da arte.

Segundo Fontanel-Brassart e Rouquet (1977: 5) a educação artística deve:

“(...) assumir-se como uma forma de libertação, de estruturação e de inserção do indivíduo, facilitando, ao mesmo tempo, a conquista do seu equilíbrio físico, intelectual, moral e social; contribuir para a aquisição duma linguagem pessoal, consciente, liberta de constrangimentos; favorecer o alargamento dessa linguagem à sociedade e ao mundo; conduzir o espírito a recordar o passado, a apreciar o presente, mas também a projetar-se no futuro.”

O Currículo Nacional do Ensino Básico (2011: 151-152) recomenda o desenvolvimento das diversas dimensões do sujeito através da fruição/contemplanção, produção/criação e reflexão/interpretação. Apresenta como competências essenciais, gerais e específicas, a desenvolver pelos alunos: a “literacia em artes”; apropriação das linguagens elementares das artes; compreensão das artes no contexto; desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação e o desenvolvimento da criatividade.

Robinson e Aronica (2009: 56-59) defendem o crescimento criativo individual, de modo a que os mesmos encontrem os seus talentos. Entendem que o ser humano é dotado de muitas capacidades que não podem ou devem estar resumidas a um currículo escolar dependente de disciplinas fragmentadas e estratégias estranguladoras. A inteligência humana é encarada como “dinâmica” e “distintiva” e não está limitada ao raciocínio verbal ou matemático.

Apesar das inúmeras reformas educativas implementadas, o desenvolvimento da formação estético-artística dos alunos é secundarizada, pois o atual sistema de ensino atribui maior importância às disciplinas de áreas científicas em detrimento das disciplinas de artes visuais, visto que estas possuem uma carga horária muito superior.

O ensino de artes visuais deve ser dinâmico e visar uma interdisciplinaridade entre as diferentes áreas do saber, onde o professor propicia a construção de ideias e participa de forma ativa e crítica neste processo, fomentando uma cultura visual e um contacto entre diferentes formas de expressão, contudo não é objetivo das disciplinas de artes visuais, quer no ensino básico, quer no ensino secundário, a formação de artistas. O principal objetivo deve ser permitir que o aluno adquira ferramentas essenciais, de modo a que se transformem em

cidadãos sensíveis às questões estéticas e artísticas. Portanto as artes visuais devem interagir com as restantes disciplinas dentro da escola, tal como acontece na vida fora da escola.

“Durante gerações fomentámos a crença de que a arte, a ciência, as humanidades e as de mais matérias eram completamente diferentes umas das outras. Mas a verdade é que têm muito em comum. Há muita técnica e objetividade na arte, assim como há muita paixão e intuição na ciência. O conceito de matérias separadas que não têm nada em comum viola o princípio do dinamismo.”
(Robinson e Aronica, 2009: 234)

Peculiarmente, apesar de no Currículo Nacional do Ensino Básico (2011: 135) se considerar que as artes são “elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal social e cultural do aluno, são formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção, que elas perpassam a vida das pessoas, trazendo novas perspetivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que vivem”, o currículo escolar não explora essa ideia, pois como já referido as disciplinas de artes visuais tem vindo a perder importância. No entanto, segundo o mesmo documento (2011: 141), “A escola, nas suas múltiplas experiências educativas, deve proporcionar o acesso ao património cultural e artístico, abrindo perspetivas para a intervenção crítica”. Deste modo, o ensino de artes visuais deve dotar os alunos de conhecimentos culturais e artísticos mais elevados, de forma a contribuir para uma sociedade mais instruída culturalmente, contudo atualmente existe nas escolas uma ideia incutida e preconceituosa de que as artes visuais estão apenas relacionadas com a exploração de diferentes técnicas e materiais, onde não existe lugar para a criatividade e formulação de um pensamento crítico individual, e frequentemente são vistas apenas como uma forma de colaboração nas atividades escolares.

Para Best (1996: 6) a arte na educação pressupõe que os professores abandonem o que ele intitula de Mito Subjetivista, dando lugar à razão mais do que ao sentimento. A criação ou apreciação artística pressupõem conhecimento e compreensão. Onde um sentimento é necessariamente resultado de um raciocínio que alterou a compreensão e o conceito de um determinado objeto ou situação. Assim, existe a possibilidade de educar as emoções, já que a experiência emocional tem origem cognitiva.

Face a esta problemática, o mesmo autor afirma que “de modo inquestionável, a experiência artística é totalmente cognitiva e racional, e, como tal, envolve aprendizagem e compreensão como qualquer matéria do currículo, incluindo as denominadas matérias-base, matemática e ciências” (1996:7). Portanto a arte possui um carácter educacional como

qualquer outra área curricular, visto que “as artes abrangem muitos aspectos de aprendizagem, mais forte se torna a necessidade de argumentar que deveriam ser o centro do currículo” (1996:16).

Gardner (1983: 7), através da sua teoria das inteligências múltiplas, defende que as artes devem estar presentes nos currículos escolares atendendo às múltiplas inteligências que cada indivíduo possui. Assim, a sua perspectiva mostra-nos que a escola deve ser um local onde existem diferenças e estas devem coabitar de forma saudável e funcional, defendendo as artes como uma forma de explorar saudavelmente todas as diferenças.

O Currículo Nacional do Ensino Básico (2011: 156), também, apresenta a ideia de que “o Universo Visual e os conteúdos das competências formuladas (...) pressupõem uma dinâmica propiciadora da capacidade de descoberta, da dimensão crítica e participativa, e da procura da linguagem apropriada à interpretação estética e artística do Mundo”.

Goodman (1976: 260) defende a ideia de que a arte é uma forma de conhecimento, que nos permite olhar para o mundo e nos ensina a ver e a ouvir, o que de outra maneira não poderia ser referido e nem sequer existiria, e o “modo como se veem pinturas e se ouve música dá forma ao que encontramos depois noutro lado”.

Em virtude do panorama exposto, consideramos que o currículo escolar deve ser orientado no sentido de uma maior inclusão e valorização da arte, permitindo a ampliação dos significados que o aluno pode obter através da arte, despertando no aluno um olhar crítico sobre o mundo que o envolve, de modo a que este se torne um indivíduo integrado, crítico e criativo.

2. O papel dos professores e dos alunos no ensino de artes visuais

O sistema de ensino de artes visuais tem sofrido inúmeras alterações, para além das já referidas acrescem as mudanças ao nível da formação dos professores. Durante muitos anos os professores que lecionaram as disciplinas de artes visuais não possuíam formação pedagógica, apenas formação artística. Ser arquiteto, designer ou artista-plástico foi sempre condição suficiente e inquestionável para o exercício da atividade de docente de artes visuais. Atualmente institui-se a obrigação de habilitação profissional para exercer esta profissão. Face a esta imposição foram criados os Mestrados em Ensino de Artes Visuais, que visam assegurar a continuação das aprendizagens exigidas no desempenho profissional da atividade docente nesta área, cujo objetivo é complementar a sua formação artística inicial.

No que diz respeito à sua atividade profissional, socialmente está instituída a ideia de que os professores de artes visuais possibilitam apenas aos alunos as condições necessárias ao desenvolvimento da sua destreza manual, onde não existe espaço à formulação de um pensamento crítico individual e à criatividade implícita na procura de soluções inovadoras. Assim, de uma forma geral, o sucesso no ensino de artes visuais está associado a uma habilidade inata, onde maioritariamente as referências artísticas são quase inexistentes e quando existem são antiquadas e não se adaptam às expectativas dos alunos.

Consequentemente os alunos acabam por desvalorizar as disciplinas e se acomodar na inexistência de uma habilidade inata ou de inspiração, partindo do princípio que não são capazes de efetuar a aprendizagem dos conteúdos lecionados. Deste modo, o seu desinteresse está frequentemente associado à ideia de que as artes visuais não necessitam de aprendizagem, onde aqueles que usufruem de uma maior facilidade na aquisição de conhecimentos são vistos como portadores de um dom inexplicável.

Esse talento inato, dom inexplicável ou inspiração são encarados como uma antítese do conceito de artista contemporâneo, pelo que defendemos que o ensino de artes visuais deve traduzir essa ideia, de modo a fomentar a proximidade e empatia entre os alunos, o ensino de artes visuais e a arte.

Constatamos que, apesar da desvalorização das disciplinas de artes visuais, existe uma constante procura de sucesso nas disciplinas de artes visuais, são escassos os números de insucesso nesta área de estudo e quando existentes são incompreensíveis por todos os intervenientes do processo educativo.

Os programas atuais das disciplinas de artes visuais com vertente prática pressupõem a produção artística, mas esta ainda é condicionada, porque frequentemente justifica-se a sua restrição com a carência de recursos das escolas, dando origem a um ensino em que o professor não permite ao aluno ampliar a sua aprendizagem. Face a esta problemática, muitos professores adotam uma postura de menor exigência, baseada na simples exploração de técnicas e materiais tradicionais.

Best (1996: 7) reforça esta ideia defendendo que “as artes (...) são consideradas como periféricas e dispendiosas, de nenhuma importância na educação e sem qualquer prioridade, como as matemáticas e as ciências, por exemplo. É largamente aceite que as artes são meramente entretenimento ou divertimento, através das quais nada de significativo se pode aprender”.

A importância da criatividade no trabalho de um professor de artes visuais é fundamental, visto que só através dela poderá alterar as situações expostas anteriormente.

Agostinho Ribeiro (1997: 30) define que “a criatividade é a capacidade que cada indivíduo possui de produzir ideias (novas para si), dar-lhes forma e comunicá-las, (...), um currículo que se lhe adeque, necessariamente, apela ao controlo de todo o processo por quem o irá desenvolver”.

Arnheim (1997: 333) entende que a arte está associada a uma necessidade humana, a existência de seres humanos pressupõe a existência de arte, e a existência de arte pressupõe a existência de professores de arte. Considera que, “Os professores do ensino da arte (...) acreditam que a arte não é privilégio de uma minoria mas uma atividade natural de todo o ser humano (...) a arte é um instrumento indispensável para fazer face às tarefas que a vida nos impõe”.

O processo de ensino-aprendizagem deve permitir que o aluno adquira conhecimentos diversificados, desenvolvendo as suas potencialidades cognitivas e criativas, permitindo que adquira consciência das suas capacidades, fomentando o sentimento de autossatisfação na realização das atividades propostas, desenvolvendo a sua expressão própria e a sua autonomia, com o intuito que o mesmo venha a reconhecer, compreender e valorizar a arte, no seu sentido mais amplo.

Best (1996: 255) refere que a relação entre as artes e a sociedade, sob o ponto de vista educativo tem uma importância central, onde há uma responsabilidade considerável, pois “só a boa arte e as boas abordagens ensinadas por um professor de alta qualidade, podem ter uma influência poderosamente construtiva”.

Os professores de artes visuais devem transmitir uma imagem positiva da aprendizagem do ensino de artes visuais, onde cada disciplina é mais um contributo para o desenvolvimento e crescimento pessoal do aluno. A sua aprendizagem deve ser um desafio, onde o conhecimento é uma fonte de liberdade.

Barrett (1979: 20) define o ensino artístico como “o desenvolvimento da realidade individual de cada um dentro do seu meio natural e social que parece comum e fundamental para todo o ensino artístico. Isto implica mais um alargamento ativo da realidade, do que uma visão passiva e exige por seu turno do professor de arte um procedimento que de qualquer forma encoraje o indivíduo a aceitar o desafio e que desenvolva a capacidade de respostas positivas”.

Segundo o autor (1979: 119) um professor de artes visuais “para manter conceitos, procedimentos e critérios cuidadosamente estabelecidos, resultantes de convicções e princípios, ao reestruturar o uso de recursos, tem de ter habilidade para se adaptar e

flexibilidade. Também requer inteligência, qualidades de dinamização, boa relação pessoal, conhecimentos de psicologia, sociologia”.

O mesmo autor (1979: 120), ainda, salienta que o sistema de ensino de artes visuais se efetua pela “diferença na distribuição do tempo para a arte entre os alunos mais dotados e os menos capazes. A escolha das suas opções nas escolas (...) está estruturada de modo a encorajar os mais dotados a estudarem matérias cognitivas enquanto as artes parecem servir para preencher o tempo dos menos hábeis. (...) A tendência para olhar a arte como uma opção pobre é, provavelmente, mais aparente nos alunos dotados para os estudos cognitivos porque eles correspondem à atitude de alguns professores, que consideram as artes como triviais e pouco importantes e não merecedoras de um estudo sério”.

Os alunos que não possuem interesse na aprendizagem das disciplinas do grupo de artes visuais alegam que não têm talento, a falta deste é a justificação mais frequente. No entanto, a questão fundamental pode não se encontrar na falta de talento, mas sim no método de ensino-aprendizagem e/ou na falta de interesse. Os esforços que se façam para colmatar estas falhas facilitam a aprendizagem e otimizam os resultados dos alunos.

Ainda, de acordo com Barrett (1979: 119-121), “quando os alunos entram na escola já foram influenciados pela família, pelos amigos, pela comunidade, pelos meios de comunicação. (...) Os estabelecimentos educativos, em geral, fazem muito pouco no sentido de fomentar uma atitude séria em relação às artes e vêem-nas como uma cultura periférica ou um acessório social não relacionado com o fulcro da educação. (...) O modo mais importante de melhorar estas atitudes é através da relação positiva e aberta que os professores de Arte criam com os alunos. (...) A arte como disciplina tem um valor secundário em relação à oportunidade que oferece de praticar aquilo que se ensina. Não há melhor maneira de convencer os alunos do importante valor da arte do que discutir com eles o tipo de exploração a ser feito no domínio da arte”.

A arte atualmente, ainda, não é valorizada como merece, contudo a história da humanidade sempre caminhou paralelamente com a arte. É imprescindível focar que a arte nos permite ter conhecimento da nossa história, compreender as nossas origens e propiciar a nossa descoberta. Esta não possui uma razão meramente estética, desempenha uma função cultural e a cultura deveria ser uma das necessidades primordiais no processo educativo de todos os alunos.

Conforme Read (2007: 344), a arte tem por objetivo o desenvolvimento do caráter individual, da consciência social e da educação da sensibilidade estética, de modo a desenvolver a inteligência e o raciocínio, permitindo a expressão de sentimentos e

pensamentos, ambicionando atingir um “sentido objetivo do mundo através da (...) atividade criativa”.

A formação integral do aluno deverá ser a preocupação central de todos os que interferem no seu percurso escolar, devendo permitir que o aluno possa, livremente, fazer as suas escolhas vocacionais. Para tal é necessário ter contacto com diversas formas de conhecimento, de modo a que desenvolva as suas capacidades e sensibilidades, para que, no seu percurso, tome consciência de si e do outro, delineando a procura do seu percurso profissional.

Apesar das inúmeras mudanças a que o ensino artístico tem sido sujeito, é importante questionar a sua eficácia, este não incentiva o desenvolvimento do espírito crítico e interventivo dos alunos, e tende a desvalorizar a integração da arte, colocando em causa o seu potencial educativo.

CAPÍTULO II - PENSAR SOBRE ARTE CONTEMPORÂNEA

1. Arte contemporânea: conceito e contextualização

Nos últimos 50 anos foram muitos os críticos, teóricos, artistas e investigadores a empregarem esforços na definição do conceito de arte contemporânea, sendo que este assunto ainda se mantém suscetível a equívocos e distorções.

De forma geral, os principais investigadores entendem que a meio do século XX ocorreram significativas alterações na produção artística, que determinaram um limite temporal, ainda que sem muita precisão, mas que romperam com os modelos instalados pela produção modernista.

Entre 1945 e 1960 surgiram movimentos como: arte bruta, arte informal e expressionismo abstrato, que iniciaram uma abordagem aos pressupostos da arte contemporânea. Após 1960 com o aparecimento da *pop art*, minimalismo, arte conceptual, instalação, *body art* e *performance*, defende-se o início do estado de plenitude da arte contemporânea.

No entanto, não entendemos o critério cronológico como o único critério para definirmos o que é arte contemporânea ou não. Pensamos que rotular uma obra ou um artista como contemporâneo partindo somente de pressupostos cronológicos induz-nos a uma atitude superficial.

Danto (2006: 13) refere que alguma arte moderna continua a ser produzida na atualidade, trata-se de arte produzida sobre critérios modernistas e portanto essa “arte não será realmente contemporânea, excepto (...) no sentido estritamente temporal do termo”.

Face a esta situação, julgamos também necessário avaliar recursos, objetivos, artistas e obras. Sendo que, uma das estratégias possíveis para nos orientar na compreensão da definição do conceito de arte contemporânea é o agrupamento de artistas por temáticas abordadas, propostas plásticas e intenções. Defendemos que avaliar a arte contemporânea segundo critérios modernistas, impede de ver a arte contemporânea como ela é. As vanguardas modernistas já foram abolidas e na atualidade existe um conjunto diversificado de propostas que anteriormente não eram consideradas arte. Agora, a pluralidade e a diversidade invadem as novas propostas artísticas.

Segundo Rouge (2003: 5) a arte contemporânea pode “ser definida pela dissipação de fronteiras entre as disciplinas clássicas e pelo aparecimento de novas técnicas (técnicas

mistas, multimédia), que alargam o campo artístico tornando simultaneamente a sua abordagem mais complexa.”

Também Archer (2001: 61) defende que a arte contemporânea “assumiu muitas formas e nomes diferentes”, trouxe consigo uma “crescente facilidade de acesso e uso de tecnologias de comunicação: não apenas a fotografia e o filme, mas também o som (...) e o vídeo”.

Segundo o autor (2001: 60) com a arte contemporânea surgiram propostas artísticas assentes em críticas e ironias sociais, no biográfico, no impessoal, nas renúncias formais e no reconhecimento do mínimo, na apropriação e modificação de objetos, na valorização da conceptualização, que marcaram a rutura com a produção modernista.

Para Cauquelin (2005: 134) a produção artística contemporânea é “largamente estendida a diversos factores, sem ter em conta a qualidade estética”, apesar da figuração estar de volta “as qualidades formais que lhe estavam outrora ligadas são deixadas de lado”. Isto é, “cores, formas, relação com o real em representação ilusória, apresentação tradicional” podem encontrar-se nos diferentes registos de arte contemporânea, mas “a palavra de ordem duchampiana é respeitada – a actividade artística não é mais centrada na estética”, “trata-se de uma actividade artística que leva a sério a pesquisa conceptual e questiona as possibilidades da obra” e “cede então o lugar a uma realidade que não tem mais nada a ver com o gosto, o belo, o génio, o único”, como noutros movimentos artísticos.

Conforme a autora (2005: 80) as obras de arte contemporâneas “não apresentam nenhuma característica estética que suscite um julgamento de gosto (...) elas eram muitas vezes materialmente imperceptíveis, consistindo em afirmação pura, em um *ironismo* de afirmação da existência de uma esfera de arte”, pelo que considera que a arte contemporânea é autónoma e deve ser julgada como tal.

Ainda, de acordo com a mesma autora (2005: 105) “Imitar os objectos da Natureza, ou o processo da natureza, como o da luz ou da construção do visível, ainda põe o artista em situação de responder a um destino imposto de fora”, a arte contemporânea desconstrói esse destino de dentro do artista para fora.

A arte contemporânea trata o sujeito e a vida plural, fazendo uso de múltiplos recursos. Ao contrário da arte moderna, a arte contemporânea não tem nada contra o passado, pelo contrário, pode ser parte do que a explica, pois pode servir-se dela, não para a contradizer, mas para lhe atribuir um novo sentido. E são muitas as apropriações da arte praticada no passado na arte atual, promotoras de um diálogo entre o hoje e o ontem.

Entre os inúmeros exemplos citamos as reinterpretações que o artista Vik Muniz fez da obra *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci, reproduzindo-a com materiais e suportes inovadores, como geleia e chocolate sobre pratos. Assim como, da sua reinterpretação da obra *O Beijo* de Gustav Klimt produzida com lixo, em grandes dimensões e por isso registada apenas sob forma de fotografia.

Também Michael Rush (2006: 33) refere que os antecedentes históricos da instalação estão relacionados com as igrejas renascentistas, onde os retábulos possuíam grandes imagens pintadas em estruturas de madeira montadas em igrejas e estavam à disposição do público para serem observados, tal como estão hoje os vídeos nas galerias e museus.

Ainda Roberto Pontual (1987: 27-28) defende a existência de relações entre a arte contemporânea e o maneirismo, visto que ambos desestabilizam "o espaço da perspetiva tradicional, entronizando a multiplicidade e a dissonância".

Deste modo, os diferentes movimentos de arte contemporânea surgiram com a possibilidade de se apropriarem da arte passada, mas sem a necessidade de lhe dar continuidade.

A este propósito Archer (2001: 155-156) refere "Tudo já havia sido feito; o que nos restava era juntar fragmentos, combiná-los e recombiná-los de maneiras significativas".

Para Thistlewood (in Barbosa, 2005a: 116) a arte contemporânea surge "na mais avançada linha da frente da prática experimental, exercitando criativas e arriscadas ações/posturas/pensamentos, em busca de novas formas de significação".

Face a este panorama, atribui-se, um novo papel ao conceito de arte, ao papel do artista, de espaço expositivo e de público.

Com o aparecimento da arte contemporânea o conceito de arte é mais livre no que respeita às suas temáticas, técnicas e materiais. Impõe uma desmaterialização do conceito tradicional da obra de arte, através de uma multiplicidade de atitudes e abordagens, fazendo uso de todas as inovações tecnológicas e tratando assuntos diferenciados como o feminismo, o racismo, as lutas de classes, a sexualidade, a opressão, a homofobia, entre outros.

O artista passa a exercer um papel ativo e imerso no contexto social, político, económico e cultural. O seu domínio técnico e expressivo é secundarizado, exigindo-se da sua prática uma dimensão conceptual nunca exigida anteriormente. Facto que coloca em causa a tradicional visão do artista como génio, como alguém portador de talento inato ou dom inquestionável, defendidos por outros movimentos da história da arte como características fundamentais ao papel de artista.

A este propósito Cauquelin refere que se os artistas contemporâneos partem dos “temas duchampianos, as suas proposições navegam à vista, num clima que valoriza o artista e a arte” (2005: 116) e que se “a estética, o saber-fazer à mão” podem com o aparecimento da arte contemporânea ser “deixados de lado (...) é necessário reconsiderar toda a distribuição dos papéis no interior do domínio da arte” (2005: 84-85). Assim, esta situação pode retirar o artista do papel tradicional de construir a obra e o conceito da arte deixa de se relacionar com as emoções e passa a ser algo pensado.

Bourriaud (2009: 8) menciona que estes artistas

"(...) contribuem para abolir a distinção tradicional entre produção e consumo, criação e cópia, *ready-made* e obra original. Já não lidam com a matéria *-prima*. Para eles, não se trata de elaborar uma forma a partir de um material bruto, e sim de trabalhar com objetos atuais em circulação no mercado cultural, isto é, que já possuem uma forma dada por outrem. Assim, as noções de originalidade (...) e mesmo criação (...) esfumam-se nessa nova paisagem cultural".

A reciclagem de imagens, formas e objetos introduziram na arte contemporânea uma nova cultura, a cultura da reutilização (Bourriaud, 2009: 16).

“(...) a obra de arte funciona como término provisório de uma rede de elementos interconectados, como uma narrativa que prolonga e reinterpreta as narrativas anteriores. Cada exposição contém um enredo de outra; cada obra pode ser inserida em diversos programas e servir como enredo múltiplo. Não é mais o ponto final; é um momento na cadeia infinita de contribuições.” (Bourriaud, 2009: 16-17)

Os artistas contemporâneos podem apropriar-se de objetos que fazem parte da cultura com toda a liberdade, portanto a cultura está à sua disposição. A cada apropriação, o objeto apropriado adquire um novo nome e uma nova autoria.

Os artistas contemporâneos estão imersos no contexto social, político, económico e cultural e através da arte falam sobre o feminismo, o racismo, as lutas de classes, a sexualidade, a opressão, a homofobia, entre outros temas.

O espaço expositivo amplia-se, torna-se múltiplo e livre, e pode ser definido em articulação com a obra de arte.

Cauquelin (2005: 120) refletindo sobre a obra de Andy Warhol alega que o espaço físico da obra de arte contemporânea, já não é somente o museu e a galeria, transforma-se

num espaço de comunicação, “um sistema de signos circulando dentro de redes”, que facilita a internacionalização do artista.

O público deixa de ter uma atitude contemplativa e passa a poder interagir com a obra de arte, quer mentalmente, quer fisicamente.

Neste período artístico contemporâneo questionam-se também os estereótipos de beleza, originalidade, criatividade e autoridade. Pela valorização da conceptualidade em detrimento da beleza, pela apropriação de objetos de uso quotidiano ou de elementos da cultura visual, pelo uso de técnicas, materiais e recursos não convencionais, pela possibilidade de uma ação produtiva que pode excluir o fazer do próprio artista.

Tal como outros movimentos artísticos, a arte contemporânea é um reflexo do seu tempo. Surge em consonância com os acontecimentos atuais. Apesar de diferente da arte que a antecedeu, ela instaurou-se e impôs uma busca permanente pelo seu significado através da experimentação e liberdade.

De acordo com Archer (2001: 237) o objetivo “centrou-se na maneira de encontrar os meios de abordar as preocupações que são apropriadas ao carácter da vida contemporânea.” Sendo que a globalização é um fator importante na contemporaneidade, salientamos que esta arte permitiu o desencadear de uma partilha efetiva entre diferentes culturas, nomeadamente as não-ocidentais.

Archer (2001: 156) defende que o domínio americano e europeu começou a ser questionado. O contacto e a aceitação das diferenças foram promovidos pela difusão cultural entre países permitindo um intercâmbio maior entre a arte.

O surgimento e desenvolvimento da tecnologia e dos meios de comunicação foram fundamentais para a formação da cultura contemporânea, que passou a cultivar a diversidade, a heterogeneidade, a pluralidade, e permitiram também, reduzir a distância no sistema de comunicação da arte.

Thistlewood (in Barbosa, 2005a: 117) defende que a arte contemporânea “vai assumindo um sem-número de acréscimos de significados”, possibilita “efeitos desafiantes, foca aspetos da nossa cultura e possibilita que nos tornemos “aculturados”.

Esta síntese é uma possível entre muitas outras. Porém já torna evidente como este tempo de arte contemporânea é rico e significativo, sendo que ainda está a construir-se no presente, por isso não é um assunto fechado, completamente delimitado.

“Cada época histórica conheceu a sua «arte contemporânea», que o público muitas vezes não compreendia. A arte dos artistas vivos suscita sempre interrogações e ideias feitas. Actualmente,

colocamo-nos estas mesmas questões. A convicção do artista continua a ser determinante. (...) A educação artística é, então, primordial. Só tomando contacto com a arte que nos é contemporânea poderemos formar uma opinião.” (Rouge, 2003: 12)

Perante tantas reflexões e controvérsias, torna-se cada vez preeminente abordar a arte contemporânea em contexto educativo. Defendemos a ideia de que ela é inquestionavelmente importante, que permanece ligada ao seu tempo, pois está mais próxima da vida do que possivelmente algum movimento artístico já esteve, e por isso se apresenta instigante no ensino.

2. Percursos da arte contemporânea

Tal como aconteceu com outros movimentos artísticos, muitas das obras que hoje são consideradas arte contemporânea, quando surgiram foram rejeitadas pela crítica e pelo público, que a consideravam fora dos parâmetros artísticos aceitáveis. Aos poucos, foram ganhando espaço na cultura dominante e hoje são legitimadas como arte.

Nos pontos subsequentes procedemos a uma breve análise de alguns percursos da arte contemporânea, procurando apontar as principais inovações relativamente ao conceito de arte contemporânea e destacando alguns artistas representativos desses percursos.

2.1 *Pop Arte*

Com o surgimento da *pop arte* na década de 1950, a arte deu início a uma transformação, onde surgiram novas formas de expressão, que apelavam à ironia e à crítica face ao mundo de consumo e comunicação. A execução de uma obra de arte passou a ser uma ação pensada e calculada.

As temáticas abordadas pela *pop arte* estavam relacionadas com a realidade social americana. Representadas sobre a forma de objetos de consumo corrente, banais e até mesmo de mau gosto, tais como: garrafas de coca-cola; embalagens e fotografias de jornais.

“No que diz respeito aos temas da Pop Arte, sua própria banalidade era uma afronta a seus críticos. Sem evidência mais clara de que o material havia passado por algum tipo de transformação ao ser incorporado à arte.” (Archer, 2001: 11)

A *pop* arte fazia uso da serigrafia, da fotografia, das cores violentas, da repetição, da saturação, do paradoxo, do apagamento do autor e de todos os suportes possíveis.

Andy Warhol foi o artista deste movimento cuja obra obteve maior destaque. Para Cauquelin (2005: 96) Warhol “abandona a estética”, renuncia o “saber-fazer à mão”, desliga a arte “das questões do gosto, do belo e do único. Opõe a repetição em série, a saturação de imagens, e o paradoxo de uma despersonalização hiper-personalizada”.

Este movimento envolveu essencialmente artistas americanos, onde também se destacaram Claes Oldenburg e Roy Lichtenstein.

2.2 Minimalismo

Na década de 1950 surgiu, também, o minimalismo, que se destacou por uma abundância de possibilidades no uso de materiais como: plástico; fibra de vidro; ferro; aço; alumínio; luz; tijolos; lâminas metálicas; poliuretano. Este movimento impôs uma liberdade total, onde não existiram barreiras experimentais, onde tudo poderia servir à criação e onde “a figuração não havia sido simplesmente rejeitada, mas transmutada em referência alusiva” (Archer, 2001: 40).

As esculturas minimalistas interagiam com o espaço, e por isso eram colocadas no chão. Tinham uma aparência monocromática e impessoal. Deveriam ser vistas por inteiro e portanto não possuíam efeitos composicionais que abstraíssem o espectador da sua visão global.

Na pintura o minimalismo resultou em obras ordenadas por uma continuidade de padrões de carácter abstrato e não-referencial. Frank Stella (in Archer, 2001: 50) refere “o que você vê é o que você vê”, portanto a arte minimalista não dava lugar a especulações.

A arte minimalista atribuiu um novo papel ao artista, visto que em muitos casos as obras eram produzidas por outros profissionais de acordo com as especificações do artista.

Artistas como Robert Morris e Donald Judd representaram este movimento.

2.3 Pós-minimalismo

Na década de 1960 a arte tomou expressões e denominações diferentes originadas na *pop arte* e no minimalismo. Este período foi denominado por pós-minimalismo e marcado pelo uso de tecnologias de comunicação o que possibilitou o aparecimento de novas formas de expressão artística. Tratou-se de uma arte onde o artista poderia transitar pelas várias formas de expressão artística. Tal situação é própria da arte contemporânea, visto que esta permite uma diversidade promovida pela grande oferta de meios e materiais disponíveis no

mercado, permitindo uma exploração entre todas as possibilidades existentes. Esta movimentação pelas expressões artísticas reflete uma ambição pelo novo e pela experimentação.

O pós-minimalismo serviu-se da liberdade e da rigidez formal do minimalismo. A título de exemplo citamos a importância atribuída ao espaço expositivo que permitiu ao artista Richard Serra produzir obras de grandes dimensões para espaços públicos, interferindo com a funcionalidade habitual do próprio espaço. Outra característica importante foi a possibilidade de utilização de restos de obras.

Entre os artistas que marcaram este período destacaram-se Eva Hesse e Bruce Nauman.

2.4 Arte Conceptual

A valorização do processo artístico no pós-minimalismo abriu espaço ao aparecimento da arte conceptual, iniciada nos anos 60, prolongou-se pela década de 70. O conceito transformou-se no aspeto mais importante da obra de arte, secundarizando a execução e o próprio objeto artístico.

Na década de 1970 assistiu-se a uma desmaterialização do conceito de obra de arte, através de uma multiplicidade de atitudes e abordagens, deixando o conceito de arte cada vez mais livre no que respeita as suas temáticas e técnicas.

Segundo Danto (2006: 16) a arte conceptual mostrou que não era preciso “ser um objeto visual palpável para que algo fosse uma obra de arte visual”, o que significava que não se poderia mais ensinar o significado da arte por meio de exemplos plásticos “Significava que, no que se refere às aparências, tudo poderia ser uma obra de arte”, portanto a arte implicava voltar a “experiência do sentido para o pensamento.”

Os artistas conceptuais afastaram-se da produção de objetos formais e dos parâmetros tradicionais de representação, substituíram a experiência espacial e física por uma experiência linguística. Assim, muitas das obras conceptuais materializavam-se em texto e eram publicadas em revistas. Deste modo, eliminaram também as tradicionais formas de partilha e comercialização da arte. A este propósito, Brito (1980: 85) refere que a arte conceptual impôs uma necessidade de pensamento e de "incessante cerebração".

Para Cauquelin (2005: 121) “Pouco importa que ela seja isto ou aquilo, desta ou daquela matéria, sobre este ou aquele suporte, feita à mão, ou já existente, toda feita (...) esta pode-se decompor numa pesquisa sobre a denominação - quer dizer, sobre a linguagem - e

numa pesquisa sobre a exposição, pois designar também é mostrar - são os lugares de intervenção da obra que estão então em questão.”

A utilização de materiais como a fotografia, vídeo, gravações, texto, mapas e diversos documentos foram práticas adotadas pelos artistas deste movimento.

Entre os artistas que praticaram esta forma artística evidenciaram-se Joseph Beuys, Denis Oppenheim e Joseph Kosuth.

2.5 Land Art

A *land art* apropriou-se do conceito de espaço natural, onde o artista poderia ou não interferir. Procurava sensibilizar o público para factos da natureza de uma forma artística, tornando saliente uma forma no espaço ou utilizando materiais naturais em composições na natureza. Maioritariamente as obras eram de grandes dimensões e efémeras, pelo que o seu registo era executado por fotografia e revistas de viagens. Assim, este movimento retirou ao espectador a possibilidade de interagir fisicamente com a própria obra.

Cauquelin (2005: 126) adverte que “os trabalhos da *land art* fazem do espectador, não já um espectador-autor, como queria Duchamp, mas uma testemunha, a quem se exige crença”.

Entre os seus inúmeros artistas destacaram-se Christo, Richard Long, Robert Smithson, Walter de Maria e Michael Heizer.

2.6 Instalação

A instalação surgiu na década de 1970 definia-se como um processo de realização plástica que contemplava a construção de cenários e ambientes, muitas vezes povoados por objetos do quotidiano, pelo que neste movimento artístico ao contrário da *land art* o espectador podia experienciar fisicamente e intelectualmente a obra de arte. Normalmente ocorriam em espaços fechados como galerias e museus, e utilizavam recursos diversos como a fotografia, o vídeo, o som e a luz. A sua expressão é complexa e revelou-se crítica em relação ao fenómeno artístico em si próprio, contestando, também, aspetos sociais. Este penhor crítico e satírico foi revelado, igualmente, pelo carácter não comercial das suas obras.

Para Rouge (2003: 120) o conceito de instalação associa-se à impossibilidade de “falar de escultura pura, porque as obras em questão intervêm no local onde são apresentadas. A obra não é conhecida como um objecto autónomo e móvel, mas como um todo de dimensões muitas vezes arquitecturais, e propõe ao espectador imergir-se numa situação. O espaço de exposição encontra-se integrado na obra e esta depende dele.”

Esta prática artística mantêm-se frequente entre os artistas atuais e entre os primeiros artistas que cultivaram esta forma de arte estão Joseph Beuys, Martin Kippenberger, Annette Messager, Judy Chicago, Katharina Fritsch e Louise Bourgeois.

2.7 Performance

A *performance* surgiu paralelamente à instalação e exigia a presença corporal do artista no espaço. Desta forma, o artista interagiu com o espaço e com o espectador como uma “vida paralelizada ou revestida por uma representação de si mesma” (Archer, 2001: 110).

Baseada na estética do espetáculo (teatro e dança), mas com intervenção conceptual englobou atividades pluridisciplinares ligadas à expressão corporal. Desenvolviam-se uma única vez, para um espaço específico e, por isso, eram irrepetíveis, tendo um carácter único e original.

Tematicamente os artistas abordavam temas com um pendor crítico social, que muitas vezes chegavam a chocar o público devido ao uso de materiais como o sangue e animais.

Segundo Rouge (2003:122) a *performance* “utiliza várias linguagens artística”, “onde se encontram elementos planeados e outros aleatórios. O público faz parte integrante da obra” e “esta torna-se a própria acção.”

A *performance* é uma prática artística com grande influência no atual panorama artístico e entre os seus primeiros praticantes sobressaíram os artistas Marina Abramovik e Ulay, Gilbert & Georg, Vito Acconci, e Bruce Nauman.

2.8 Body art

Nos anos 70 surgiu, também, a *body art* que tal como a *performance* fazia uso do corpo do artista. Enquanto na *performance* o corpo era alvo de representação, na *body art* o corpo era explorado fisicamente e mentalmente em prol de temáticas baseadas em críticas sociais. As suas manifestações ocorriam num espaço, interagiam conceptualmente com o próprio espaço e ficavam registadas através da fotografia e do vídeo.

Conforme Rouge (2003: 36) os artistas da *body art* “eram animados por uma vontade de ultrapassar o eu”, lutavam “com a sua carne e o seu corpo contra o seu tempo”, denunciavam através do “que tem de mais caro, de mais pessoal: o seu corpo e a sua própria vida”.

Esta foi uma das tendências conceptuais que mais seguidores teve, entre os quais se destacaram: Hermann Nitsch; Günther Brus; Marina Abramovik; Gilbert & George.

2.9 Tendências dos anos 80/90

Nos anos 80/90 duas vertentes marcaram o panorama artístico. Uma era marcada pelo surgimento de movimentos como o neo-expressionismo e a figuração livre e pretendia retomar uma forma de arte facilmente aceita pelo público, a pintura.

Para Dempsey (2003: 279) no neo-expressionismo

"O tratamento dos materiais tende a ser tátil, sensual ou tosco e as emoções são expressas com vibração. Os temas exibem um envolvimento com o passado, no que se refere à história coletiva ou à memória pessoal, e são explorados por meio da alegoria e do simbolismo. A obra neo-expressionista recorre à história da pintura, da escultura e da arquitetura e emprega materiais e temas tradicionais. Assim, a influência do expressionismo, do pós-impressionismo, do surrealismo, do expressionismo abstrato, da arte informal e da arte pop é evidente."

Segundo Cauquelin (2005: 130) na figuração livre retoma-se a espontaneidade "Da expressão individual. A partir da banda desenhada, da publicidade, dos *cartoons*, sobre suportes extravagantes: telas soltas, cartazes, cartões reciclados, bidões velhos, largos empastamentos coloridos, misturando técnicas (a formulação de técnica mista acompanha muitas vezes as obras), colagens, peças acrescentadas, rasgadas. As personagens ou anedotas são levadas à cultura popular".

Esta vertente distanciou-se dos movimentos artísticos contemporâneos sobretudo pela retoma do fazer à mão, pela espontaneidade e pelo individualismo.

A outra vertente desenvolveu uma produção artística assente nas influências do minimalismo, da arte conceptual, da performance e da instalação. A crítica social, o conceptualismo e o recurso às inovações da sociedade marcaram as suas produções artísticas. Acresceram, também, muitos percursos de artistas que enveredam por uma produção autobiográfica.

Para Archer (2001: 156) os territórios públicos e privados perderam os seus limites. O espaço expositivo transformou-se numa forma de comunicação mais ampla. As obras de arte contemporâneas apropriaram-se de outras obras. A apropriação tomou conta do meio cultural que se alimentava da duplicidade. Os produtos culturais eram reinterpretados, reproduzidos, reexpostos ou reutilizados.

Ambas as vertentes continuaram a dissolver as fronteiras estéticas. Independentemente das temáticas abordadas, das técnicas e materiais impregnados, do fazer à mão ou mandar fazer, o sentido de belo continuou a não ser o objetivo da arte contemporânea.

Entre os seus representantes evidenciaram-se: Ana Vidigal; Lucian Freud; Helena Almeida; Francis Bacon; Sherrie Levine; José de Guimarães; Paula Rego; Lourdes de Castro.

2.10 Tendências da 1ª década do século XXI

A arte contemporânea permanece até à atualidade e continua a traduzir a realidade envolvente, através das temáticas, da matéria, da forma, da cor, do som, da linguagem e do gesto. Esta é a tendência natural da arte, assimilar mudanças e traduzi-las na sua produção.

A pluralidade expressiva e a criatividade, no início do século XXI, foram cada vez maiores, estavam apoiadas na inovação tecnológica, e contribuíram na pintura, na escultura, no desenho, na instalação e na performance para uma intervenção preocupada com o desenvolvimento e o uso de temáticas versando o corpo e o comportamento, as questões humanitárias ou do património, do ambiente e do urbanismo, da política e do quotidiano, trabalhando os mais variados materiais, formas, técnicas e áreas.

Os representantes de todas as formas de arte procuraram a desmaterialização do objeto artístico num comprometido diálogo crítico e reflexivo.

Numa enumeração muito incompleta, selecionamos os seguintes artistas que marcaram estas produções: Sarah Lucas; Nazaréh Pacheco; Julião Sarmento; Pedro Cabrita Reis; José Pedro Croft; Rui Chaves; Joana Vasconcelos; Vik Muniz.

CAPÍTULO III - A ARTE CONTEMPORÂNEA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS

1. A arte contemporânea “à margem”

Ao pensarmos sobre o currículo somos levados a refletir nos processos de homogeneização da sociedade. Tal parece acontecer devido à construção das instituições a partir de uma cultura histórica universal dominante, para a qual o currículo da educação não é neutro. Assim,

“O currículo é pensado e funciona como uma estrutura classificatório-disciplinar; por isso ele é um estruturante. E, por ter uma estrutura disciplinar, ele funciona como um estruturante disciplinador. A consequência disso é que ele gera, no âmbito em que actua, o entendimento não apenas de que os saberes têm (naturalmente) uma distribuição disciplinar que é espacial, mas também de que o próprio mundo tem essa, e apenas essa, espacialidade. Na medida em que ele se estabelece disciplinarmente e na medida em que a sociedade moderna é uma sociedade que se torna cada vez mais disciplinar – uma sociedade em que os indivíduos mais e mais se individualizam e se autodisciplinam – o currículo acaba funcionando também como um poderoso dispositivo.” (Veiga-Neto, 2002: 163)

De facto, podemos considerar que todas as reformas curriculares implementadas ao longo da história parecem ter por princípio comum a eficácia do modelo. Quanto mais eficaz for, mais tempo permanece no sistema educativo.

Mas será o programa curricular de educação visual eficaz no contexto social, político e cultural atual? Num mundo cada vez mais globalizado, não será importante que os alunos adquiram uma visão mais ampla da arte? Não estará este programa curricular a centrar-se em questões fechadas como a arte clássica e a arte moderna? **Não existirá uma marginalização da arte contemporânea?** Qual o critério para a seleção das imagens e qual a importância destas na transmissão de conhecimentos no manual de educação visual?

Os programas da disciplina de educação visual contemplam o ensino de arte contemporânea apenas no 9º ano de escolaridade e numa unidade de trabalho lecionada num período letivo de três meses. Acresce a esta situação o facto de no referido ano letivo a disciplina de educação visual ser optativa, pelo que a aprendizagem de temáticas relacionadas com a arte contemporânea fica condicionada ou impossibilitada.

Para problematizar a ausência das representações de artista contemporâneos no programa da disciplina de educação visual é preciso compreender que esse facto é uma consequência de um processo cultural complexo, enraizado nos quadros estruturantes da formação humana da sociedade, refletindo-se na educação e no pensamento comum.

Mas será esta ausência uma falta de interesse dos professores e dos alunos face às produções de artistas contemporâneas? Ou não existiram realmente obras arte contemporâneas com qualidade?

Pode-se dizer que, de maneira geral, as produções artísticas contemporâneas estão ausentes do programa de educação visual, e por isso são pouco ou nada discutidas nas aulas. Mas também é um facto constatado que os professores não refletem um pensamento crítico face a esta invisibilidade e não questionam a sua ausência nos programas curriculares, que ao serem utilizados condicionam as escolhas ou preferências por artistas clássicos ou modernistas, favorecendo a incompreensão das obras de arte produzidas na atualidade.

Ao observarmos os manuais de ensino de artes visuais, verificamos também uma maior predominância de imagens de obras de arte clássicas e modernistas. Assim, as obras de arte contemporâneas acabam por ser criticadas a partir de critérios adequados a outros movimentos da história da arte.

Esta problemática é encarada, no nosso ponto de vista, como uma forma de discriminação, onde a diferença nos induz a uma leitura negativa do papel da arte contemporânea na sociedade. Desta forma, entendemos que os alunos tendem a desenvolver uma perspetiva deturpada da arte universal. Esta supremacia descontextualizada de arte clássica e modernista sobre a arte contemporânea leva os alunos a desenvolverem uma perspetiva de que, a arte contemporânea é qualitativamente inferior, promovendo preconceitos. Os alunos criam uma perceção fragmentada e desenvolvem uma visão falaciosa sobre arte.

Defendemos que a escola como espaço de desenvolvimento social deveria e poderia construir e problematizar o conhecimento com base em temáticas de arte contemporânea.

Vivemos no século XXI. Esta afirmação poderia ser descabida se não continuássemos a insistir nos mesmos modos de aprender/ensinar que o modernismo implementou há mais de 100 anos.

Por outras palavras, defendemos a utilização de recursos e conteúdos mais próximos da realidade cronológica dos alunos. Nesse sentido, a arte contemporânea pode fornecer a cada aluno uma ideia mais ampla do panorama artístico atual.

Menezes (2006: 37) refere que ao excluir-se a produção artística contemporânea do ensino, aumenta-se a distância entre a arte atual e o público. A este propósito, Cauquelin (2005: 13) argumenta que apesar do número de obras de arte, museus e galerias aumentar, a arte nunca esteve tão afastada do público. Berger (1982: 28) acrescenta que as “pessoas consideram indiscutível, com frequência, que os museus se encontram repletos de relíquias sagradas aludindo a um mistério que elas próprias estão excluídas: o mistério das fortunas incomensuráveis. Ou, por outras palavras crê-se que as obras “ de arte “pertencem à coutada (...) dos ricos”.

Face a este panorama, na atualidade a arte usufrui de um carácter elitista, remetendo a sua compreensão às classes sociais consideradas mais elevadas. No entanto, consideramos premente reunir esforços para desmistificar esta situação, procurando mostrar que a arte se tornou transmissível a todas as pessoas, e neste contexto o ensino da arte nas escolas pode desempenhar um papel fundamental.

Segundo Berger (1982: 15) ao analisar uma obra de arte “o modo como as pessoas olham para ela é condicionado por toda uma série de pressupostos adquiridos sobre arte. Pressupostos que se ligam a Beleza, Verdade, Génio, Civilização, Forma, Estatuto Social, Gosto, etc. Muitos destes pressupostos não se encontram já ajustados ao mundo tal como ele é” estando por isso em “desacordo com o presente”.

Cauquelin (2005: 142) afirma que a “incompreensão da arte contemporânea” está relacionada por um lado com o facto dos trabalhos dos artistas contemporâneos serem “sempre julgados à luz da arte moderna” e por outro lado, por que “o Estado que se quer cultural” mantêm-na “afastada”.

Menezes (2006: 38) defende um ensino de arte com critérios adequados e alerta que a análise de obras de arte contemporâneas segundo critérios ultrapassados gera uma não compreensão dessa arte.

Corroboramos com as ideias explanadas e defendemos um ensino de arte contemporânea com critérios adaptados, de modo a permitir a compreensão da arte contemporânea e a fomentar uma relação de proximidade entre a arte contemporânea e os alunos.

Segundo Hernández (2000: 86) uma outra situação que dificulta o entendimento da arte contemporânea pelos alunos, é o facto de no ensino de arte atual, sobretudo no ensino básico, persistir a ideia de que a arte se reduz à realização de atividades agradáveis, defendendo uma forma de beleza vinculada à beleza formal. Isso ainda se verifica nos

manuais escolares, que destacam a mimese e o desenho geométrico como formas de produção artística, e apresentam atividades pontuais de carácter lúdico.

Para Hernández (2000: 38) os professores de arte devem desenvolver habilidades cognitivas e produtivas nos alunos. No entanto, a maioria das produções dos alunos são realizadas sem reflexão e contextualização, pelo que “o que se aprende no ensino da arte parece ter muito pouco a ver com as estratégias de racionalidade que a sociedade competitiva, produtiva e de eficácia reivindica” (Hernández, 2000: 86).

De acordo com o mesmo autor (2000: 88) os alunos “são vistos como produtores de objetos”, mas devem ser encarados como “construtores ativos de um conhecimento crítico e transferível a outras situações e problemas, não necessariamente artísticos (...) que lhes ajude a interpretar e a agir no mundo em que vivem.”

Esse carácter exclusivamente prático instituiu-se no ensino de arte, segundo a qual é considerada um saber informal de pura manualidade e “não como um campo de conhecimentos organizados que pode ajudar-nos a interpretar o passado, a realidade presente e a nós mesmos” (Hernández, 2000: 38).

Thistlewood (in Barbosa, 2005a: 114) sustenta que

“os estudantes têm direito ao acesso à arte contemporânea. O perigo está, neste caso, na simples imitação. A imitação não é propriamente mal recebida desde que a arte-educação esteja baseada nos princípios do naturalismo pós-renascentista, já que para a sua simples imitação faz-se necessária a aquisição de habilidades que podem ser avaliadas como evidências de aprendizado. Mas a simples imitação das técnicas – mais exatamente a carência de técnica e a subsequente perda da naturalidade (artiness) – de algumas das expressões contemporâneas é considerada improdutiva pelo critério educativo normal.”

Entendemos que um ensino de arte baseado no desenvolvimento de atividades que procurem desenvolver o mimetismo é limitado. Após a invenção da fotografia e da Segunda Guerra Mundial esta visão clássica da arte foi substituída por uma nova conceção de arte baseada no desenvolvimento da expressividade. Neste contexto, consideramos que na atualidade quer a primeira opção, quer a segunda, são limitadas e não se coadunam com a interpretação da arte atual. Em oposição ao ensino tradicional defendemos um ensino de arte onde se valorize a dimensão cognitivista/racional.

A este propósito, Eisner (2002: 26) defende que a aprendizagem com base em obras de arte permite ampliar a experiência estética, possibilitando o conhecimento do mundo e

estimulando a imaginação, onde a capacidade de diferenciar e representar conceitos artísticos proporciona o desenvolvimento cognitivo.

O autor (2008: 10) afirma que “As artes ensinam os alunos a agir e a julgar”, “a prestar atenção a nuances, a agir e a pensar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas”. Assim, o trabalho com artes “cultiva os modos de pensar e sentir”, onde a compreensão das artes implica o desenvolvimento de capacidades cognitivas. Por isso, “à medida que aprendemos nas artes e através delas, nós tornamo-nos inteligentes qualitativamente.”

Uma das lições que as artes ensinam é a descoberta de que “a forma e conteúdo são inseparáveis” (Eisner, 2008: 12). Nas artes não há elementos separados, pelo que deve promover-se a atenção para o particular “através do uso da mente” (Eisner, 2008: 12).

Dewey (in Eisner, 2008: 12-13) refere “que enquanto a ciência declara significado, as artes expressam significado”. Pelo que “o significado não está limitado àquilo que pode ser afirmado”, assim como “o estético não pode ser separado do intelectual. Para que o intelectual seja completo”.

Na linha de pensamento de uma concepção cognitivista/racional da arte, Goodman (1976: 153) sustenta que “as artes não devem ser levadas menos a sério do que as ciências enquanto modos de descoberta, de criação e de alargamento do conhecimento, no sentido amplo do avanço da compreensão”.

Carmo d’Orey (in Goodman, 1995: 16-17) refere que segundo Goodman

“A *compreensão* designa ao mesmo tempo, a *faculdade* que abrange todas as nossas possibilidades de investigar e inventar, o *processo* cognitivo através do qual construímos mundos de qualquer espécie, e o *resultado* obtido por essas construções. A compreensão não exige nem a *verdade* nem a *crença* nem a *justificação*; dá conta tanto da linguagem literal como da metafórica; das afirmações da ciência como dos imperativos da moral; diz respeito a símbolos de todas as espécies e, consequentemente, aos das artes. (...) a compreensão especifica efectivamente uma capacidade unitária que engloba os saberes obtidos através da arte e da ciência (...) através de símbolos denotativos, exemplificativos, expressivos ou referencialmente indirectos e complexos.”

Deste modo, ao colocar a arte a par da ciência, Goodman considera que as noções de crença, verdade e justificação não são condições necessárias ao conhecimento e que, portanto, não se verificam, nem no caso do conhecimento científico e nem no caso do conhecimento artístico. A noção de conhecimento que Goodman defende é substituída pela noção mais abrangente da compreensão, dado que a compreensão não implica a crença, nem a verdade e

nem a justificação, visto que há coisas que compreendemos sem saber se são verdadeiras ou justificadas, e independentemente de acreditarmos ou não nelas.

Neste contexto, Goodman (1976: 244) entende a arte como uma atividade não diferenciada das ciências, a ponto de não poder ver “nesse tênue, efêmero e idiossincrático estado, qualquer diferença entre arte e ciência”.

À luz do pensamento de Goodman, estudado por Carmo d’Orey (in Goodman, 1995: 17) compreender a arte e a ciência já não se trata de separar a beleza, a intuição e a emoção da racionalidade e do saber, pois “nenhuma destas propriedades é privilégio da arte nem da ciência e todas são insuficientes para distinguir uma da outra. A tarefa comum a ambas é a construção de mundos através de sistemas de símbolos”. No entanto, a arte e a ciência não são idênticas, mas as propriedades referidas que tradicionalmente as separavam já não se coadunam com a compreensão da arte contemporânea. “Apesar de tudo, os impressionistas, expressionistas e cubistas, e mesmo a abstração geométrica, podiam ainda ser olhados à luz dos critérios da tradição. Mas outro tanto não acontece com os *ready-made*, os *happenings* ou a arte conceptual que não se conformam com qualquer reajuste desses critérios (...), estas formas de arte exigem categorias novas para a sua compreensão.”

Face ao panorama exposto, a produção e interpretação de arte contemporânea exigem o conhecimento prévio dessas novas categorias e propriedades, e o seu ensino pode exercer um papel determinante no seu conhecimento. Relativamente à interpretação artística Goodman (1995: 104-105) refere que as razões das obras devem ser procuradas na própria obra, “porque representar é seguramente referir, estar por, simbolizar. Toda a obra representacionista é um símbolo; e a arte sem símbolos está restringida à arte sem assunto”.

O que o autor pretende transmitir é que as artes são modos de obtenção de conhecimento. Assim, as obras de arte contemporâneas não se destinam a ser contempladas, mas a proporcionar conhecimento do mundo. E compreender uma obra de arte contemporânea não consiste em descobrir a sua beleza. Compreender uma obra de arte contemporânea é interpretá-la corretamente a partir do exercício de atividades cognitivas.

Goodman ao defender a experiência da arte como cognitiva influencia a tese de um outro grande autor, Howard Gardner.

Gardner (1982: 15) estudou os processos da mente numa ligação com a arte, vendo nas artes um meio privilegiado de estimular os sentidos fundamentais ao desenvolvimento da cognição e da criatividade.

Segundo o autor (1982: 60) “a unidade básica do pensamento humano é o símbolo, e as entidades básicas que os humanos operam num contexto significativo são sistemas de

símbolos”. Através do uso de símbolos e de diferentes sistemas de símbolos o pensamento humano pode desenvolver-se. “Esses sistemas de símbolos ou códigos de significado são os veículos através dos quais ocorre o pensamento: por sua própria natureza, são sistemas abertos e criativos. A mente humana, através do uso de símbolos (...) pode criar, corrigir, transformar e recriar produtos, sistemas e até mesmo novos universos de sentido” (Gardner, 1982: 24-25). Com eles abre-se “a possibilidade de um desenvolvimento interminável de mundos significativos: nas artes, nas ciências e em todos os domínios da atividade humana” (Gardner, 1982: 60).

“Compreender os símbolos é algo que é necessário em todos os aspetos da vida” (Gardner, 1982: 133). Com efeito, a utilização de símbolos é tão difundida na cultura humana que é difícil encontrar qualquer campo da expressão do homem que não contenha símbolos ou simbolizações. Por outro lado, a simbolização cumpre um papel particularmente importante e interessante nas artes, pois está presente em todas as formas de arte através de uma variedade de utilização de símbolos, onde se inclui “a expressão de emoções, a exemplificação de propriedades sensoriais e a referência ao próprio símbolo” (Gardner, 1982: 133).

Gardner (1982: 138) defende “a variedade do uso precoce de símbolos com as crianças, a distinção do uso simbólico em diferentes meios de comunicação e a integração dos aspetos cognitivos e afetivos”, com a finalidade de evitar uma visão parcial e distorcida da simbolização.

Neste sentido, o autor (1982: 130-131) sustenta que os professores devem mostrar às crianças, em fases apropriadas ao seu desenvolvimento, o que é a arte, defendendo que “eles poderiam começar por apreciar os critérios formais subjacentes” nas obras de arte, formulando “julgamentos críticos”.

A arte apresenta-se como “um meio privilegiado e talvez único de expressar ideias, sentimentos e conceitos”, onde os alunos podem “confrontar-se com eles próprios e expressar a sua própria visão do mundo” (Gardner, 1982: 124).

Estas ideias apontam para fronteiras cognitivas que o nosso ensino deve explorar, tornando-se mais eficiente para com a realidade atual, visto que “as nossas vidas requerem cada vez mais a capacidade de tratar mensagens conflituosas, (...) de lidar com a ambiguidade, e de fabricar soluções imaginativas para os problemas que encontramos” (Eisner, 2008: 15).

Tendo por base o contexto exposto, a abordagem de conteúdos artísticos contemporâneos revela-se um exemplo de excelência, pois permitem conduzir o aluno a um

despertar crítico e interventivo para a realidade atual e, como consequência, para a sua própria situação diante do mundo.

2. Implicações na docência

A arte contemporânea pode constituir um ponto de partida para o desempenho de uma prática mais significativa, mais profunda e reflexiva no processo de ensinar e aprender arte.

De acordo com Menezes (2006: 4-5) a arte contemporânea pode promover “novas posturas metodológicas, práticas e propostas; novos pensamentos e visões do professor sobre ensinar arte” e “interpretações, questões e realizações diferenciadas por parte dos alunos”.

A arte contemporânea como assunto pode levar à discussão e à análise da arte, da sua história, dos seus temas, das suas intenções, e pode ser um ponto de partida para abordar outros temas que não estão relacionados somente com a arte contemporânea.

Thistlewood (in Barbosa, 2005a: 114) alega que independentemente das reações que a arte contemporânea provoque “choque, prazer, repulsão, afeição, indiferença”, os professores têm a responsabilidade de ensiná-la, “para que os estudantes possam absorvê-la criticamente”.

Koneski (2009: 12) refere que o que a arte contemporânea nos oferece “não é mais, por determinação de nossos velhos hábitos, o que esperamos dela (...) ela diz o inefável, e o inefável é esse ruído indizível, que se faz vestígios, que acumula questionamentos. E perceber que neste atestado estranhamento que ela nos causa está a sua profundidade”.

Para Menezes (2006: 5) a arte contemporânea devido à relação de proximidade com a realidade atual permite “uma atitude ou postura relativa ao conhecimento, à arte e à cultura contemporânea, levando em conta valores tais como a abertura, a complexidade e a diferença”.

A arte contemporânea favorece a aceitação da diversidade e como referido no capítulo anterior permite um deslocamento do conceito de obra de arte, do papel do artista, do espaço de arte e do posicionamento do público em relação a ela. Assim, o seu ensino propõe um deslocamento do aluno, de uma postura fixa como espectador a uma postura mais interventiva, questionadora e crítica. Estas situações podem despoletar um ensino mais desafiante para o professor e uma aprendizagem mais significativa para os alunos, através de um maior envolvimento e interesse.

Ao abordarmos a arte contemporânea em contexto escolar, defendemos que o professor deve exercer um papel participativo, questionador e desconstrutor de sentidos.

Konesky (2009: 11-12) defende que o professor deve ter uma postura de reflexão teórica permanente, de modo a fundamentar o “processo de destruição de hábitos”, de modo a “auxiliar seus educandos e perceber a fecundidade do ruído que a arte contemporânea aponta, mostrar-lhes a fecundidade desse estar para além do que podemos pensar, ou desse muito próximo que nos tira o sentido de compreender”.

A autora (2009: 11-12) propõe uma mudança na relação entre educação, homem e arte. E sustenta “a criação de uma postura diferente”, com o objetivo de transformar o “sentido da história das relações entre o homem e a arte”.

A arte contemporânea pode permitir ao aluno lidar com a diversidade de um modo positivo na arte e na vida, de modo a promover o entendimento de cruzamentos culturais pelo reconhecimento da diversidade cultural da arte na sociedade, e a possibilitar a confrontação de problemas como a democracia, as opressões, o racismo, o sexismo, entre outros.

Apesar dos benefícios apontados, é frequente a dificuldade de entendimento e aceitação das novas possibilidades artísticas propostas pela arte contemporânea, o que se traduz muitas vezes, em insegurança e resistência e até recusa em abordar o assunto na sala de aula.

Para superar essa situação, entendemos necessário que cada professor desenvolva um trabalho individual focado nos diversos processos de criação, baseado no estudo teórico e no fazer experimental. Desta forma, é desejável que o professor antes de ensinar arte contemporânea desenvolva o hábito de produzir e apreciar arte contemporânea, com o objetivo de ampliar o seu contato com a criação artística, adquirindo novas habilidades técnicas, novos modos de construção e novos pensamentos relativos à própria arte. Esse percurso facilita ao professor o estabelecimento de um contato menos árido com a obra de arte contemporânea e colabora no processo de aprender/ensinar arte na escola.

Criar e manter uma relação com as experiências artísticas contemporâneas permite ao professor conduzir um trabalho mais rico e seguro junto dos alunos. E é, também, uma tentativa de diminuir as falhas existentes entre a produção contemporânea, professores e o ensino de arte, procurando um ensino mais interventivo, plural e múltiplo como a própria arte.

Defendemos que o ensino de arte deve ser um processo de escolhas e mudanças realizadas a partir de transformações internas e buscas pessoais dos professores. Deste modo, salienta-se a necessidade de uma formação docente também interessada na construção de reportórios pessoais e de índole pesquisadora.

Loponte (2014: 652) defende uma docência artística alicerçada numa “estética de si”, onde a arte e estética fazem parte do próprio modo de ação, do modo de ser do docente.

Assim, é possível pensar num ensino mais interventivo, mais plural e múltiplo como a própria arte. Para a autora (2014: 649) o ensino de arte deve ser um processo de escolhas e mudanças realizadas a partir de transformações internas e buscas pessoais dos professores.

O domínio de habilidades manuais e conhecimentos técnicos não são suficientes para a lecionação da arte contemporânea, visto que esta requer um elevado nível de análise e parte de uma diversidade de interpretações e conexões, que estão para além da simples exploração dos elementos da linguagem visual.

Segundo Barbosa & Amaral (2008: 30) no ensino de arte contemporânea, o fazer artístico puro, espontâneo e ingênuo, o conceito de criatividade implícitos ao “fazer pelo fazer”, ao “fazer livre” ou ao “aprender fazendo” são considerados insuficientes. A autora sustenta que “o ensino de arte pode ser um instrumento de aquisição de conceitos, teorias, técnicas que pertencem ao *saber* arte, podendo também fomentar discussões e dar motivo para reflexões importantes na contemporaneidade” (Barbosa, 1997: 10-11).

Ana Mae Barbosa (1982: 122) defende um ensino contextualizado e reflexivo, onde os professores de arte devem “analisar as condições propícias à aprendizagem”, transformá-las num “instrumento de reflexão crítica, extensão e aprofundamento do universo cognitivo, afetivo e social”. Alerta, também, para “a necessidade de promover um ensino de arte no qual a figura e fundo se interpenetram.”

Neste contexto, o ensino de arte deve associar-se à cognição, à expressão concreta intencionada, desenvolvendo “formas subtis de pensar, diferenciar, comparar, generalizar, interpretar, conceber possibilidades, construir, formular hipóteses e decifrar metáforas” (Barbosa, 2005a: 17).

Entendemos que o ensino de arte contemporânea deve ser promotor de competências cognitivas, convocando um caráter objetivo e a criatividade, com a pretensão de evidenciar a “educação como um processo de aprender” e “como um inventar a nós mesmos”, e de modo a possibilitar a “exploração de múltiplos sentidos e significações” da arte contemporânea (Barbosa, 2005a: 12).

Desta forma, o saber/ensinar arte contemporânea exige análise crítica e dimensão contextual, mas também um estabelecer permanente de diálogos, debates, e contatos com a diversidade de formas de arte contemporânea, criando sempre uma relação com a realidade.

Enquanto a perspectiva modernista dá a conhecer a obra de arte mediante um objeto autónomo, que o observador contempla passivamente, as formas de expressão de arte contemporânea traduzem-se em experiências em que o público participa ativamente na

relação com a obra. Consideramos que este processo pode permitir um maior envolvimento dos alunos.

Defendemos a integração da arte contemporânea no ensino e o que esperamos é que, independentemente da idade dos alunos, a prática de arte na escola não se reduza à pura manualidade, mas a um investigar dos seus contextos e significados. A arte contemporânea é ampla no que respeita às suas temáticas, técnicas e materiais, pelo que as possibilidades de abordagem em contexto escolar são múltiplas e devem ser adaptadas às idades dos alunos.

O trabalho escolar com arte contemporânea possibilita um olhar para além da superfície, ao procurar o entendimento que perpassa pelos desdobramentos do objeto artístico e ao compreender os seus significados. Permitindo aos alunos o conhecimento de conceitos artísticos, políticos, sociais, biográficos, sociológicos, étnicos, culturais, etc.

3. A imagem da obra de arte contemporânea como estratégia

A nossa existência é pautada por imagens visuais, a sociedade onde nos inserimos é cada vez mais consumista e nela as imagens visuais emergem de forma incessante. A linguagem visual invade, alicia e controla as nossas vidas.

A imagem visual é tão abrangente que a sua importância é reconhecida em todas as áreas de conhecimento, tendo um grande poder de comunicação. Instalou-se no nosso quotidiano enquanto consumidores e muitas vezes produtores de imagens.

Para Acaso (2009: 34) a imagem representa “uma série de mundos visuais, paralelos ao mundo real e constituídos através da linguagem visual que tem uma influência em nossas vidas cada vez maior que a própria realidade”.

Segundo Berger (1982: 133) “nunca houve uma forma de sociedade na história em que se desse uma tal concentração de imagens, uma tal densidade de mensagens visuais”.

O mesmo autor (1982: 14) acrescenta que “Nenhuma outra espécie de vestígio ou texto (...) nos pode dar um testemunho tão directo sobre o mundo”. Neste sentido, “as imagens são mais rigorosas e mais ricas que a literatura”.

“Se a nova linguagem de imagens fosse utilizada de outro modo, conferiria, pelo seu uso, uma nova forma de poder. Poderíamos, através dela, iniciar a definição das nossas experiências, com maior rigor, em áreas onde as palavras não são adequadas (ver começa antes das palavras). Não só a experiência pessoal como também a experiência histórica (...) ou, melhor dizendo, a experiência

de procurar dar um significado às nossas vidas, tentar compreender a história, da qual podemos tornar-nos os agentes dinâmicos.” (Berger, 1982: 37)

A arte contemporânea como parte desta sociedade surge nesta cultura visual, onde a imagem é portadora de um grande poder de informação e se assume como um meio que estimula a comunicação. Como argumenta Bourriaud (2006: 31) permite “estados de encontro”, relações de prazer e de conflito. Surgindo como reflexo da sociedade, as imagens tornam-se formas de conexão com a realidade envolvente, quer a nível individual e/ou social, influenciando os indivíduos através do seu carácter sugestivo, interpretativo e significativo. A imagem apresenta-se atualmente como uma possibilidade de revelação de novas “possibilidades de vida”.

Segundo Flávia Bastos (in Barbosa, 2005a: 264) o conhecimento de imagens permite o desenvolvimento da cognição na inter-relação da multiplicidade das imagens da cultura visual, entendendo-se que cultura visual “é o termo dado à mudança e à compreensão de arte expandida”. O visual é, deste modo, um dos temas centrais do pensamento crítico contemporâneo, assumindo um papel fundamental na construção de identidades, em práticas culturais, formas de prazer e socialização.

De acordo com Huyghe (1998: 498) a imagem da obra de arte desperta a consciência de cada indivíduo. É uma imagem diferente e diversificada que exercita “simultaneamente, as nossas faculdades sensíveis, intelectuais e práticas”.

Ao refletirmos sobre a utilização da imagem em contextos educativos, facilmente encontramos vantagens comunicacionais e didáticas para o processo de ensino-aprendizagem. Assim, entendemos que a utilização de recursos pedagógicos atuais, como a imagem da obra de arte, permite uma comunicação mais eficiente, atual, rápida e versátil, que aproxima a arte dos alunos.

Calado (1994: 72) afirma que a adoção de metodologias didáticas apoiadas em estratégias como a imagem possibilita aos alunos “o desenvolvimento de faculdades que permitem enfrentar com cada vez maior segurança e autonomia a overdose informativa que lhe é oferecida pelo contexto sociocultural”.

Para a autora (1994: 67) a utilização da imagem em contexto da sala de aula possibilita a análise dos seguintes aspetos: o nível sintático, referente à cor, à dimensão e à complexidade; o nível semântico, referente ao valor informativo; o nível pragmático, referente ao interesse, experiência, desenvolvimento e expectativas.

Ana Mae Barbosa (2002: 19) defende a integração de imagens de obras de arte como uma forma de ensino-aprendizagem fundamental, que tem aplicabilidade na escola e na vida cotidiana, pois só desse modo se poderá compreender e sentir uma obra de arte, “ler corretamente uma imagem ajuda a exercitar a consciência acerca daquilo que aprendemos”, a escola, deve neste contexto, ter um papel ativo e aplicar esforços para o entendimento da imagem, cujo objetivo é permitir a construção da cultura visual dos alunos.

A mesma autora (2005b: 37) refere que o uso de imagens de obras de arte no ensino deve ser utilizado de forma fundamentada e coerente à concepção de “apropriação” da produção contemporânea. Isto é, não com a pretensão que os alunos a observem contemplativamente e/ou que procedam à sua cópia fiel, mas com o objetivo de que exerçam sobre ela uma análise crítica e interpretativa.

Ana Mae Barbosa sustenta (2005b: 34) que se os alunos estiverem preparados para ler imagens produzidas por artistas, estarão mais aptos a decodificar imagens no seu meio envolvente. Salienta ainda que existem pesquisas que afirmam que 80% do conhecimento informal adquirido pelo ser humano vêm através de imagens.

Defendemos que a imagem de obras de arte contemporâneas são potencializadoras de aprendizagens significantes. Assim, ao compararmos a imagem de arte moderna com a imagem de arte contemporânea consideramos que a segunda pode ser uma estratégia mais aliciante em contexto educativo, visto que está mais próxima da realidade dos alunos, aborda problemáticas atuais, é mais inovadora relativamente aos seus recursos, técnicas e materiais. Tomamos como exemplo a obra *O quarto em Arles* de Van Gogh e a obra *Marilyn* de Joana Vasconcelos. A primeira permite aos alunos uma análise dos elementos da linguagem visual, da temática da obra de arte no percurso do artista num registo autobiográfico e da sua contextualização histórico-cultural. A segunda para além da análise dos elementos da linguagem visual e da contextualização histórico-cultural permite também levantar questões pertinentes de pendor social e artístico. Entre as quais destacamos:

O conceito de arte na atualidade, abordando a ideia de arte pública, a importância da dimensão da obra de arte, a apropriação de objetos como prática artística, e a necessidade de conceptualização da obra de arte contemporânea;

O papel atual do artista, alertando para a possibilidade do artista poder não executar a obra e desmistificando o mito de genialidade e de talento do artista na contemporaneidade;

O confronto com a noção de feminilidade, beleza, sensualidade, condição feminina, relações entre classes e papéis de género na sociedade atual.

Neste contexto, ao longo da implementação do nosso trabalho na nossa turma de estágio entendemos o uso de imagens de obras de arte contemporâneas como um recurso educativo muito útil, que possibilita o contacto com experiências artísticas. Alargando a visão tradicional dos alunos da arte. Tornando mais ampla a possibilidade de conhecer, apreciar, questionar, pesquisar, produzir e compreender a arte, a cultura e a sociedade contemporânea.

4. Potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea

Durante séculos a produção de arte esteve associada ao conceito de beleza e à reprodução mimética do objeto real. Numa visão tradicional já referida, a função do professor de artes visuais ainda transmite na atualidade essa ideia de produção de arte, incitando os alunos a desenvolver a destreza manual, a desenhar formas precisas e a copiar fielmente os objetos reais.

O conceito de arte mudou face às imposições da arte contemporânea, este é mais abrangente no que respeita a materiais, técnicas e temas, e possui dimensões mais cognitivas e criativas, pelo que consideramos que o ensino deve adaptar-se a esta nova realidade.

Neste sentido, a nossa intervenção pratico-pedagógica pretende desenvolver as capacidades cognitivas e criativas dos nossos alunos através da arte contemporânea, de modo a potencializar um ensino-aprendizagem mais atual e eficaz.

Face ao contexto exposto e objetivos referidos, partimos da linha de pensamento do autor David Best, que defende a arte como uma atividade racional.

Este autor (1996: 7) associa as artes ao conceito de racionalidade, defendendo que como qualquer outra ciência, as artes também exigem o exercício da racionalidade.

Neste sentido, a experiência artística, quer seja do artista ou do espectador, não é “puramente subjetiva” ou “resposta a anseios misteriosos e metafísicos” (1996: 8). Esta é “totalmente cognitiva e racional, e como tal, envolve aprendizagem e compreensão” (1996: 7).

Segundo o autor (1996: 12) os juízos artísticos advindos dessa experiência são “justificados racional e objetivamente”. O facto de muitas vezes serem “expressões de sensibilidade e valor individual” assentes no sentimento, pode induzir que sejam encarados como “puramente subjetivos”, mas essa situação coloca em causa o lugar da arte na educação, pois invalida “qualquer explicação para a compreensão da experiência artística ou para o valor das artes” na educação.

Mas será possível educar artisticamente apenas com base no sentimento sem compreensão e conhecimento?

Tendo por base uma concepção subjetivista do ensino da arte, os sentimentos na experiência artística podem ser induzidos, mas essa indução coloca em causa a “liberdade individual e integridade do sentimento”, fundamentais no campo das artes. Pela indução de sentimentos, não existe liberdade, “nem desenvolvimento artístico individual”, apenas “respostas condicionadas” (Best, 1996: 19).

Na educação da arte numa concepção cognitivista, este sentimento “Serve para acentuar que necessitamos de um conceito mais rico do que é a experiência emocional”, e considera que o conceito de sentimento da concepção subjetivista é “limitativo e ininteligível em extremo” (Best, 1996: 20).

David Best (1996: 15) defende que os sentimentos envolvidos na criação e apreciação de arte não são puramente subjetivos. Os sentimentos “envolvem necessariamente a compreensão ou conhecimento (...) Um sentimento artístico é identificado e o seu carácter determinado pela direcção em relação a um objecto; o sentimento não pode ser identificado independentemente de uma certa interpretação, concepção ou entendimento de arte” (Best, 1996: 16). Portanto a racionalização do sentimento, suscitado pela arte, permite a interpretação e a consequente compreensão da arte. Racionalizar pode mudar a compreensão e assim o sentimento. Neste sentido, o sentimento na experiência artística apela à objetividade abolindo a subjetividade.

As concepções de arte assentes na subjetividade, ainda permanecem na escola e na sociedade, e condicionam a compreensão da arte e consequentemente da realidade envolvente. A arte como um assunto de sensibilidade subjetiva afasta-se do domínio cognitivo racional e gera preconceitos como o de que através da arte nada se apreende, remetendo-a a um papel secundário no ensino, onde os alunos de artes são encarados como menos inteligentes.

“Não fazer *nada* é incorrer em responsabilidade moral, uma vez que os estudantes poderiam ganhar um maior enriquecimento se tivesse sido feito algo *positivo*. Se as artes são realmente importantes para o desenvolvimento humano, então todos os professores de arte deverão reconhecer esta irresponsabilidade inevitável.” (Best, 1996: 9)

Ao tornar-se a experiência artística cognitiva mostra-se que a arte tem uma componente educacional que envolve a compreensão e a racionalidade como qualquer outra área curricular. Torna-se “necessário reconhecer que os conceitos subjetivos da sensibilidade

artística são ultra-simplificados e distorcidos e, em último caso, não fazem sentido” (Best, 1996: 33).

Defendemos que em contexto educativo a arte contemporânea serve como um exemplo de excelência, visto que a sua compreensão pressupõe que o artista ou o espetador exerçam interações significativas de teor cognitivo na sua ação produtiva e interpretação, abolindo a noção de subjetividade da arte.

Partindo das considerações do autor, na nossa intervenção pedagógica, pretendemos que a experiência artística com a obra de arte contemporânea encontre as suas raízes no exercício da racionalidade através da interpretação do objeto artístico e da ação produtiva.

a) No processo interpretativo do objeto artístico, Best (1996: 60-61) defende a necessidade de um “raciocínio interpretativo”, este tipo de raciocínio pode permitir “uma interpretação, avaliação ou quadro de um fenómeno ou situação, e é central não só nas artes, mas também para o conhecimento científico e outras formas de conhecimento”. Estas interpretações podem ser variáveis e igualmente válidas. Assim, através do raciocínio é possível “abrir possibilidades de percepção que, de outro modo, permaneceriam fechadas”.

As interpretações artísticas podem designar-se por inteligíveis e indefinidas, mas nunca ilimitadas. “O conceptual, que é fundamental, dá significado à realidade e estabelece os limites da interpretação inteligível” (Best, 1996: 64). Uma interpretação inteligível tem por base a linguagem, mas não é apenas uma classificação, mas sim um conceito. Estes conceitos podem ser qualificáveis, podem relacionar-se com “finalidades e intenções pré-linguísticas (...) que uma criança pode ter” ou podem basear-se em “ações ou respostas instintivas” (Best, 1996: 64). Torna-se fundamental salientar que as interpretações inteligíveis podem ser desenvolvidas atendendo também aos interesses dos alunos.

Os juízos envolvidos na interpretação artística devem ser objetivos, não devem ser indeterminados ou reduzidos a preferências pessoais, gostos ou aversões subjetivas. Devem apoiar-se em razões abertas à discussão racional.

“A educação na apreciação artística consiste amplamente em aprender (...) a desenvolver a capacidade de discernir, dum modo acentuadamente perceptivo, as avaliações e interpretações objetivas sobre as obras de arte em si mesmas.” (Best, 1996: 84)

Os juízos artísticos podem frequentemente ter por base “sentimentos pessoais sobre uma obra de arte”, mas podem ser “completamente objetivos”, na medida em que “podem

aduzir razões para os sentimentos por meio de referência a traços característicos da obra” (Best, 1996: 85). Como exemplo, pode recorrer-se aos diferentes elementos visuais constantes na obra de arte, numa lógica de associação entre esses elementos.

O juízo artístico é certamente uma questão individual na medida que tem por base sentimentos pessoais sobre a obra de arte, mas esse carácter individual não é limitado, porque apela à razão. O que pretendemos é a objetivação dos juízos artísticos dos nossos alunos, defendendo que estes podem ser mutáveis por meio do confronto com as diferentes razões da obra de arte e da sua reflexão individual.

O que procuramos potenciar é que através da arte contemporânea seja possível que os alunos alcancem um desenvolvimento artístico individual através do pensamento e da experiência. Na procura de um “ideal” que Best (1996: 125) define como inteligível, “com o qual as potencialidades individuais podem ser completamente atingidas”.

b) Na ação produtiva pretendemos desenvolver as potencialidades criativas e cognitivas dos alunos. A noção de criatividade que defendemos está associada ao processo criativo dos alunos, materializa-se no produto artístico realizado por meio de ações que procuram estimular a cognição dos alunos.

Segundo Best (1996: 129) na conceção subjetivista da arte a criatividade é “inexplicável”, facto que “conduziu à convicção comum que não podem existir critérios em relação à criatividade; que a criatividade é um processo misterioso, puramente subjetivo e íntimo e que, por isso, não pode ser ensinado”. Defende que esta conceção é “vazia e fatalmente prejudicial” e deve ser “rejeitada e substituída por um pensamento revogado e rigoroso”.

Como já referido, a arte não se prende com questões “ocultas” ou “metafísicas”, pelo que “a criatividade ocorre e é reconhecível” e a sua verificação efetua-se por meio do processo criativo implícito na produção artística (Best, 1996: 130).

“As implicações no que respeita a aprendizagem e ensino são de importância considerável, uma vez que a criatividade só pode, de facto, ser educada estabelecendo o produto como criativo. Ser criativo exige uma boa compreensão dos critérios de validade e valor da actividade em questão (...) só se confere a aceção de originalidade contra um conhecimento anterior do tradicional. Para que uma realização seja considerada criativa deve simplesmente ultrapassar regras ou práticas convencionais”. (Best, 1996: 131)

Neste contexto, a criatividade articula-se com a inovação e a originalidade, e pressupõe um distanciamento do tradicional. Não se coaduna com processos subjetivos, porque é uma experiência mental do processo criativo. Devemos procurá-la no carácter criativo das atividades e nos produtos artísticos concebidos.

Concordamos com Best (1996: 123) quando refere que “o contributo mais importante da educação, em todas as áreas do currículo, é abrir horizontes de compreensão”. A compreensão depende necessariamente da experiência artística como atividade cognitiva, quer ao nível da sua interpretação ou ação produtiva.

Partindo das referidas considerações que intercetam a arte, a cognição e a criatividade, defendemos que o ensino de arte pode estimular o desenvolvimento cognitivo e criativo dos alunos, e se alicerçado em assuntos relacionados com a arte contemporânea, essas potencialidades são ainda mais evidentes.

As obras de arte contemporâneas são portadoras de múltiplas dimensões (técnicas, matéricas, temáticas, conceptuais, históricas, culturais, sociais, etc) que as obras de arte produzidas noutros períodos artísticos não possuem, e por isso permitem um maior questionamento. Pelo que, quer a sua interpretação ou a sua ação produtiva exigem o exercício da racionalidade e propiciam o desenvolvimento cognitivo e criativo dos alunos.

À necessidade de conceptualização alia-se uma diversidade de recursos, materiais e técnicas. As temáticas abordadas impõem-se numa completa liberdade, são críticas e autocríticas, e podem levar os alunos a um melhor conhecimento da realidade atual e a um melhor conhecimento de si.

Neste contexto, o conhecimento de obras de artistas contemporâneos pode potenciar o desenvolvimento cognitivo e criativo dos alunos no que respeita ao domínio conceptual designadamente à formação de conceitos e ideias, ao domínio produtivo no que concerne ao manuseio de materiais e técnicas, e ao domínio interpretativo, porque possibilita uma abordagem mais crítica e autocrítica.

Se compararmos duas obras de arte não sequenciais verificamos facilmente a existência de uma maior possibilidade de desenvolvimento das potencialidades cognitivas e criativas dos alunos através da arte contemporânea. Por exemplo, ao compararmos a obra *Mona Lisa* de Leonado Da Vinci e a obra *Marilyn* de Vik Muniz somos levados a refletir sobre as diferenças de representação do retrato feminino. Ambas são ícones de beleza do seu tempo. A primeira recorre à mimesis e a recursos e materiais de produção artística tradicionais, como a pintura a óleo. A segunda estabelece uma relação conceptual entre o objeto representado e o material utilizado, distancia-se da prática da mimesis porque não

pretende alcançar a cópia fiel do objeto real, pretende apenas presentificá-lo, de modo a que o objeto seja identificável e para tal recorre à utilização de materiais mais criativos, como diamantes. Na segunda até a própria dimensão pode ser um desafio, visto que esta possuiu uma dimensão muito maior.

Face ao panorama exposto, pretendemos com a nossa intervenção pratico-pedagógica averiguar na nossa turma de estágio o desenvolvimento das potencialidades cognitivas e criativas proporcionadas pelo ensino de arte contemporânea.

5. A proposta triangular de Ana Mae Barbosa

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa serviu de apoio à implementação da nossa intervenção pedagógica. Esta abordagem metodológica postula que a construção do conhecimento na arte acontece a partir de três ações mental e sensorialmente básicas: a leitura da obra de arte, a contextualização e o fazer artístico.

Em virtude da contemporaneidade desta proposta e da sua possível articulação com o nosso objetivo de colocar a arte contemporânea no ensino, esta serviu-nos como um exemplo de excelência que nos permitiu explorar a arte contemporânea em contexto da sala de aula através da utilização da imagem, contribuindo para a melhor compreensão dos alunos face à arte contemporânea, pela leitura e contextualização da obra de arte contemporânea, e por um fazer artístico contextualizado.

Ana Mae Barbosa, na década de 1960, procura com esta proposta, respostas às perguntas sobre o papel da arte na formação do homem, e sobre o espaço efetivo que a arte deveria ocupar no sistema de ensino. Desde então, esta proposta tem sido difundida, muitos professores de arte têm-se apropriado dela e colocado em prática na sala de aula.

Segundo Ana Mae Barbosa (1998: 34) a Proposta Triangular “modificou o ensino de Arte (...) introduzindo o conhecimento da Arte ao lado da prática com meios artísticos (...) salientou a importância da interpretação da Arte e das vantagens de ver e analisar as obras”. Nesta aproximação da arte ao ensino, a autora (1998: 35) alega que “a Proposta Triangular (...) tem correspondido à realidade do professor que temos e à necessidade de instrumentalizar o aluno para o momento em que vivemos”.

Para a autora (1998: 41) “A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialógica, multiculturalista e é pós-modernista (...) por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula”.

Esta proposta protagonizou transformações no ensino de arte, de forma a favorecer uma atuação mais crítica pelos professores no seu desempenho pedagógico. Esta nova perspectiva de ensino de arte fomenta, deste modo, uma aproximação do professor e do aluno à arte. Se, antes, ensinar arte reduzia-se ao desenvolvimento da manualidade, com esta proposta é necessário não só o fazer artístico reflexivo, mas também a leitura da obra de arte, assim como a sua contextualização.

Nas alíneas subsequentes procedemos à análise das três ações que determinam esta proposta.

a) Leitura da obra de arte

A primeira ação intitula-se de leitura da obra de arte e propõe a utilização de imagens de obras de arte na sala de aula, tem por objetivo ser complementada com a segunda ação designada por contextualização e servir como referencial para a terceira ação denominada por fazer artístico.

Ana Mae Barbosa (1998: 92) afirma que inicialmente esta ação usou o termo apreciação, que mais tarde substituiu por leitura e alega que prefere a expressão “leitura” em vez de “apreciação”, por temer que o termo apreciação seja interpretado como um mero deslumbramento estético sobre a obra de arte.

Neste sentido, a leitura da obra de arte não se reduz à fruição/prazer estético, mas também ao conhecimento. Este conhecimento exige do apreciador um esforço de interpretações das formas simbólicas, para percebê-las como a expressão de outro sujeito e como uma mensagem a ser compreendida.

Nesta linha de pensamento, procuramos propor uma prática educativa que contrarie o entendimento de que a prática artística e a sua apreciação são atividades sem profundidade. Assim, a leitura de uma obra de arte possibilita um olhar mais profundo do que a simples apreciação como ato contemplativo.

A contemplação, no senso comum, é uma atitude fundamentada na superficialidade. A contemplação de uma obra de arte pode ser entendida como um olhar de deleite e no que respeita à arte contemporânea, como já referido, devido ao seu carácter conceptual, esta exige mais do que um ato contemplativo. No entanto, a ideia da arte como objeto contemplativo é tão presente no público em geral que, grande parte das pessoas que não têm contacto com a arte e visitam uma exposição sentem-se incapazes de ao olhar para uma obra de arte, questionarem a obra e o artista sobre o significado da mesma.

Em virtude do contexto exposto, torna-se fundamental fomentar a leitura da obra de arte em contexto educativo desenvolvendo as suas potencialidades críticas, de forma a colmatar este problema.

Mas quais são os conhecimentos necessários para ler uma obra de arte?

Segundo a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (1998: 18), é necessário ensinar a gramática visual e a sua sintaxe através da arte. No ensino da arte, a gramática pode ser compreendida como a aprendizagem dos elementos visuais das artes visuais, a sintaxe o modo como esses elementos se relacionam.

Para a autora (1998: 18) “Compreender uma imagem implica ver construtivamente a articulação de seus elementos, suas tonalidades, suas linhas e volumes. Enfim, apreciá-la, na sua pluralidade de sentidos”.

Ana Mae Barbosa (1998: 17) defende que o ensino da leitura da imagem através da arte favorece uma leitura do mundo das imagens, sejam elas arte ou não. Conforme a autora (1998: 17) “Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte (...) é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem”.

Neste sentido, o ensino da arte pode com esta proposta situar-se como um campo de conhecimento no qual o pensamento sobre a realidade visual é efetuado. Assim, sustentamos que através da leitura das obras de artes plásticas contemporâneas preparamos os nossos alunos para a descodificação da gramática visual das imagens que proliferam não só na arte, mas também em toda a sua realidade visual envolvente.

De acordo com a autora (1998: 138) “Os professores, tradicionalmente (...) têm medo da imagem na sala de aula (...) porque não foram preparados para descodificá-la e usá-la em prol da aprendizagem reflexiva de seus alunos.”

Consideramos que o professor de arte deve servir-se do uso de imagens na sala de aula e deve conhecer as especificidades das linguagens artísticas, pois como qualquer outra linguagem, a arte possui um conteúdo próprio, de forma a possibilitar ao aluno o domínio do conhecimento artístico necessário à compreensão dos significados das obras de arte, e por meio da sua leitura os alunos podem tornar-se mais críticos e interventivos.

Ana Mae Barbosa (1998: 46) defende que a leitura é interpretação, sendo que as interpretações de uma obra de arte podem ser diversas. As interpretações podem ser “mais ou menos convincentes, ou coerentes ou razoáveis, ou iluminadoras, ou abrangentes, ou inclusivas, etc. (...) implicam visão do mundo, logo, pode haver interpretações contraditórias e competitivas de um mesmo trabalho”.

Na mesma linha de pensamento, Ana Amália Barbosa (in Barbosa, 2005a: 143) refere que a leitura da obra de arte “propõe a leitura do mundo e de nós mesmos neste mundo”, uma leitura é uma “interpretação” e não existe uma “interpretação correta”, “pois qualquer obra é aberta a diversas interpretações e depende do ponto de vista (...) do leitor/espetador”.

Neste processo de leitura da obra de arte, o professor deve partir de uma abordagem problematizadora instigando o olhar e a reflexão, e respeitando as interpretações dos alunos.

Ainda, no que respeita à leitura da obra de arte a autora (1991: 43) defende que esta aproxima os alunos da arte pela sua compreensão e permite também que posteriormente o aluno faça “releituras gráficas expressivas de obras de arte” de forma contextualizada.

b) Contextualização

Em relação à segunda ação da Proposta Triangular, a contextualização, esta tem por objetivo elucidar os alunos relativamente aos diferentes contextos da arte, abordando questões relacionadas com a história, a cultura, os artistas, os movimentos e a sociedade.

Para Ana Mae Barbosa (1991: 37) a contextualização não parte de uma história linear da obra de arte, deve procurar contextualizar a obra de arte no tempo histórico e contemporâneo. No seu processo salienta que é importante “formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos diferentes acerca de imagens e de Arte”.

Segundo a autora esta ação deve permitir que cada aluno possa poder olhar e interpretar a arte de uma forma única.

“Não adotamos um critério de história da arte objetivo e cientifizante que seja apenas prescritivo, eliminando a subjetividade (...) Cada geração tem direito de olhar e interpretar a história de uma maneira própria, dando um significado à história que não tem significação em si mesma.”
(Barbosa, 1991: 38)

Ana Amália Barbosa (in Barbosa, 2005a: 143) defende também que a “contextualização propõe que se contextualize a obra de arte não só pela via histórica”, mas também através do estabelecimento de “relações” da obra de arte “com o mundo em redor”, de forma a olhar a obra de arte “de forma mais ampla”. Deste modo, a contextualização deve ser um processo necessário que facilita a compreensão da arte, numa relação problematizadora com o que a rodeia.

c) O fazer artístico

No que respeita à terceira ação, o fazer artístico, Ana Mae Barbosa (1985: 41) considera que o fazer artístico isolado não contribui para a capacidade criadora, a sua “prática sozinha tem-se mostrado impotente para formar o apreciador e fruidor da arte”. A livre expressão assente no deixar o aluno “fazer” arte, sem nenhum tipo de intervenção pode levar a uma banalização da arte. A livre expressão centrada na libertação emocional pode levar ao consumo de imagens, de forma a não permitir o desenvolvimento da capacidade crítica do aluno. Assim, o fazer artístico, é segundo a Proposta Triangular, “um fazer intencional produtivo e necessário” (Barbosa, 1991: 6) articulado com a leitura e contextualização de obras de arte.

Este “fazer é insubstituível para a aprendizagem da arte”, é “uma forma diferente do pensamento/linguagem discursivo, que caracteriza as áreas nas quais domina o discurso verbal, e também diferente do pensamento científico”, mas igualmente promotor de desenvolvimento cognitivo (Barbosa, 1991: 34).

Consideramos que, no ensino de arte, o fazer artístico realizado pela experimentação contextualizada tem importância no conhecimento da arte. A técnica é um instrumento de compreensão e pode ser objeto de significações. A experimentação, como forma de exploração de materiais, instrumentos, técnicas e possibilidades expressivas, deve estar associada à reflexão crítica.

Como estratégia na prática do fazer artístico, a autora (1998: 40) defende a releitura de uma obra de arte como um processo pertinente no ensino-aprendizagem de arte. A releitura deve ser problematizadora, criadora de novos sentidos e nunca uma cópia fiel da obra de arte. Inúmeras vezes reforça a ideia de que não deve existir uma cópia fiel, pois a obra deve ser sujeita à interpretação e não um modelo para os alunos reproduzirem fielmente.

“Quando um aluno observa obras de arte e é estimulado (...) a escolher uma delas como suporte de seu trabalho plástico a sua expressão individual se realiza (...) O importante é que o professor não exija a representação fiel, pois a obra de arte é suporte interpretativo e não modelo para os alunos copiarem.

Assim estaremos ao mesmo tempo preservando a livre-expressão, importante conquista do modernismo (...) e nos tornando contemporâneos.” (Barbosa, 2005a: 144)

Ana Amália Barbosa (in Barbosa, 2005a: 145) atribui à releitura o significado de “reler”, “dar novo significado”, “reinterpretar” e menciona que existem diversas maneiras de trabalhar a releitura: “pode-se abordar apenas a questão da representação, ou seja, pedir que

os alunos observem a imagem na obra e partam dela; pode-se partir dos elementos formais: cor, linha (...) e propor que (...) utilizem esses elementos em seu trabalho”.

Consideramos a releitura um processo que permite a apropriação, estratégia frequente no trabalho artístico contemporâneo. Assim, a apropriação de uma imagem de uma obra de arte é utilizada para construir outra imagem que pode servir-se dela de forma inteira ou parcial, mas sobretudo de forma refletida.

Defendemos que se crie a partir de obras de arte contemporânea, para que os alunos tenham a oportunidade de conhecer arte, de ver arte e que no futuro possam fazer opções com mais critério.

Ana Amália Barbosa (in Barbosa, 2005a: 149) refere que

“a arte não é apenas um objeto estético, arte serve para ensinar muitas coisas, e a mais óbvia é que serve para ensinar a ver o mundo com mais cuidado, e, também, a ver a nós mesmos. (...) As novas gerações precisam conhecer o que acontece no mundo, e no mundo da arte, para que possam se conhecer melhor culturalmente, Um povo precisa ter domínio de sua cultura. Também precisa saber expressar-se, não com um grito da alma e sim um expressar embasado, pensado. Um expressar que junte o conhecimento com os sentimentos.”

De modo a contribuir para este processo de conhecimento, Ana Mae Barbosa (1985: 43) alerta que a releitura como estratégia repetida pode deixar de despertar o sentido crítico dos alunos, e portanto pode inviabilizar o conhecimento, pelo que devem ser integradas outras estratégias de produção artística mais autônomas.

No que respeita, à avaliação do fazer artístico produzido pelos alunos, a autora (1985: 147) defende que para “avaliar a produção criadora da criança e do adolescente, é preciso conhecer o seu desenvolvimento genérico do ponto de vista emocional, intelectual, social, gráfico, plástico, etc.”

Pelos elementos expostos é possível constatar que a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa auxilia o desenvolvimento cognitivo e criativo dos alunos, possibilitando uma aprendizagem abrangente. Assim, a autora (1997: 11) propõe um ensino de arte em que defende uma abordagem crítica, cujo objetivo é formar um cidadão crítico e criativo.

Uma outra questão que tivemos em consideração na intervenção pedagógica que implementamos e que Ana Mae Barbosa (2002: 20) refere é a necessidade do ensino de arte contemplar a diversidade cultural, de forma a proporcionar o desenvolvimento cultural; nesta linha, o professor deverá fornecer referências sobre a cultura nacional e internacional. Assim, entendemos também que a diversidade de artistas é importante, pois permite comparar, refletir

e incorporar as particularidades das diferentes propostas artísticas contemporâneas e o conhecimento da global da arte contemporânea.

A autora (1991: 33) defende a escola como “o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética”, no qual o aluno deve ter acesso às diferentes manifestações artísticas.

“Este enfoque metodológico vem transformando o ensino de arte dando-lhe uma fisionomia pós-moderna. Enquanto no modernismo se privilegiava, dentre as funções criadoras, a originalidade preservando o estudante do contato com a arte, a pós-modernidade vem enfatizando a elaboração, dentre os outros processos envolvidos na criatividade.

Por outro lado, o modernismo apelava para a emoção na abordagem da obra de arte nas escolas (...), já a pós-modernidade aponta para a cognição como preponderante para a compreensão estética e para o fazer artístico, introduzindo a crítica associada ao fazer e ao ver. Enquanto a modernidade concebia a arte como expressão, a pós-modernidade remete à construção do objeto e sua concepção inteligível, como elementos de arte.” (Barbosa, 1991: 89-90)

Salientamos que a educação da arte pretendida com a Proposta Triangular “é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno tendo como mediador o professor, acerca do mundo visual” (Barbosa, 1985: 41).

A título conclusivo, nesta Primeira Parte do nosso relatório analisámos a situação do ensino de artes visuais no sistema de ensino atual, o conceito e a contextualização da arte contemporânea, a ausência da arte contemporânea no atual sistema de ensino, as implicações, as potencialidades e estratégias do seu ensino.

Na Segunda Parte, dedicado à aplicação prático-pedagógica, procuraremos transpor as propostas desenvolvidas na parte teórica para o mundo dos alunos. Trabalharemos metódica e didaticamente os seus referenciais, de modo a podermos analisar os resultados obtidos, explícitos e implícitos dos contributos da arte contemporânea no discurso e no fazer artístico dos alunos da nossa turma de estágio.

PARTE II – APLICAÇÃO PEDAGÓGICO-DIDÁTICA

CAPÍTULO IV – CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO

1. A escola

A escola onde decorreu o estágio pedagógico foi o Instituto Nun`Álvres, que passamos a caracterizar sucintamente.

1.1 Localização

O Instituto Nun`Álvres está localizado na freguesia de Areias, em Santo Tirso. Situado longe do centro da cidade e portanto dos grandes aglomerados populacionais, mas com cobertura da rede de transportes públicos.

A sua localização dificulta o acesso a diferentes espaços culturais e de lazer, como museus, galerias, fundações entre outros.

1.2 Edifício atual e instalações

Ainda que o edifício atual já tenha recebido obras de requalificação, existem espaços algo degradados e a necessitarem de manutenção. O edifício é constituído por 3 andares muito amplos e por espaços verdes envolventes, facto que cria um ambiente muito agradável (Fig. 1 e 2).



Fig. 1 e 2: Vista exterior do Instituto Nun`Álvres. Fonte: wikipédia

No que respeita à oferta de formação, esta instituição abrange dois níveis de ensino, designadamente ensino regular e profissional, e possui alunos desde a primária até ao ensino secundário. Neste contexto, face ao elevado número de alunos, também, possui um

diversificado número de espaços e serviços, entre os quais destacamos: o bar; a biblioteca; o auditório; a cinforina (centro de informática); a enfermaria; os laboratórios; a igreja; o gabinete psicopedagógico; o gabinete de serviço social; o ginnodesportivo; o refeitório; a secretaria; a tesouraria; a reprografia/papelaria.

1.3 População escolar

O Instituto Nun`Alvres tem como objetivo fundamental a formação dos jovens. Procura conjugar as capacidades e esforços de todos os elementos que a integram, comprometendo cada um de forma partilhada nas tarefas educativas que lhe são confiadas. A população escolar é constituída por 3200 alunos, para os quais são necessários cerca de 250 professores.

O Instituto Nun`Alvres recebe alunos provenientes de várias freguesias, com uma população maioritariamente de estatuto socioeconómico médio. Assim, possuem diversas origens, estilos de vida e hábitos comportamentais.

É comum a frequência de alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente nas turmas. A comunidade educativa no seu todo, através da implementação de ações de carácter pedagógico, organizacional e de cooperação, procura dar uma resposta adequada às necessidades e especificidades de todos os alunos.

Desta forma, esta instituição toma uma posição em relação às necessidades de todos os alunos, procurando instruir, socializar e qualificar todos os jovens, ou seja, ajudá-los a ter sucesso nos estudos e, mais tarde, nas suas vidas.

1.4 Sala de Educação Visual e Equipamentos

A sala específica de Educação Visual apresenta boas condições de trabalho, com muito espaço e luz natural abundante, pois possui enormes janelas com estores. Os armários apesar de já se mostrarem algo envelhecidos, estão funcionais para guardar os trabalhos dos alunos. Os painéis expositivos apresentam boa aparência e são muito uteis para expor os trabalhos realizados pelos alunos. Está equipada com um ponto de água, um quadro de giz e está apta a instalar um projetor quando requisitado (Fig. 3 a 6).



Fig. 3 a 6: Sala de Educação Visual. Fonte: própria

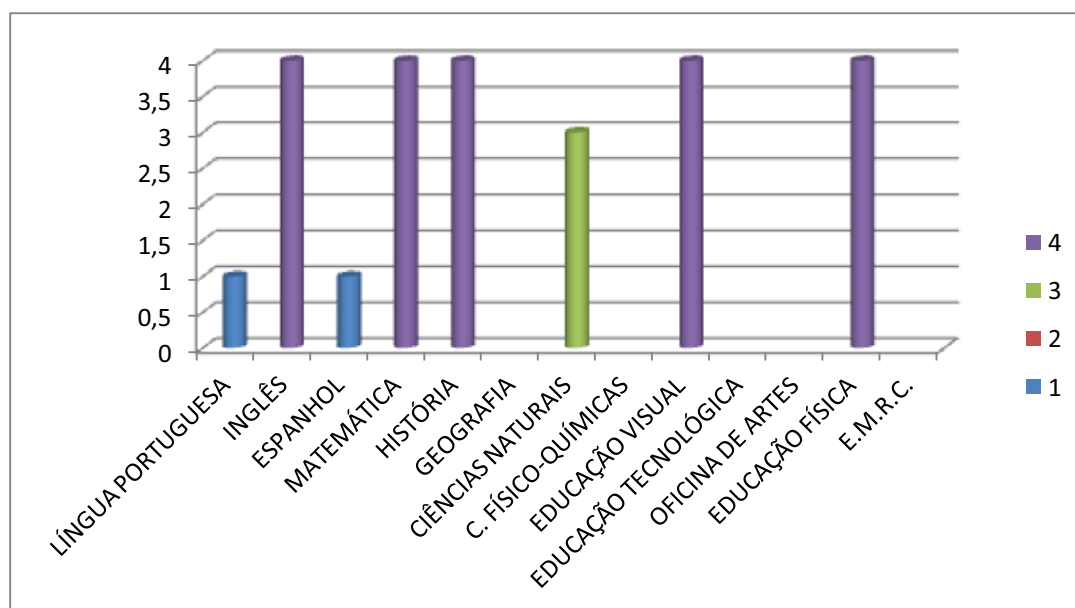
2. A turma

Dos três graus de ensino do 3º ciclo, optámos por escolher o 7º ano, por permitir uma abordagem mais desafiante. Dentro das turmas do 7º ano, foi-nos aconselhado o 7ºA, por ser uma turma com bom aproveitamento.

A turma era constituída por trinta alunos, de idades compreendidas entre os doze e os catorze, dos quais catorze eram do sexo feminino e dezasseis do masculino. Existia uma aluna com Necessidades Educativas Especiais e era a única aluna com uma retenção.

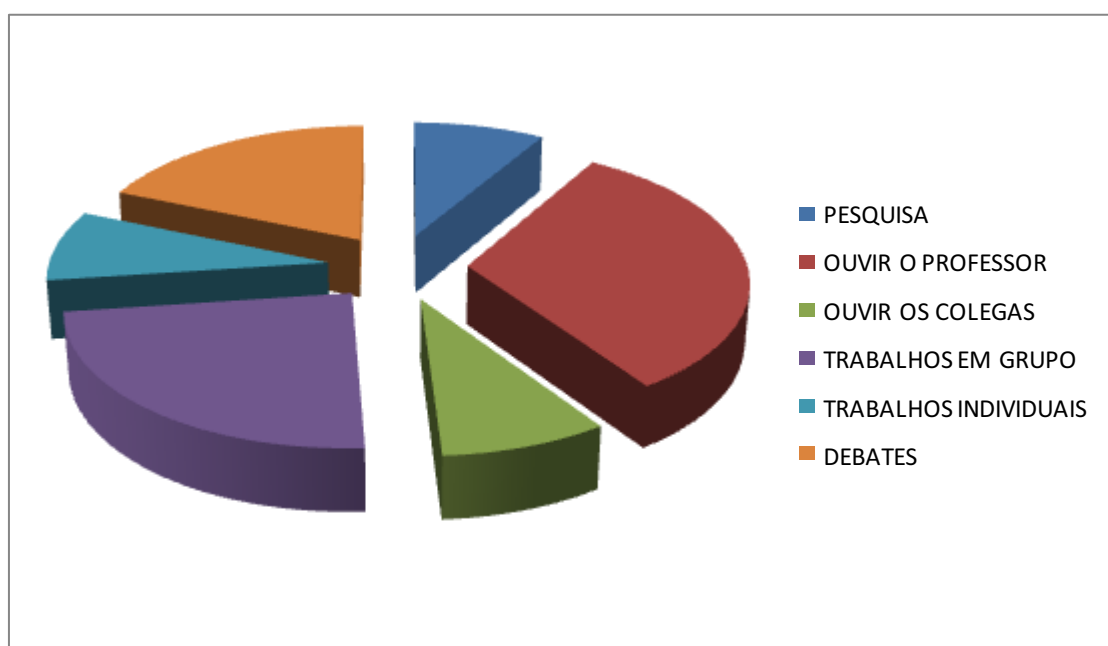
A maior parte dos alunos residia nos conselhos de Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão, dois alunos residiam na Trofa, um em Gondomar e um em Guimarães.

Face às disciplinas frequentadas, os alunos manifestaram as suas preferências. Eis os resultados:



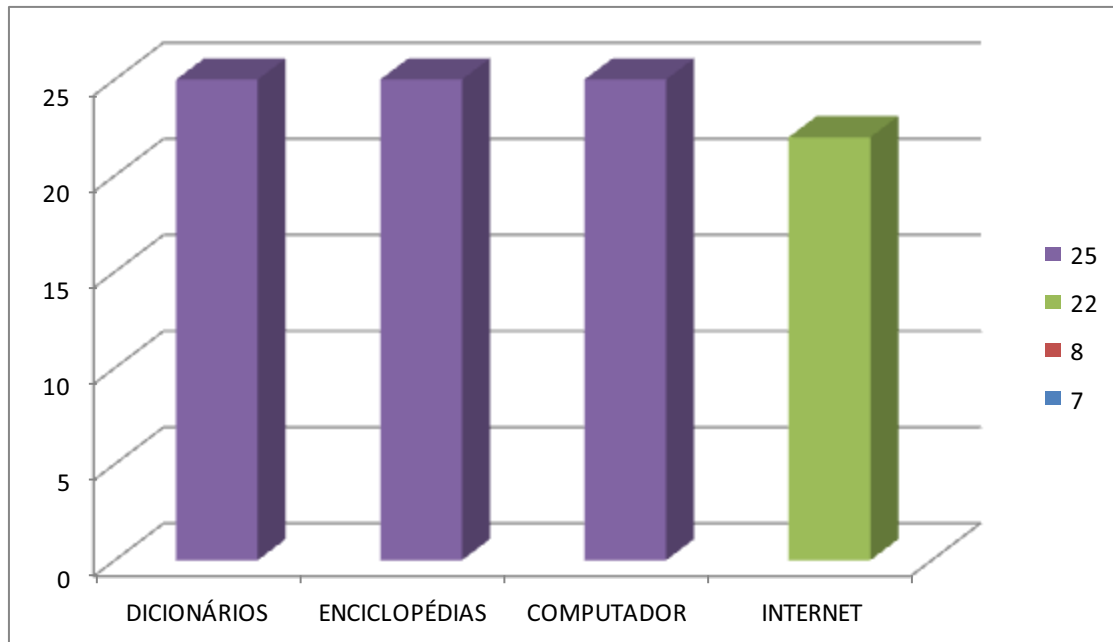
Quadro 1: Análise das disciplinas preferidas dos alunos

No que diz respeito às estratégias de trabalho na sala de aula, as preferências dos alunos distribuíram-se da seguinte forma:



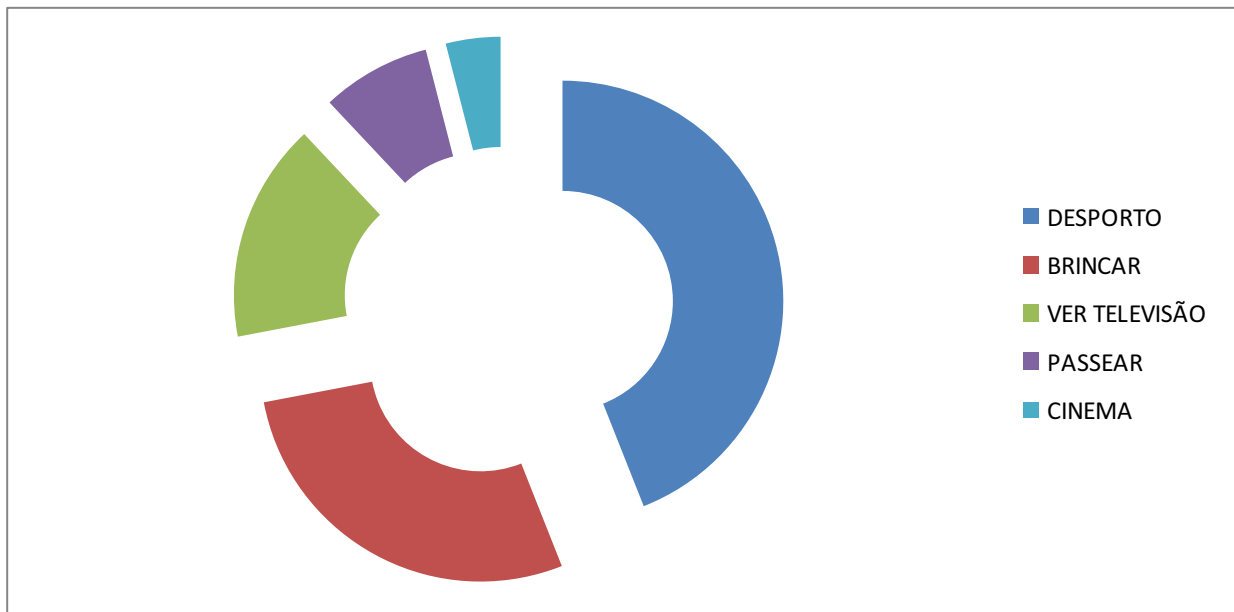
Quadro 2: Análise das estratégias de trabalho preferidas pelos alunos nas aulas

Quanto aos recursos disponíveis em casa, os alunos referiram ter acesso aos seguintes:



Quadro 3: Análise dos recursos disponíveis em casa

Relativamente à ocupação de tempos livres, os alunos destacaram a sua preferência pelas seguintes atividades:



Quadro 4: Análise da ocupação de tempos livres dos alunos

Ao nível das atitudes e valores, e de acordo com o Projeto Educativo do Instituto Nun`Alvres, na turma do 7º A promoveram-se:

- O desenvolvimento da autoestima;
- O gosto pela aprendizagem e o sentido de responsabilidade;
- O respeito pelos outros e o espírito de serviço.

Tendo em conta as características da turma foram aplicadas algumas prioridades da ação educativa, como:

- A criação de um ambiente de trabalho autónomo;
- A transição com êxito de todos os alunos;
- A participação de todos nas atividades propostas pela escola;
- O desenvolvimento de “boas maneiras” (civismo, postura e linguagem).

Nas aulas verificámos alguma impulsividade e dificuldade em esperar para intervir. No entanto, consideramos que a postura dos alunos foi sempre de grande interesse e motivação.

CAPÍTULO V – EM DEMANDA DA ARTE CONTEMPORÂNEA

1. O ponto de partida

Pelas aulas assistidas, pelos diálogos que fomos tendo com os alunos da turma A do 7ºano, pelas notas de terreno e sobretudo pela realização de um inquérito no início do processo foi possível averiguar a inexistência de interesse e conhecimentos relativos a temáticas de arte contemporânea (Anexo A, página 111). Procurámos com este inquérito compreender o estado inicial dos alunos, pelo que foi solicitado que respondessem às questões do inquérito tendo como ponto de partida as suas experiências com arte. Os resultados encontram-se transcritos nos anexos deste trabalho e na sua transcrição sentimos necessidade de seleccionar aleatoriamente uma amostra de seis alunos, em virtude do número de questões e de alunos, de modo a evitar repetições (Anexo B, página 112). Assim, a seguir destacamos e analisamos as principais ideias e conceitos presentes nas suas respostas.

1ª Pergunta: O que entendes por arte?

“É uma coisa bonita”, “é uma maneira de nos exprimirmos”, “é uma forma de uma pessoa se expressar”, “é um dom que as pessoas têm”.

2ª Pergunta: Para que serve a arte?

“Para transmitir sentimento”, “para nos exprimirmos”, “para ocupar os tempos livres”, “para nos podermos libertar”, “para embelezar”, “para distrair”, “para aliviar o stress”.

3ª Pergunta: O que é arte contemporânea?

”São coisas que fazem um contraste diferente na pintura”, “não sei”, “não conheço”, “é a arte do dia-a-dia”.

4ª Pergunta: Que diferentes formas de arte conheces?

“Esculturas e quadros”, “retratos, monumentos”, “arte abstrata”, “pintura, desenho”.

5ª Pergunta: O que é um artista?

“É a pessoa que faz arte”, “uma pessoa que desenha ou pinta”, “é o autor da arte”.

6ª Pergunta: Que artistas conheces?

“Leonardo da Vinci”, “Picasso”, “não me lembro de nenhum”, “não conheço nenhum”.

7ª Pergunta: Como se deve procurar compreender a arte?

“Vendo se é bonita”, “se é uma boa representação”, “compreendendo o que ela quer transmitir”, “analisando as cores e formas”.

8ª Pergunta: Onde se pode ver arte?

“Numa exposição”, “em galerias e museus”.

9ª Pergunta: Com que frequência vês arte?

“Raramente”, “com pouca frequência”, “nas aulas de EV”.

10ª Pergunta: Praticas alguma forma de arte? Quando e onde?

“Nas aulas de EV e de Música”, “na escola”.

A partir das respostas proferidas relativamente ao conhecimento dos alunos sobre arte, constatamos que estes tinham uma noção de arte pouco definida, ambígua, associada à beleza formal, à representação mimética, à libertação pessoal e à ocupação dos tempos livres. O conceito de arte proferido denota uma desvalorização do sentido da arte como uma atividade com pendor racional.

A este propósito, Best (1996: 7) refere que a arte tem significado em si mesma, e exige o exercício da racionalidade e por isso salienta o seu carácter educativo e a sua pertinência na formação integral dos alunos.

Detetamos que este conceito de arte não se coaduna à realidade artística atual. Neste sentido, averiguámos que os alunos não tinham conhecimento do que era arte contemporânea, visto que nas suas respostas maioritariamente proferiram o seu desconhecimento ou definiram-na de forma incorreta. Verificámos ainda que o conhecimento de formas de arte era limitado e se reportava a uma visão tradicional da arte, pois pelos exemplos referidos não detetamos nenhum exemplo de práticas artísticas contemporâneas.

Face às questões sobre o conceito de artista e o conhecimento de artistas, analisando os resultados apuramos que os alunos tinham definições limitadas, tradicionais e ambíguas sobre o conceito de artista, que também não se adaptam às práticas artísticas mais atuais, e que conheciam um número muito reduzido de artistas, entre os quais não referiram nenhum exemplo contemporâneo.

Observando a questão relativa ao modo como o espetador deve compreender a arte constatámos que os alunos reforçaram a ideia de arte associada à beleza formal, manifestaram que a sua apreciação deve passar pela análise cromática e formal, e pela compreensão do que pretende transmitir.

Quanto à questão relacionada com o espaço expositivo verificamos que o seu conceito era limitado a uma visão tradicional, que também não se coaduna com a multiplicidade de espaços expositivos que a arte contemporânea impõe.

No que respeita às questões referentes ao ver e ao fazer arte aferimos que os alunos não tinham esses hábitos. Os comentários proferidos levaram-nos a refletir sobre a

importância da disciplina que lecionávamos, pois os alunos manifestaram que só viam e produziam arte no contexto escolar.

As informações que recolhemos revelaram-se fundamentais para identificar a ausência de conhecimentos de arte contemporânea, a partir da qual orientávamos o nosso estudo e a nossa intervenção, onde entendemos fundamental despertar o interesse e facultar conhecimentos aos alunos sobre este assunto, tendo presente as bases e os materiais investigados na Iª Parte deste trabalho.

Tornou-se urgente delinear uma estratégia que permitisse colocar os alunos numa posição que lhes possibilitasse a aproximação à arte contemporânea, de modo a que os alunos a compreendessem e encarassem os conteúdos artísticos de uma forma mais ativa numa relação com o presente.

A partir dos dados recolhidos, definimos uma estratégia de sensibilização e uma metodologia com o objetivo de desenvolver algumas atividades que colmassem as falhas detetadas.

2. Estratégia de sensibilização dos alunos para com arte contemporânea

O tema da nossa intervenção necessitou de uma estratégia de sensibilização dos alunos, com o objetivo de os preparar para o desenvolvimento das atividades.

A estratégia de sensibilização implementada procurou desenvolver algo novo, diferente da realidade quotidiana que tem preenchido as múltiplas horas dedicadas ao ensino e aprendizagem da disciplina de educação visual e de tudo o que lhe está inerente a esta disciplina, de forma a captar o interesse e a motivação dos alunos.

Foi esta postura que nos acompanhou na condução do nosso objeto de estudo, a arte contemporânea no ensino-aprendizagem de artes visuais.

Entendemos fundamental a lecionação de uma aula introdutória, onde através de um powerpoint (Anexo C, páginas 116-118) focámos o tema de arte contemporânea, apresentámos a Proposta Triangular da autora Ana Mãe Barbosa, e salientámos as possibilidades de desenvolvimento cognitivo e criativo através da interpretação e ação produtiva da arte contemporânea assentes na linha de pensamento do autor David Best.

Num primeiro momento, pretendemos com essa aula contextualizar a arte contemporânea, de modo a que posteriormente a sua análise e produção fosse possível. Desta forma, começámos por abordar as seguintes questões:

O que é a arte contemporânea?

Qual o papel do artista contemporâneo?

Como deve o espectador agir sobre a obra de arte contemporânea?

Onde é que se pode ver arte contemporânea?

Tendo como referência os conceitos abordados na componente teórica deste trabalho procurámos contextualizar a arte contemporânea, focando a sua multiplicidade temática, técnica e matéria, a sua dimensão conceptual, crítica e autocrítica, e as suas possibilidades de materialização. Abordámos o novo papel que o artista contemporâneo exerce, como criador mental, que pode materializar a obra ou mandá-la executar. Focámos também a possibilidade do espectador interagir mentalmente e fisicamente sobre a obra de arte contemporânea, e a sua multiplicidade expositiva.

Num segundo momento, apresentámos a Proposta Triangular da autora Ana Mãe Barbosa, cuja metodologia se centra em três dimensões: a leitura da obra de arte, a contextualização e o fazer artístico no processo de ensino-aprendizagem. Explicámos que a leitura da imagem da obra de arte integra a abordagem dos elementos da linguagem e a sua sintaxe. A contextualização recai sobre a análise da obra no mundo da arte e do artista que a produziu. O fazer artístico integra a prática da releitura como interpretação da obra de arte.

Num terceiro momento, focámos as potencialidades de desenvolvimento cognitivo e criativo através da interpretação e ação produtiva da arte contemporânea, apoiadas na linha de pensamento do autor David Best. Alertámos para a necessidade do exercício de racionalidade quer na interpretação artística, quer na ação produtiva. Apontámos que este exercício é fundamental à compreensão da arte contemporânea. Salientámos que pretendíamos que nas interpretações artísticas realizadas fossem apontadas razões e que estas não podiam ser ilimitadas ou baseadas em preferências pessoais que não pudessem ser justificadas de forma objetiva. Reforçámos que estas interpretações podiam recorrer aos elementos da linguagem visual, à temática, à técnica, aos materiais, às dimensões, etc. Referimos, também, que a ação produtiva devia ter por base a criatividade, procurando a inovação e a originalidade, distanciando-nos do tradicional, e fazendo uso do exercício da racionalidade.

3. Metodologia

As atividades implementadas incidiram sobre temas de arte contemporânea: pintura e escultura, desenho expressivo da figura humana, e instalação, que mais adiante apresentaremos e analisaremos.

Iniciámos as nossas atividades com uma recolha de obras de artistas contemporâneos, como: Ana Vidigal; Annette Messager; Claes Oldenburg & Coosje Van Bruggen; Fernando Llanas; Helena Almeida; Joana Vasconcelos; Judy Chicago; Júlio Pomar; Katharina Fritsch; Louise Bourgeois; Lucian Freud; Marina Abramovic; Pedro Cabrita Reis; Vieira da Silva; Vik Muniz. Esta seleção teve em consideração o interesse das suas obras face às temáticas abordadas e à faixa etária dos alunos.

A partir desta seleção procedemos à implementação de estratégias de mediação apoiadas na conceção racional da arte do autor David Best, no que respeita à procura de razões na interpretação artística e na ação produtiva, articulando-as com a aplicação da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, designadamente a leitura da obra de arte, a contextualização e o fazer artístico.

De forma geral, as aulas decorreram entre sessões de carácter expositivo, agilização da reflexão e da criatividade, operacionalidade instrumental e apoio individualizado. O levantamento e análise de dados foi efetuado a partir de inquéritos, observação das aulas, fichas de análise, fichas justificativas e fichas de memória descritiva. Colocados em anexo a este relatório, e que são identificados e comentados mais adiante.

Pretendemos que os alunos partissem à descoberta, tendo como ponto de partida a visualização de um PowerPoint em todas as aulas sobre os temas de arte contemporânea abordados (Anexos D, E e F, páginas 119-133). Fornecemos algum material didático, como: fotocópias das imagens das obras contidas no powerpoint; fotocópias de material de apoio relativo aos temas abordados; esquemas de desenvolvimento dos trabalhos propostos. A nossa condução foi sempre no sentido da descoberta dos alunos, tentando encaminhá-los numa interpretação crítica e criativa dos dados propostos.

Maioritariamente os artistas apresentados não constam no manual escolar, tendo sido importante a consulta de todo o material didático fornecido. O objetivo foi alargar o campo de trabalho e de investigação.

Começámos sempre por apresentar à turma a análise dos temas de arte contemporânea. Seguidamente solicitámos aos alunos a interpretação autónoma de obras de arte contemporâneas, sem a nossa interferência e aplicando a conceção racional da arte do autor

David Best. Posteriormente efetuámos a interpretação orientada dessas obras, onde procedemos à sua leitura e à sua contextualização aplicando a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa. Concluímos com a apresentação e análise das fases de desenvolvimento do fazer artístico a ser realizado, tendo como referência as conceções dos autores anteriormente referidos. Estes dados encontram-se nos anexos e são analisados no capítulo subsequente.

Organizámos os temas de forma a permitir o trabalho colaborativo. Iniciámos os temas com conversas tentando criar relações de maior proximidade com os alunos. Houve momentos de rigor e trabalho, mas também de descontração e humor. Os alunos foram colocando questões importantes para a melhor compreensão dos dados propostos, permitindo realizar um trabalho mais aberto e rigoroso.

4. Atividades

Os alunos desenvolveram três atividades intituladas por: a experiência da arte contemporânea pela pintura e escultura; a experiência da arte contemporânea pelo desenho; a experiência da arte contemporânea pela realização de uma instalação.

Todas as atividades procuraram desenvolver: as potencialidades cognitivas dos alunos face à arte contemporânea, através da formulação de interpretações artísticas baseadas na apreciação de diferentes obras de arte contemporâneas e pela realização de produções artísticas contextualizadas com pendor racional; as potencialidades criativas dos alunos relativamente à arte contemporânea, através de uma ação produtiva apoiada nos modos de produção da arte contemporânea e baseada na racionalidade.

Neste contexto, tal como já referido, recorreremos à linha de pensamento da conceção racional da arte defendida pelo autor David Best e às estratégias defendidas pela Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa.

A primeira atividade, a experiência da arte contemporânea pela pintura e escultura no fazer artístico apoiou-se na estratégia de releitura defendida pela Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa com o objetivo de que os alunos interpretassem a obra de arte contemporânea e desenvolvessem a sua ação produtiva de forma contextualizada e criativa.

A segunda atividade, a experiência da arte contemporânea pelo desenho, procurou que os alunos desenvolvessem um fazer artístico mais autónomo numa perspetiva autocrítica e criativa.

A terceira atividade, a experiência da arte contemporânea pela realização de uma instalação, proporcionou a prática de uma forma de produção artística contemporânea, a instalação, procurando que os alunos desenvolvessem no seu processo experimentação plástica as suas capacidades críticas, autocríticas e criativas.

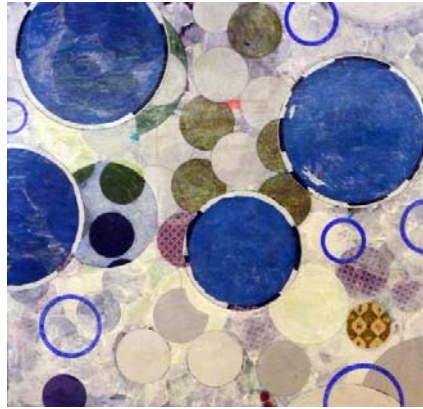
No fundo, o que pretendemos foi tentar alterar o quotidiano dos alunos introduzindo atividades que reconfigurassem os modos de ensino-aprendizagem de artes visuais existentes e os aproximassem da arte contemporânea. Este foi o objetivo que nos levou à dinamização das atividades que são descritas nos pontos seguintes.

4.1 Atividade 1 | A experiência da arte contemporânea pela pintura e escultura

Mostra de obras de artistas contemporâneos: pintura e escultura



Helena Almeida
Pintura Habitada / 1975
Acrílico sobre fotografia a preto e branco.
46 x 52 cm



Ana Vidigal
Claridade / 2011
Técnica mista sobre tela.
237 x 290 cm



Vik Muniz
Marilyn Monroe / 2012
Diamantes sobre tela.
102 x 76 cm



Louise Bourgeois
Maman / 1999
Aço e mármore.
927 x 892 x 1024 cm



Claes Oldenburg & Coosje van Bruggen
Colher de Jardineiro / 2001
Aço inoxidável, alumínio, fibra de vidro, esmalte acrílico
729 x 135 x 145 cm



Joana Vasconcelos
Marilyn / 2009
Painéis e tampas em aço inox,
150 x 155 x 410 cm

Fig. 7 a 12: Imagens de pinturas de artistas contemporâneos. Fonte: wikipédia

Iniciámos esta atividade com a apresentação do tema arte contemporânea: pintura e escultura. Deste modo, apresentámos aos nossos alunos um powerpoint, constante nos anexos deste relatório (Anexo D, página 119), onde começámos por proceder à contextualização cronológica da pintura e da escultura contemporâneas. Seguidamente destacámos como foco de análise a secundarização do sentido do belo e a valorização da conceptualização. Posteriormente analisámos a sua diversidade temática, técnica e matéria. Face à diversidade temática desenvolvemos a possibilidade de uma dimensão crítica e autocrítica. Relativamente à sua multiplicidade técnica e matéria expusemos a questão da apropriação e a possibilidade de recurso a materiais diversos e atuais.

Posteriormente através de powerpoint foi realizada a mostra de imagens de obras de arte contemporâneas: pintura e escultura, de diferentes artistas contemporâneos, com diferentes técnicas e materiais, com diferentes formas de expressão e que abordam diferentes temas.

As imagens foram mostradas aos alunos em duas fases. Na primeira pretendemos desenvolver a autonomia dos alunos no processo interpretativo da obra de arte, aplicando a conceção racional da arte do autor David Best na procura de razões, pelo que foi solicitado aos alunos que associassem individualmente e por escrito palavras ou comentários a cada obra de arte, através do preenchimento de uma ficha de análise elaborada para o efeito (Anexo G, página 134). Na segunda pretendemos desenvolver a interpretação artística de uma forma orientada, pelo que procedemos à leitura e contextualização das obras de arte contemporâneas, aplicando a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (Anexo D, páginas 120-123).

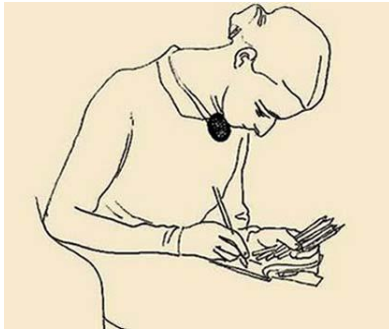
Na procura de uma maior aproximação e compreensão à obra de arte contemporânea, seguidamente foi solicitado aos alunos que selecionassem uma das obras expostas e que justificassem por escrito a sua opção, pelo preenchimento de uma ficha justificativa (Anexo H, página 135). A partir da obra de arte contemporânea selecionada foi proposto aos alunos que desenvolvessem uma releitura da mesma, aplicando os elementos da linguagem visual: ponto, linha e cor, defendidos pela Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa.

O trabalho foi realizado em suporte papel A4 com marcadores e lápis de cor (Fig. 25,26,30 a 35). Os alunos recorreram à potencialidade destes suportes e materiais, procurando criar relações com a arte praticada na atualidade, fazendo uso da releitura como um processo de apropriação e de interpretação como atividades que requerem uma dimensão racional.

A partir da obra criada foi, também, solicitado a realização de uma ficha de memória descritiva (Anexo I, página 136).

4.2 Atividade 2 | A experiência da arte contemporânea pelo desenho

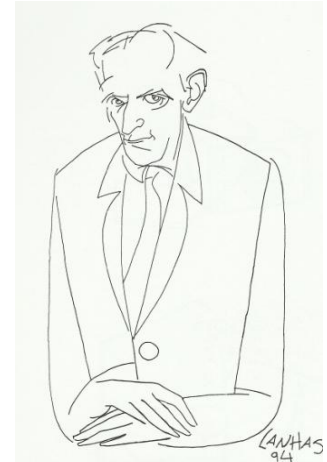
Mostra de obras de artistas contemporâneos: desenho expressivo da figura humana



Vieira da Silva
Autorretrato / 1952
Tinta-da-china sobre papel.
30 x 45 cm



Júlio Pomar
Fernando Pessoa / 1983
Tinta-da-china sobre papel.
80 x 57 cm



Fernando Lanhas
Miguel Torga / 1994
Tinta-da-china sobre papel.
100 x 70 cm



Pedro Cabrita Reis
Os cegos de Praga / 1998
Grafite e acrílico sobre papel.
140 x 100 cm



Lucian Freud
Sem título / 2008
Grafite sobre papel.
30 x 40 cm



Vik Muniz
Autorretrato / 2005
Folhas sobre tela.
163 x 152 cm

Fig. 13 a 18: Imagens de desenhos de artistas contemporâneos. Fonte: wikipédia

Com o objetivo de promover um melhor desenvolvimento desta atividade e de possibilitar a obtenção dos melhores resultados, foi elaborado um powerpoint, constante nos anexos deste trabalho (Anexo E, página 124), onde procurámos elucidar os alunos relativamente à compreensão da temática abordada, o desenho expressivo da figura humana. Neste contexto, abordámos a definição do conceito de desenho expressivo da figura humana, onde focámos a desvalorização da representação mimética, a sua diversidade técnica e matérica, a sua multiplicidade expressividade e criativa, a importância da conceitualidade, o autorretrato como uma das possibilidades de materialização e a sua importância na arte contemporânea.

Seguidamente através de powerpoint foi realizada esta mostra de imagens de obras de arte contemporâneas, de diferentes artistas, com diferentes técnicas e materiais, com diferentes formas de expressão e que abordam o tema do desenho expressivo da figura humana. A partir desta mostra de artistas contemporâneos pretendemos exemplificar os conceitos analisados teoricamente no powerpoint inicial.

Tal como na atividade anterior, as imagens foram mostradas aos alunos em duas fases, partindo dos mesmos objetivos, ou seja, possibilitar a interpretação artística de forma autónoma e orientada. Deste modo, primeiramente solicitámos aos alunos que associassem individualmente e por escrito palavras ou comentários a cada obra de arte, através do preenchimento de uma ficha de análise elaborada para o efeito (Anexo G, página 134), aplicando a conceção racional da arte do autor David Best na procura de razões. Seguidamente aplicámos a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, através das ações de leitura da obra de arte e de contextualização (Anexo E, páginas 125-128).

Posteriormente propusemos que os alunos realizassem um trabalho final de representação expressiva da figura humana, tendo como ponto de partida uma fotografia sua e uma lista de características pessoais. Assim, pretendemos que os alunos se autorrepresentassem, utilizando para isso, a representação contextualizada de características que considerassem autorrepresentativas. Neste sentido, alertámos os alunos para a relação entre a simbologia das características utilizadas e o grafismo, as cores, as dimensões e o seu posicionamento.

O trabalho foi realizado em suporte papel A4, com os materiais que os alunos consideraram mais adequados ao discurso expressivo que pretenderam (Fig. 36,37,41 a 44).

Partindo da obra criada foi, também, solicitada a execução de uma memória descritiva (Anexo I, página 136).

4.3 Atividade 3 | A experiência da arte contemporânea pela realização de uma instalação


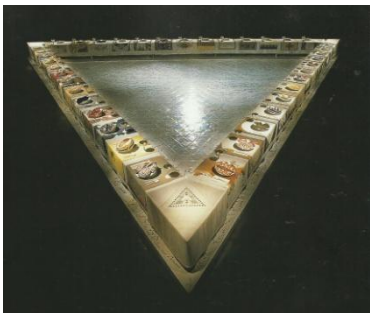


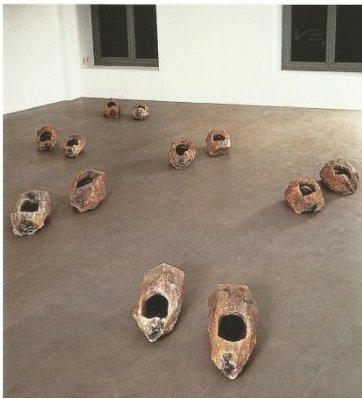

Mostra de obras de artistas contemporâneos: Instalação		
 <p>Annette Messager <i>Dependência/Independência</i> / 1995 Tecido, animais empalhados, redes, corda e linha. Pormenor da instalação.</p>	 <p>Judy Chicago <i>O Jantar de Festa</i> / 1979 Madeira, tecidos, resina, tintas e linha. 144 x 126 x 90 cm</p>	 <p>Louise Bourgeois <i>Sem título</i> / 1996 Roupas, metal e madeira. 300 x 280 x 280 cm</p>
 <p>Katharina Fritsch <i>Coração com dinheiro</i> / 1999 Alumínio e tinta. 400 x 400 cm</p>	 <p>Marina Abramovic <i>Sapatos para a partida</i> / 1990 Amatista. Pormenor da instalação.</p>	 <p>Joana Vasconcelos <i>Coração Independente</i> / 2009 Talheres de plástico, tinta, ferro, corrente metálica, motor elétrico e som (fado de Amália Rodrigues). 300 x 300 x 300 cm.</p>

Fig. 19 a 24: Imagens de pinturas de artistas contemporâneos. Fonte: wikipédia

Relativamente à atividade 3, a experiência da arte contemporânea pela realização de uma instalação, sentimos a necessidade de abordar a forma de expressão artística da instalação, visto que na primeira aula que lecionámos, na exposição de uma breve análise sobre a temática de arte contemporânea, quando confrontados com o termo instalação, um aluno referiu oralmente: “Deve ser qualquer coisa que se instala no computador!”.

Neste sentido, procurámos com esta atividade contribuir para a compreensão dos alunos relativamente a esta forma de expressão artística atual.

Esta atividade pretendeu comemorar o Dia Mundial da Poesia. Foi realizada no 2º Período, no contexto da sala de aula, e posteriormente foi exposta nas imediações do Instituto Nun`Alvres e na Câmara Municipal de Santo Tirso. Foi também desenvolvida em parceria com todos os elementos do núcleo de estágio, em colaboração com todos os professores de Artes Visuais e de Língua Portuguesa, contendo trabalhos realizados por todas as turmas. No entanto, apesar de ser uma atividade colaborativa, cada professor teve a liberdade de definir um projeto individual que envolvesse peças de roupa e integrasse a poesia.

Definimos a nossa intervenção a partir do poema “Identidade”, do autor Mia Couto (Anexo F, página 133), visto que este autor foi homenageado pela Câmara Municipal de Santo Tirso. Este poema foi atribuído à turma pela professora de Língua Portuguesa, mas tivemos sempre em consideração o problema que nos propusemos desenvolver neste estudo, a importância e o papel da arte contemporânea no ensino-aprendizagem de artes visuais. Assim, procurámos estabelecer uma relação entre duas formas de arte distintas, mas igualmente significativas, fazendo uso da conceptualidade, da apropriação, da multiplicidade temática, técnica e matéria da arte contemporânea. Abordando a temática do poema numa perspetiva crítica e de autorreflexão.

De modo a contribuir para a compreensão desta nova forma de expressão artística e procurando alcançar os melhores resultados elaborámos um powerpoint, onde analisámos o conceito de instalação numa definição cronológica, abordámos possibilidades técnicas, materiais e temáticas, salientámos a necessidade de conceptualização, mencionámos a possibilidade de interação física e mental entre público e obra, e referimos a diversidade de espaços expositivos. Este foi apresentado no início da atividade e pode ser consultado nos anexos deste trabalho (Anexo F, página 129).

Seguidamente através de powerpoint foi realizada a mostra de imagens de obras de arte contemporânea que se materializam sob a forma de instalação, de diferentes artistas contemporâneos, com diferentes técnicas e materiais, com diferentes formas de expressão e que abordam diferentes temas.

Tal como nas atividades anteriores, as imagens foram mostradas aos alunos em duas fases. Partindo dos mesmos objetivos, ou seja, possibilitar a interpretação artística de forma autónoma e a interpretação artística orientada. Seguindo a mesma metodologia, primeiro foi solicitado aos alunos que associassem individualmente e por escrito palavras ou comentários a cada obra de arte, através do preenchimento de uma ficha de análise elaborada para o efeito (Anexo G, página 134), aplicando a conceção racional da arte do autor David Best na procura de razões. Seguidamente foi efetuada a leitura e contextualização das obras de arte, tendo como referência a aplicação da proposta triangular de Ana Mae Barbosa (Anexo F, páginas 130-133).

No que respeita ao trabalho plástico desenvolvido foi proposto aos alunos que selecionassem uma peça de roupa que considerassem autorrepresentativa. Os alunos procederam às justificações das suas escolhas através de uma ficha justificativa criada para o efeito (Anexo J, página 137).

Após essa seleção solicitámos a transcrição do poema para a peça de roupa, onde advertimos os alunos para a necessidade de prestarem atenção ao lugar onde o mesmo iria ser transcrito, ao significado das palavras, à paleta cromática e ao grafismo utilizado.

Alertámos os alunos para a possibilidade do trabalho plástico desenvolvido poder recorrer à potencialidade de vários suportes e materiais, e que o mesmo devia possuir uma linguagem plástica que permitisse a sua análise e o seu entendimento (Fig. 45,46,50 a 55).

Partindo da obra criada foi, também, solicitada a execução de uma memória descritiva (Anexo K, página 138).

4.4 Análise dos resultados das atividades

Analisando os resultados obtidos na atividade 1, a experiência da arte contemporânea pela pintura e escultura, na primeira estratégia implementada, designadamente a interpretação artística de obras de arte de pintura e escultura contemporâneas consideramos que atendendo ao número de alunos, obras sujeitas a análise e fichas elaboradas para a recolha de dados, sentimos necessidade de selecionar uma amostra de alunos, pelo que mantivemos a mesma amostra de alunos utilizada na análise dos inquéritos iniciais. As suas apreciações foram transcritas e podem ser consultadas nos anexos deste trabalho (Anexo L, páginas 139-141).

Deste modo, relativamente aos dados obtidos na ficha de análise elaborada para este efeito destacamos entre as apreciações dos alunos as seguintes categorias.

1ª Obra : Helena Almeida/ *Pintura Habitada* / 1975

Estranheza; **inovação**; incompreensão; simplicidade; escuridão; confusão; tristeza; desilusão; **interesse pelo uso de materiais inovadores.**

2ª Obra: Ana Vidigal/ *Claridade* / 2011

Simplicidade; **criatividade**; leveza; confusão, **originalidade**; simplicidade de formas; **técnica diferente; diversidade de sentidos.**

3ª Obra: Vik Muniz/ *Marilyn Monroe* / 2012

Realidade; falsidade; riqueza; valorização; beleza; **relação entre material e a representação da Marilyn Monroe; crítica.**

4ª Obra: Louise Bourgeois/ *Maman* / 1999

Criatividade pelo tema; criatividade pelos materiais; imaginação pelas grandes dimensões; assustador; estranheza; **invulgaridade;** grandeza; **inovação;** medo; espontaneidade; salvação; proteção.

5ª Obra: Claes Oldenburg & Coosje van Bruggen / *Colher de Jardineiro* / 2001

Interesse no tema e nas grandes dimensões; **criatividade;** valorização; grandeza.

6ª Obra: Joana Vasconcelos/ *Marilyn* / 2009

Originalidade; elegância; modernidade da mulher; **criatividade na representação do tema** da mulher através de um sapato e de panelas; **criatividade na utilização de materiais** como panelas; **imaginação;** tradição da mulher; beleza; poder; sensualidade; moda; cozinha; riqueza.

Partindo das apreciações proferidas pelos alunos consideramos que no que respeita às potencialidades cognitivas os alunos compreenderam que a pintura e escultura contemporâneas possuem uma dimensão crítica com pendor social e autocrítico, o que foi visível através das tentativas de estabelecimento de relações entre as temáticas e a realidade social, e as temáticas e a referência às experiências pessoais dos artistas. Os alunos também compreenderam que a pintura e escultura contemporâneas possuem uma dimensão conceptual, este facto foi verificável através da procura de relações entre as temáticas abordadas e os materiais utilizados.

Relativamente às potencialidades criativas da pintura e escultura contemporâneas constatamos que foram apreendidas pelos alunos a sua diversidade técnica, matéria e expressiva, sendo que estas foram referidas como fatores que despertaram o interesse dos alunos.

Atendendo à faixa etária dos alunos e à sua ausência de conhecimentos relativos à realidade artística contemporânea consideramos que os resultados obtidos demonstraram compreensão do conceito de arte contemporânea, pela pertinência da adjetivação desta forma de arte como original, criativa, inovadora, invulgar, imaginativa, com possibilidade de múltiplos sentidos.

Seguidamente à realização das suas interpretações artísticas conduzidas de forma autónoma procedemos à análise das mesmas de forma orientada, aplicando as estratégias de leitura e de contextualização das obras de arte, defendidas pela Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa. Esta análise contribuiu para uma melhor compreensão das obras de arte e permitiu uma interação entre professor, obras e alunos.

Posteriormente os alunos procederam à seleção e justificação de uma das obras analisadas. Nas suas justificações os alunos teceram algumas considerações relativas a gostos pessoais, às temáticas abordadas, às técnicas, aos materiais utilizados e às diferentes expressões das obras. Estas justificações foram transcritas a partir da mesma amostra de alunos utilizada anteriormente e encontram-se nos anexos deste trabalho (Anexo L, páginas 141-142). Distinguímos a seguir alguns exemplos.

Aluno A: “Eu escolhi a Marilyn (Vik Muniz), pois achei que era um exemplo de beleza social.”

Aluno F: “Escolhi a Joana Vasconcelos, porque acho surpreendente como uma pessoa faz um sapato deste tamanho com painéis e tampas em aço inox. Transmite que a mulher recente usa esses sapatos e a mulher mais antiga passava o dia em casa a cozinhar, assim a artista consegue juntar tudo numa obra.”

Entre as justificações referidas salientamos também a do aluno E que referiu “Escolhi a Louise Bourgeois, devido à história que levou à sua elaboração. Ao princípio senti medo, mas depois da explicação achei uma brilhante ideia”. Esta justificação do aluno valida a importância das estratégias de leitura e de contextualização da obra de arte como uma forma que possibilita novas aprendizagens e que pode despoletar o interesse dos alunos. São justificações como esta que dão sentido à abordagem da arte contemporânea em contexto educativo, permitindo aos alunos uma aproximação e compreensão da arte contemporânea, pela oportunidade de ver e compreenderem coisas que não conhecem e de terem experiências inesperadas.

Analisando o trabalho plástico desenvolvido, todos os alunos estabeleceram a relação pessoal pretendida entre a obra de arte selecionada e o trabalho final realizado. Os resultados finais consistiram em releituras das obras selecionadas (Fig. 30 a 35).

Tal como referido na componente teórica deste trabalho a estratégia de releitura da obra de arte é defendida pela autora Ana Mae Barbosa, não como uma cópia fiel, mas como um exercício interpretativo e criativo face à obra de arte. Assim, procuramos a seguir analisar individualmente alguns dos seus resultados.



Fig. 25 : Trabalho realizado pelo aluno A na atividade 1. Fonte: própria

O aluno A procedeu a uma releitura da obra *Marilyn Monroe* do artista Vik Muniz. A releitura efetuada partiu de uma temática de crítica social, a valorização da beleza na atualidade. Esta temática foi compreendida pelo aluno e é perceptível pelos seus comentários, que podem ser consultados nos anexos deste trabalho (Anexo L, página 142). Nesta releitura a obra que lhe deu origem é facilmente identificada. No entanto, não é uma cópia da obra original. É uma releitura monocromática e segmentada em duas partes desiguais. Nestas duas partes o aluno fez uso da cor preta e utilizou expressões diferentes, criando analogias entre o belo e o feio, com recurso aos elementos da linguagem visual do ponto e da linha. Assim, fazendo uso de marcadores o aluno criou uma composição plástica de carácter bidimensional e interpretativa, usando as potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea.



Fig. 26: Trabalho realizado pelo aluno E na atividade 1. Fonte: própria

O aluno E procedeu à releitura da obra *Maman* de Louise Bourgeois. Através das justificações proferidas pelo aluno, que se encontram também nos anexos deste trabalho, foi possível verificar que o aluno sentiu empatia pela temática da obra (Anexo L, página 142). A sua temática possui um teor autocrítico, pelo que constatamos que independentemente do carácter de crítico ou autocrítico das temáticas de obras de arte contemporâneas foi possível estabelecer relações de empatia e interesse entre as obras e os alunos. A analogia criada pela artista entre a aranha e a sua mãe como formas de proteção despertou o interesse do aluno. Neste sentido, esta releitura pretendeu salientar os laços afetivos do aluno com o animal representado, fazendo uso da técnica de lápis de cor e de cores vivas, nomeadamente as cores primárias na representação da aranha e as cores secundárias no espaço onde esta se insere. Assim, o aluno conseguiu um trabalho plástico interessante com recurso à estratégia da releitura e fazendo uso das potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea.

Tendo por base os resultados plásticos alcançados consideramos que as potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea foram bem aproveitadas, pelo exercício de releitura das obras de arte como ato interpretativo, pela liberdade na diversidade de expressões, técnicas e materiais.

Esta atividade foi desenvolvida num ambiente pautado pelo empenho e motivação (Fig. 27 a 29). Os alunos completaram todas as etapas propostas e obtiveram um bom aproveitamento, pelo que consideramos a sua avaliação final positiva.

Os alunos, também, tiveram uma opinião positiva em relação à atividade realizada, como podemos constatar pelos comentários escritos na ficha de memória descritiva (Anexo L, páginas 142-143), que se encontram transcritos nos anexos deste trabalho e entre os quais destacamos:

Aluno C: “(...) Eu gostei muito desta atividade, porque me fez pensar sobre um tema atual.”

Aluno D: “(...) Gostei das histórias das obras e de interpretar uma obra. Achei um desafio.”

Aluno E: “(...) Achei o trabalho original por trabalhar a partir de uma obra. Gostei do meu trabalho e de conhecer as obras, e as histórias das obras. Não sabia que as obras de arte tinham estas histórias!”

Em síntese, através dos resultados desta atividade concluímos que os alunos desenvolveram as potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea, pela experiência de várias estratégias como a interpretação de obras de arte contemporâneas de forma autónoma e orientada, e a produção artística assente na releitura da obra de arte contemporânea. Os resultados finais foram interessantes, com os alunos a fazerem algo diferente e criativo.

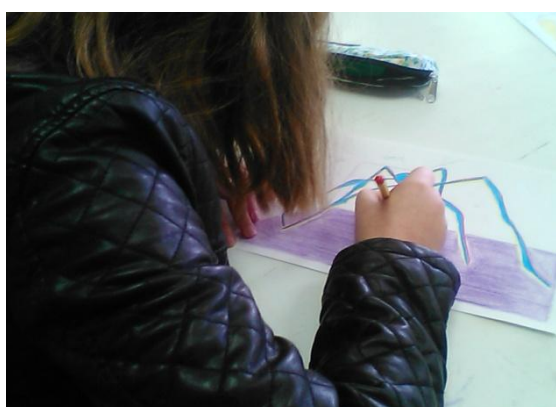


Fig. 27 a 29: Alunos a desenvolverem o trabalho da atividade 1. Fonte: própria

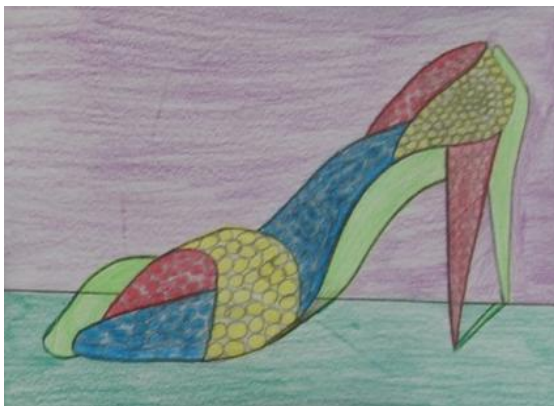
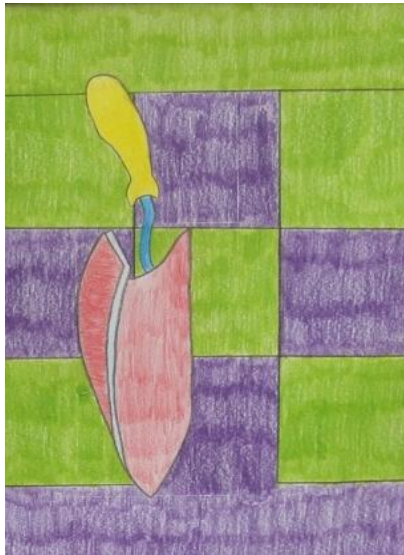


Fig. 30 a 35: Trabalhos realizados pelos alunos na atividade 1. Fonte: própria

No que respeita à atividade 2, a experiência da arte contemporânea pelo desenho, os alunos desenvolveram todas as etapas com uma postura muito empenhada e criativa.

Na análise das interpretações artísticas relativas à mostra de desenhos contemporâneos, presentes na ficha de análise de obras de arte contemporânea, utilizámos a mesma amostra de estudo usada na primeira atividade. Seguindo a mesma metodologia de análise, destacamos a seguir as suas principais categorias. Os mesmos foram transcritos e podem ser consultados nos anexos deste trabalho (Anexo M, páginas 144-146).

1ª Obra: Vieira da Silva / *Autorretrato* / 1952

Simplicidade; **criatividade**; **originalidade**; interesse; personificação; **valorização da mensagem**.

2ª Obra: Júlio Pomar / *Fernando Pessoa* / 1983

Complexidade na diversidade de linhas; empatia; valorização; confusão; **multiplicidade de leituras**; **expressividade**; representatividade; **imaginação**; **criatividade no tema**; interesse.

3ª Obra: Fernando Lanhas / *Miguel Torga* / 1994

Diferente; representativa; simplicidade; **expressividade**; assustador; cativante; **originalidade**.

4ª Obra: Pedro Cabrita Reis / *Os cegos de Praga* / 1998

Diferente; indefinição; **multiplicidade de leituras**; complexidade; assustador; **desvalorização do conceito de belo**; **necessidade de sentido**; estranheza; confusão; **criatividade**.

5ª Obra: Lucian Freud / *Sem título* / 2008

Criatividade; **expressividade**; realismo; **originalidade**; robustez; detalhe; definição.

6ª Obra: Vik Muniz / *Autorretrato* / 2005

Diferente; **originalidade** nos materiais; **criatividade**, realismo; **expressividade** na representação; elegância; empatia; admiração; interesse.

Através das interpretações realizadas constatamos que os alunos teceram apreciações baseadas em razões, onde focaram os elementos da linguagem visual como linhas, cores e manchas, e onde salientaram a diversidade temática, matéria, técnica e expressiva do desenho contemporâneo.

No que respeita às potencialidades cognitivas da arte contemporânea averiguamos que a temática do desenho contemporâneo foi interiorizada como uma forma de crítica social e cultural, onde é possível homenagear individualidades como o Fernando Pessoa e

determinadas formas de conhecimento como a leitura. E também como uma forma de autocrítica, onde é possível que a autorrepresentação seja mais do que a simples representação dos traços anatómicos do artista. Esta pode por exemplo fazer uso de referências a gostos pessoais. Esta situação despoletou um maior interesse nos alunos. Neste sentido, detetámos também uma compreensão da valorização da mensagem e uma secundarização do conceito de belo associado ao domínio representativo do artista contemporâneo.

Face às potencialidades criativas da arte contemporânea verificamos que os alunos compreenderam que a originalidade, a criatividade e a expressividade são fatores fundamentais na ação produtiva do desenho contemporâneo, sendo que estes conceitos se relacionam com a diversidade de técnicas, materiais e temas. Apuramos que a diversidade, a originalidade e a criatividade de materiais provocou uma maior empatia, facto que pode ser verificável através dos comentários proferidos relativamente à obra de Vik Muniz, onde o uso de um material não convencional despertou o interesse dos alunos.

Numa análise geral, consideramos que os resultados obtidos demonstraram uma compreensão do conceito de arte contemporânea pela caracterização deste período como diferente, criativo, expressivo, original, com recurso a diversas temáticas, técnicas e materiais.

Tal como na atividade anterior, seguidamente procedemos à análise das obras aplicando a estratégia de leitura e de contextualização das obras de arte. Os alunos manifestaram uma atitude atenta e interventiva. Deste modo, possibilitamos uma melhor aprendizagem sobre temática do desenho contemporâneo.

No que respeita à produção artística, tal como referido na Primeira Parte deste trabalho, Ana Mae Barbosa (1985: 43) salienta que a releitura como estratégia repetida, pode deixar de despertar o sentido crítico dos alunos. Deste modo, sentimos necessidade de nesta proposta fomentar a produção artística de uma forma mais autónoma, no sentido de levar os alunos a não partirem de uma obra de arte existente e a procurarem criar a partir de relações conceptuais, focando características pessoais, numa atitude reflexiva e de autoconhecimento.

Neste contexto, de modo a potenciar as potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea os alunos começaram por criar uma lista de características suas. Seguidamente seleccionaram as características que consideraram mais autorrepresentativas. Posteriormente construíram o seu autorretrato com essas características, transcrevendo-as. Nesse processo de transcrição estabeleceram relações entre o significado das características e as formas, as cores, as intensidades e as dimensões utilizadas nos seus registos. Mas, também da sua importância pessoal colocando-as em locais estratégicos, com menor ou maior visibilidade.

Partindo da mesma amostra de alunos usada anteriormente apresentamos a seguir alguns exemplos das palavras utilizadas. As mesmas foram transcritas e podem ser consultados nos anexos deste trabalho (Anexo M, páginas 146-148).

Elegante; forte; pequena; alto; honesta; bondosa; humilde; sociável; carinhosa; educado; sensível; curiosa; genuína; organizado; perfeccionista; talentosa; habilidoso; criativa; aplicado; crítico; inteligente; responsável; estudioso; leal; fiel; egoísta; impulsivo; impaciente; nervosa; teimosa.

Um aspeto que consideramos importante nestas categorias foi a focagem de características positivas e negativas, com teor físico, emocional, intelectual, etc., pelo que consideramos que os alunos revelaram uma grande profundidade de reflexão.

Os resultados práticos possibilitaram aferir que a liberdade de criação plástica foi bem aproveitada (Fig. 41 a 44). Os alunos criaram o seu autorretrato à luz do conceito de desenho contemporâneo, abordando a temática da autorrepresentação numa perspetiva autocrítica, exercitando o exercício de conceptualidade, secundarizando a representação mimética e a procura do belo na arte, explorando diferentes expressividades de registo fazendo uso de diferentes materiais e técnicas como canetas, marcadores, lápis de cor e lápis grafite. De forma a exemplificar os resultados alcançados, a partir da mesma amostra de alunos usada anteriormente, procuramos a seguir analisar individualmente alguns dos trabalhos realizados pelos alunos.



Fig. 36 : Trabalho realizado pelo aluno C na atividade 2. Fonte: própria

O aluno C realizou o seu autorretrato a partir de cinco características, designadamente amoroso, simpático, extrovertido, ciumento e vaidoso (Anexo M, página 147). As três primeiras palavras possuem uma conotação positiva e as duas últimas contêm uma significação negativa.

No registo destas palavras utilizou quatro cores, designadamente o azul, o verde, o vermelho e o preto. Diferentes grafismos, nomeadamente maiúsculas e minúsculas. Diferentes dimensões, especificamente grandes e pequenas. Estas foram colocadas em diferentes locais do autorretrato, fazendo uso de técnicas e materiais como marcadores e canetas.

De entre as palavras representadas o aluno atribuiu destaque às palavras extrovertido e vaidoso. Estas encontram-se no cabelo e na roupa, associando o seu significado ao cuidado com a aparência. Estas são também as características com que o aluno mais se identifica e por isso encontram-se em maior número, em maior dimensão e sob uma maior diversidade de registos. A palavra, simpático, surge num registo mais subtil na definição do rosto, nariz, orelhas e lábios, sendo que nos lábios é valorizada pela utilização da cor vermelha e é associada à oralidade e ao sorriso. As palavras, ciumento e amoroso, surgem nas sobranceiras e olhos, numa analogia entre o significado destas palavras e a valorização do olhar.

Nesta busca de características pessoais, da representatividade das suas significações e associações, no recurso a diversas técnicas, materiais e formas, o aluno aplicou as potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea.

Deste modo, através deste trabalho o aluno realizou um fazer artístico conceptual apelando a razões, onde a reprodução mimética dos traços anatómicos foram secundarizados, onde se distanciou da tradicional forma de autorrepresentação, apelando à originalidade, à inovação, à criatividade e à conceptualidade defendidas pela arte contemporânea.

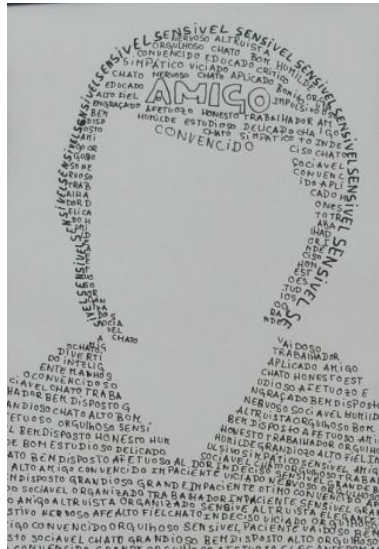


Fig. 37: Trabalho realizado pelo aluno F na atividade 2. Fonte: própria

Num registo diferente o aluno F, optou por não representar os seus traços anatómicos na totalidade, em virtude da multiplicidade representativa do desenho contemporâneo. Consideramos que esta opção foi criativa e original porque se distânciava da padronização da autorrepresentação tradicional praticada noutros períodos artísticos.

Na realização deste trabalho o aluno partiu da seguinte seleção de características: amigo, sensível; convencido; chato; impaciente; vaidoso; orgulhoso; honesto; estudioso; dedicado; simpático; humilde; aplicado; afetuoso; paciente; fiel; divertido; educado; sociável; elegante; alto (Anexo M, página 148).

Analisando esta seleção aferimos que as características selecionadas são maioritariamente positivas, sendo que os aspetos de ordem psíquica e emocional adquirem uma maior proeminência.

No que respeita à representação desta seleção de palavras, o aluno destacou primeiramente a palavra amigo, colocando-a ao centro da composição e utilizando um grafismo diferente dos restantes, com maior dimensão e em letra maiúscula, mas num único registo. Seguidamente destacou a palavra sensível, colocando-a no contorno da cabeça, num registo saliente, numa dimensão muito inferior, mas em grande número de registos. Posteriormente destacou a palavra convencido, colocando-a também ao centro da cabeça num único registo muito semelhante ao anteriormente referido. As restantes palavras possuem um grafismo linear e encontram-se nos restantes locais da composição realizada.

Analisando as palavras destacadas, o seu posicionamento, os diferentes grafismos e dimensões, o uso de materiais adequados como canetas e marcadores, consideramos que o

aluno fez uso das potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea criando um trabalho interessante a nível cognitivo e criativo.

Em virtude do panorama referido, entendemos que avaliação desta atividade foi positiva. Os alunos manifestaram uma abertura face a um processo criativo mais conceptual, verificou-se facilidade na autorreflexão, pelo que as escolhas das palavras foram apropriadas, assim como a representatividade das suas significações e associações, e a seleção dos materiais e técnicas.

Os alunos parecem, também, ter tido uma opinião positiva, tendo em conta os comentários finais escritos na ficha de memória descritiva, que foram transcritos a partir da mesma amostra de alunos utilizada nas análises anteriores e se encontram nos anexos deste trabalho (Anexo M, páginas 146-148) e entre os quais destacamos:

Aluno A: “Gostei de pensar nas minhas características. Nunca tinha pensado nisso! E fazer o meu retrato com elas foi genial. Gostei da ideia da arte contemporânea nos fazer pensar sobre nós e de criarmos a partir do que nós somos. Sem representar o nosso rosto como já estamos a habituados. Achei muito criativo, original e enriquecedor (...).”

Aluno C: “(...) Gostei de pensar no que é que eu sou, de usar palavras para me desenhar e de fazer o meu retrato de uma forma diferente. Foi original. Não está bem representado, mas a arte contemporânea valoriza mais o que se pretende transmitir. A mensagem é que é importante. Gostei do resultado final.”

De facto, o ambiente da sala de aula foi de interesse e motivação (Fig. 38 a 40). Verificámos que os alunos encontraram neste trabalho um elemento de interesse, tanto pelo tema como pelo material que escolheram trabalhar, o que resultou num bom aproveitamento final.



Fig. 38 a 40: Alunos a desenvolverem o trabalho da atividade 2. Fonte: própria

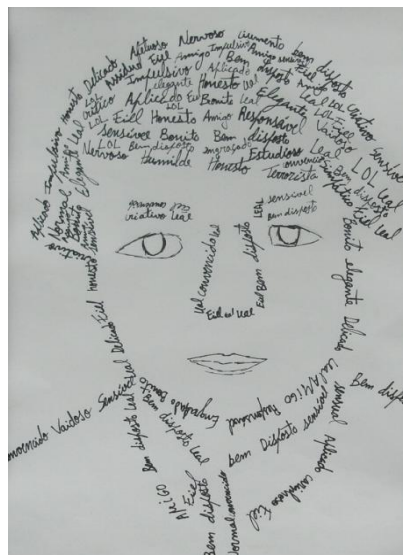
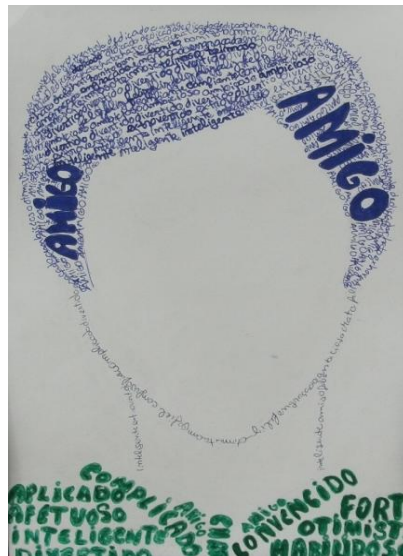
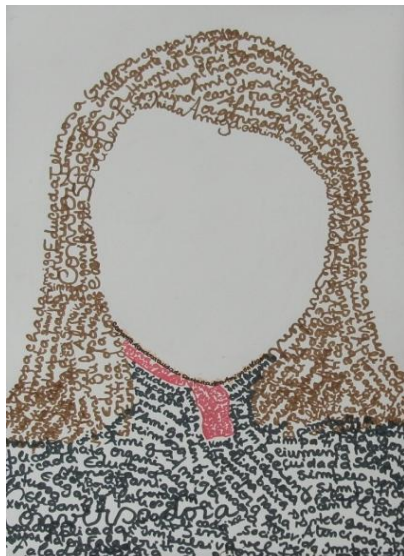


Fig. 41 a 44: Trabalhos realizados pelos alunos na atividade 2. Fonte: própria

Analisando os resultados da atividade 3, a experiência da arte contemporânea pela realização de uma instalação, no que respeita à primeira tarefa de interpretação de obras de arte contemporâneas que se materializam sob a forma de instalação, utilizando a mesma amostra de alunos das atividades anteriores transcrevemos as suas apreciações, que se encontram nos anexos deste trabalho, e a partir delas destacamos as seguintes categorias (Anexo N, páginas 149-151).

1ª Obra: Annette Messager / *Dependência/Independência* / 1995

Originalidade nos materiais e tema; confusão; feminino; infância; interesse pelos materiais e tema.

2ª Obra: Judy Chicago / *O Jantar de Festa* / 1979

Homenagem; mulher; independência; interesse; **originalidade pela temática muito atual;** injustiça; importância; discriminação.

3ª Obra: Louise Bourgeois / *Sem título* / 1996

Originalidade no tema; infância; memórias; **criatividade no tema;** vaidade; homenagem; representatividade; **atualidade do tema;** poder feminino; recordações; **criatividade na apropriação de roupas com história.**

4ª Obra: Katharina Fritsch / *Coração com dinheiro* / 1999

Poder; amor; riqueza; dinheiro; simplicidade; **originalidade nos materiais;** **criatividade no tema;** **crítica à sociedade.**

5ª Obra: Marina Abramovic / *Sapatos para a partida* / 1990

A arte não tem que ser bonita; tem que fazer sentido; **originalidade no tema e nos materiais;** interesse; valorização.

6ª Obra: Joana Vasconcelos / *Coração Independente* / 2009

Originalidade no tema; valorização; tradição; amor; **criatividade nos materiais;** espanto; representa a história do nosso país; interesse.

Ao analisar as apreciações proferidas pelos alunos aferimos que no que respeita às potencialidades cognitivas da arte contemporânea constatamos que os alunos compreenderam a dimensão crítica das obras sujeitas a análise, pelo que foi perceptível que as obras possuíam um pendor crítico social, cultural e histórico e autocrítico. Nas apreciações tecidas os alunos recorreram às qualidades formais das obras, aos materiais e técnicas, mas também à compreensão das suas temáticas, procurando compreender a sua pertinência na atualidade.

Deste modo, revelaram um olhar mais profundo que está para além da apreciação dos elementos formais, técnicos, matéricos, expressivos, cromáticos e até da empatia pessoal.

Relativamente às potencialidades criativas detetamos que os alunos foram capazes de apreender a multiplicidade matérica, técnica e expressiva da arte contemporânea, sendo esta muitas vezes referenciada como um fator de interesse.

Uma outra situação que constatamos foi a pertinência do termo apropriação que caracteriza este período artístico e que foi também entendido como um elemento crítico e criativo.

Neste contexto, o conceito de arte contemporânea foi apreendido pelos alunos através de múltiplas interpretações. Esta foi caracterizada como original, criativa, crítica, autocrítica e interessante, e associada a uma necessidade de sentido, onde o belo não é um objetivo.

Seguidamente, tal como nas atividades anteriores procedemos à aplicação da proposta Triangular de Ana Mae Barbosa na interpretação das obras de arte. Também pela aplicação das estratégias de leitura e contextualização da obra de arte. Os alunos mostraram-se atentos e foram colocando questões face às obras expostas, atribuindo grande importância às temáticas, às legendas e aos materiais das obras. Deste modo, potenciamos uma melhor compreensão desta nova forma de expressão artística e contribuímos para o interesse dos alunos pela arte contemporânea.

Posteriormente os alunos começaram pela investigação pessoal de uma peça de roupa que considerassem autorrepresentativa, dado que o poema aborda a temática da identidade pretendemos que os alunos refletissem sobre a sua identidade. Assim, recolheram informações sobre a peça de roupa, apresentando-a e discutindo-a, no sentido de perceber a sua viabilidade para este trabalho. De forma geral, os alunos transmitiram que a ideia essencial foi realçar as relações que tinham com a peça de roupa, nomeadamente no que respeita a experiências pessoais vividas, à funcionalidade, à cor e à forma. Partindo da mesma amostra de alunos utilizada nas análises anteriores procedemos à transcrição das justificações proferidas na ficha de justificação, estas podem ser consultadas nos anexos deste trabalho (Anexo N, páginas 151-152). A título de exemplo destacamos a seguir algumas dessas justificações.

Aluno A: “(...) Escolhi esta peça de roupa, porque me transmite liberdade e espontaneidade. É verde e por isso simboliza a esperança e o contacto com a natureza. Coisas de que gosto.”

Aluno D: “(...) Escolhi a camisola com a qual joguei no primeiro treino. Traz-me boas recordações. A cor é branco e transmite-me paz.”

Consideramos que quer a integração da palavra, quer a integração de peças de roupa são fatores frequentes e valorizados em temas de arte contemporânea, por isso na recolha dos artistas que analisámos referimos alguns exemplos dessas situações com o objetivo de que os alunos as compreendessem e obtivessem nesta atividade os melhores resultados.

Na transcrição do poema para a peça de roupa maioritariamente os alunos selecionaram a parte da frente da peça de roupa para intervirem. Segundo as suas justificações, tal aconteceu porque estas opções permitiram uma leitura mais direta. Os materiais selecionados foram tintas e marcadores específicos para pintar sobre tecido. Um aspeto que consideramos importante foi a articulação entre a simbologia das palavras representadas, o grafismo e a cor utilizadas. Partindo da mesma amostra de alunos usada anteriormente, salientamos a seguir algumas dessas articulações nos comentários escritos na ficha de memória descritiva e constantes nos anexos deste trabalho (Anexo N, páginas 152-153).

Aluno A: “(...) Gostei de pensar sobre a peça de roupa e o significado do poema. A minha t-shirt é verde e o poema fala de esperança e de conhecimento, por isso usei o verde e o vermelho. Porque o verde simboliza esperança e o conhecimento é importante (...).”

Aluno B: “(...) Escolhi uma t-shirt branca e usei a cor vermelha para escrever o poema. A minha t-shirt transmite-me paz e o poema transmite-me dor, porque o autor está à procura da sua identidade (...).”

Com esta atividade agilizámos as potencialidades cognitivas e criativas na promoção de reflexão e de criatividade, através da manipulação de um tema, de técnicas e de materiais pouco frequentes para os alunos.

As potencialidades cognitivas foram desenvolvidas pela reflexão dos alunos na procura de uma peça de roupa autorrepresentativa e na reflexão sobre o simbolismo do poema. Através destas duas ações os alunos fizeram uso das possibilidades autocríticas e críticas que caracterizam a arte contemporânea. A apropriação de um objeto de forma refletida foi também um recurso que é frequentemente utilizado e valorizado na arte contemporânea.

As potencialidades criativas desenvolveram-se na representação do simbolismo do poema, perceptíveis na forma, nas cores, na expressão, na técnica e nos materiais utilizados.

Para uma melhor compreensão dos resultados alcançados analisamos a seguir alguns trabalhos realizados.



Fig. 45: Trabalho realizado pelo aluno C na atividade 3. Fonte: própria

Partindo das justificações proferidas pelo aluno C constantes nos anexos deste trabalho (Anexo N, página 152) e analisando o seu trabalho plástico nesta atividade constatamos que este aluno selecionou uma t-shirt branca. Na sua seleção fez uso das potencialidades cognitivas da arte contemporânea ao estabelecer uma analogia entre o uso, a simplicidade formal e o cromatismo da t-shirt. A peça de roupa é uma t-shirt e por isso é confortável, pelo que invoca o seu bem-estar. A sua cor é branca e por isso simboliza tranquilidade, pureza, virtude, tranquilidade, qualidades com que o aluno se identifica.

Na transcrição do poema o aluno desenvolveu as potencialidades criativas da arte contemporânea. Assim, o aluno criou uma composição em forma de espiral, onde a sua leitura se inicia ao centro, pelo que consideramos que o aluno foi original e criativo. Usou três cores, designadamente o preto, o azul e o verde. Com o preto destacou o título e a restante composição foi realizada a verde e a azul. Assim, o aluno associou ao poema os conceitos de serenidade, harmonia, equilíbrio, etc. Usou marcadores e tintas para tecido e criou uma leitura legível pela utilização constante do mesmo grafismo.

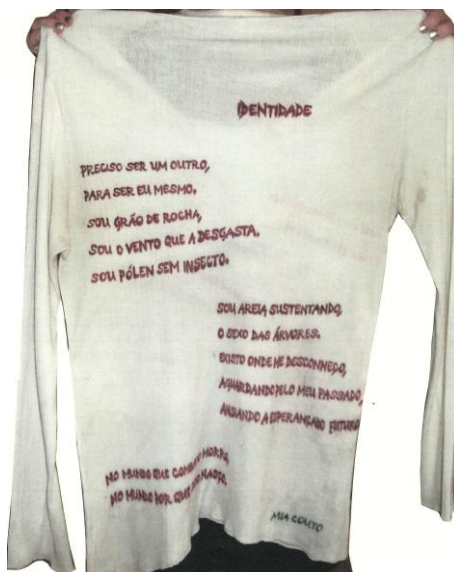


Fig. 46: Trabalho realizado pelo aluno F na atividade 3. Fonte: própria

Tendo como referência as justificações do aluno F transcritas nos anexos deste trabalho (Anexo N, página 153) e o trabalho plástico desenvolvido nesta atividade, verificamos que o aluno selecionou uma camisola interior. Nesta seleção desenvolveu as potencialidades cognitivas ao estabelecer uma relação entre a cor branco e a paz, o uso e a proteção, a intimidade e a pessoalidade. A partir destas relações podemos considerar que o tema identidade, é para o aluno algo que lhe transmite paz, que o protege, que é íntimo e pessoal.

Na transcrição do poema usou as potencialidades criativas elaborando uma composição visual onde registou o poema na parte frontal da camisola, onde utilizou um grafismo cuidado e a cor vermelha, de modo a destacar a importância da sua mensagem e recorrendo a marcadores e a tintas de tecido.

Numa análise geral, consideramos que nos trabalhos plásticos desenvolvidos nesta atividade, as potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea foram bem aproveitadas, pela abordagem crítica e autocrítica da temática, pela multiplicidade técnica, matéria e expressiva utilizadas, criando produtos finais muito diversos e interessantes.

Após o término dos trabalhos plásticos desenvolvidos procedemos à sua montagem, nas imediações do Instituto Nun`Alvres e na Câmara Municipal de Santo Tirso (Fig. 50 a 55).

Outro momento fundamental desta atividade foi a saída da sala de aula, para o exterior (Fig. 56 e 57). O que aconteceu em dois momentos, na inauguração da atividade, em frente à Câmara Municipal de Santo Tirso, e no dia de homenagem ao autor Mia Couto. Os alunos para além de contribuírem para estes dois momentos com as suas criações plásticas, também

recitaram o poema selecionado e transcrito. Este momento desconstruiu a ideia de que os alunos devem permanecer fixos no lugar, e provou que todos os lugares podem ser alvo de aprendizagem.

A postura dos alunos na sala de aula e fora dela foi sempre pautada pelo empenho e motivação (Fig. 47 a 49), pelo que esta atividade teve uma avaliação positiva. Atendendo aos comentários finais escritos na ficha de memória descritiva e constantes nos anexos deste trabalho, os alunos também tiveram uma opinião positiva em relação à atividade desenvolvida, pelo que a partir da mesma amostra de alunos usada anteriormente destacamos os seguintes comentários escritos (Anexos N, páginas 152-153).

Aluno A: “(...) gostei de experimentar uma nova forma de fazer arte que não conhecia. Não sabia que existia arte assim, por isso foi um desafio. Foi diferente! Gostei de pensar sobre a peça de roupa e o significado do poema. (...)”

Aluno D: “Foi criativo, diferente e inovador! Pensar sobre a peça de roupa autorrepresentativa. Pensar sobre o tema identidade. Pintar sobre roupa. Usar materiais diferentes. Fazer uma instalação. (...) Gostei muito de através da arte contemporânea homenagear a poesia e o autor Mia Couto.”

Aluno F: “Gostei de escolher uma peça de roupa que me representa e do tema do poema. (...) O tema da identidade é importante e o nosso conhecimento também. Transmitir essa mensagem pela arte é inovador. A arte contemporânea faz-nos pensar sobre nós e sobre os outros. Gostei muito!”

A título conclusivo, a atividade foi muito elogiada por toda a comunidade, tendo figurado em vários artigos de imprensa.



Fig. 47 a 49: Alunos a desenvolverem o trabalho da atividade 3. Fonte: própria



Fig. 50 a 55: Trabalhos realizados pelos alunos da atividade 3. Fonte: própria



Fig. 56 e 57: Inauguração da atividade 3. Homenagem ao autor Mia Couto. Fonte: própria

5. Análise global da aplicação prático-pedagógica

O objetivo do nosso estudo aspirou suprimir a enorme carência de conhecimentos dos alunos da nossa turma de estágio referentes a temáticas de arte contemporânea.

Com o objetivo de melhor averiguar os resultados alcançados, no final da nossa intervenção prático-pedagógica solicitámos o preenchimento de um inquérito final (Anexo O, página 154). Partindo da mesma amostra de alunos utilizada nas antecedentes análises de resultados, procuramos a seguir analisar as principais ideias e conceitos presentes nas suas respostas. As mesmas encontram-se transcritas e podem ser consultadas nos anexos deste trabalho (Anexo P, páginas 155-158).

1ª Pergunta: O que entendes por arte contemporânea?

“É a arte que começou no meio do séc. XX até à atualidade”; “tem várias formas de expressão”; “é uma forma de exprimir sentimentos, pensamentos e acontecimentos”; “é mais livre, dá-nos mais liberdade para nos expressarmos”; “é mais criativa e mais interessante”; “ajuda-nos a compreender a atualidade e os nossos antepassados”; “expressa problemas da sociedade e do artista”; usa “temas da atualidade”, “de forma mais original, criativa” e “materiais mais atuais”.

2ª Pergunta: Para que serve a arte contemporânea?

“A arte contemporânea serve para ser observada e compreendida”; “para exprimir sentimentos, opiniões, ideias, acontecimentos”; “para expressar problema sociais e pessoais”.

3ª Pergunta: Que diferentes formas de arte contemporânea conheces?

“Desenho, Pintura, escultura, instalação, fotografia”; “arquitetura, gravura, banda desenhada”.

4ª Pergunta: Que obras de arte mais te marcaram?

“A *Marilyn* de Joana Vasconcelos”; “o autorretrato de Vik Muniz”; “O *jantar de festa* de Judy Chicago”; “a *Maman* de Louise Bourgeois”; “os corações de Joana Vasconcelos”; “a colher de jardineiro de Claes Oldenburg”.

5ª Pergunta: O que é um artista na contemporaneidade?

“É uma pessoa que se exprime com originalidade, criatividade, inovação”; “que tem o privilégio de conseguir exprimir os seus sentimentos, ideias e opiniões usando várias técnicas, materiais e recursos”; “que comunica sentimentos ou pensamentos através de muitas formas, com muitos materiais, em pequenas ou grandes dimensões”; que “tem o privilégio de se

expressar através de vários temas, técnicas, materiais e instrumentos mais atuais”; “é alguém que expressa sem medo de dizer o que pensa”.

6ª Pergunta: Que artistas contemporâneos conheces?

“Vieira da Silva, Júlio Pomar, Fernando Lanhas, Pedro Cabrita Reis, Lucian Freud, Vik Muniz, Paula Rego, Helena Almeida, Ana Vidigal, Annete Messenger, Judy Chicago, Louise Bourgeois, Katharina Fritsch, Marina Abramovic e Joana Vasconcelos”, “(...) José de Guimarães, Paula Rego”; “(...) Pedro Cabrita Reis”; “(...) Ana Vidigal”; “Conheço muitos. (...) Frida Kalo, Claes Oldenburg”.

7ª Pergunta: Como devemos procurar compreender a arte contemporânea?

“Devemos pensar sobre ela, tentando perceber as razões do artista”; “Olhando para o tema, a técnica, o material. Procurando razões”; “A arte contemporânea tem muitos sentidos, muitos temas, pode ser grande ou pequena, pode ter muitas técnicas e materiais. Temos que pensar sobre isso e compreender a relação entre essas coisas”; “Devemos procurar compreender o que pretende transmitir, pelos temas e materiais, e pela criatividade e originalidade”; “Podemos começar por compreender as formas, as cores, os materiais criativos, o que o artista queria transmitir, mas temos que procurar razões”.

8ª Pergunta: Onde se pode ver arte contemporânea?

“Em exposições”; “Em galerias de arte, museus, na rua”; “em qualquer espaço público”; “livros”; “em toda a parte”.

Analisando as quatro primeiras questões relativas ao conhecimento de arte contemporânea constatamos que os alunos foram capazes de contextualizar cronologicamente e conceptualmente a arte contemporânea. Esta foi caracterizada como uma forma de expressão atual que permite maior liberdade, maior criatividade e maior originalidade, e por isso possui maior interesse.

Os alunos mencionaram as suas potencialidades cognitivas, pela referência às suas possibilidades críticas e autocríticas, designadamente pela abordagem de temáticas de carácter social e pessoal. Na sua amplitude temática salientaram a sua relação com a realidade atual, como uma forma que possibilita uma melhor compreensão da realidade. Assim, reconheceram à arte contemporânea uma necessidade de reflexão, que está para além da sua mera observação e contemplação, e que pressupõe compreensão.

Os alunos referiram as potencialidades criativas da arte contemporânea, numa referência à sua diversidade técnica e matérica, manifestando interesse no uso de materiais mais atuais.

Pelas suas respostas aferimos que existiu uma diversidade de formas de arte referidas, entre as quais distinguimos a fotografia, a instalação e a banda-desenhada pela sua contemporaneidade. Revelaram também empatia com obras de arte contemporâneas abordadas nas aulas que lecionámos pelo que citaram algumas, onde salientamos a memorização não só dos artistas que as produziram, mas também dos títulos das obras.

Face à quinta e sexta questão sobre o conceito de artista, verificamos que os alunos compreenderam que um artista na contemporaneidade é alguém que se exprime com originalidade, criatividade e inovação, abordando vários temas e utilizando várias técnicas e materiais. Entre a ampla mostra de artistas que referiram verificámos que maioritariamente foram abordados nas aulas que lecionámos, pelo que insistimos na importância da sua integração em contexto de ensino, de modo a propiciar a aproximação e compreensão da arte contemporânea.

Relativamente à sétima questão relacionada com o modo como o espectador deve interagir sobre a obra de arte constatamos que os alunos compreenderam que para compreender uma obra de arte é necessário procurar razões, não só nos elementos da linguagem visual, mas também na sua multiplicidade temática, técnica e matérica, de forma isolada e em relação entre esses diferentes elementos. Assim como, também se deve procurar compreender a sua originalidade e criatividade como fatores que caracterizam este período artístico.

Por fim, pela oitava questão referente ao espaço expositivo concluímos que os alunos compreenderam a amplitude do espaço expositivo da arte contemporânea, sendo referido que esta pode encontrar-se em livros, museus, galerias e outros espaços públicos.

Em virtude do contexto exposto constatamos que os alunos compreenderam as diferentes ideias e conceitos relacionados com a arte contemporânea. De modo a exemplificar ainda melhor essa aprendizagem, analisamos a seguir os resultados alcançados no inquérito final com os do inquérito inicial. Assim, elaboramos uma grelha comparativa, onde de forma sintética destacamos as principais ideias e conceitos referidas.

Inquérito inicial	Inquérito final
<p>Arte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Procura a beleza e a representação mimética; • É uma forma de expressão do sentimento; • É um dom; • É uma forma de libertação, embelezamento, distração e alívio. <p>Formas de arte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escultura; Pintura; Desenho. 	<p>Arte contemporânea:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iniciou-se no meio do séc. XX até à atualidade; • Possui maior liberdade, criatividade, originalidade e interesse; • Tem uma maior multiplicidade temática (crítica, autocrítica e atual); • Materializa-se com uma maior diversidade de materiais e técnicas; • Manifesta maior variedade expressiva; • Exige observação, reflexão e compreensão. <p>Formas de arte contemporânea:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pintura; escultura; desenho; instalação; fotografia; gravura; banda-deseenhada. <p>Obras de referência:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Marilyn</i> de Joana Vasconcelos; • <i>Autorretrato</i> de Vik Muniz; • <i>O jantar de Festa</i> de Judy Chicago; • <i>Maman</i> de Louise Bourgeois; • <i>Coração Independente</i> de Joana Vasconcelos; • <i>Colher de Jardineiro</i> de Claes Oldenburg.
<p>Artista:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Autor da obra; • Pessoa que faz arte. <p>Artistas referenciados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leonardo da Vinci, Picasso. 	<p>Artista contemporâneo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exprime-se com originalidade, criatividade e inovação; • Faz uso de vários temas, técnicas, materiais e instrumentos atuais. <p>Artistas referenciados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vieira da Silva, Júlio Pomar, Fernando Lanhas, Pedro Cabrita Reis, Lucian Freud, Vik Muniz, Paula Rego, Helena Almeida, Ana Vidigal, Annete Messenger, Judy Chicago, Louise Bourgeois, Katharina Fritsch, Marina Abramovik e Joana Vasconcelos, José de Guimarães, Paula Rego, Pedro Cabrita Reis, Ana Vidigal, Frida Kalo, Claes Oldenburg.
<p>Espectador da arte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Deve procurar a beleza da arte; • Deve procurar perceber o que transmite; • Deve analisar as cores e formas. 	<p>Espectador da arte contemporânea:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Deve procurar razões para a obra nos elementos da linguagem visual, no tema, nas técnicas, nos materiais e expressões (isoladamente e em relação); • Deve procurar compreender conceitos como criatividade e originalidade.
<p>Espaço expositivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Galerias; • Museus. 	<p>Espaço expositivo da arte contemporânea:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Espaços públicos; • Galerias; • Museus; • Rua; • Livros.

Quadro 5: Análise comparativa do inquérito inicial e do inquérito final

Analisando o conceito de arte e de arte contemporânea consideramos que no inquérito inicial o conceito de arte foi vago e não se coaduna com o conceito de arte na atualidade, sendo que o conceito de arte contemporânea não foi objeto de análise comparativa, visto que os alunos maioritariamente proferiram o seu desconhecimento ou definiram-na de forma incorreta. No inquérito final os alunos foram capazes de definir cronologicamente e conceptualmente o conceito de arte contemporânea. Assim como, apontaram mais formas de arte, e destacaram mais obras e artistas.

Comparando os conceitos de artista e artista contemporâneo efetuados, constatamos que o conceito de artista inicial foi limitado e após a nossa intervenção os alunos foram capazes de proceder a uma definição mais ampla do conceito de artista na contemporaneidade, focando a possibilidade de recurso a uma maior diversidade temática, técnica e matéria, e à importância da criatividade e originalidade no seu processo de trabalho. Seguidamente também foram capazes de referenciar um número significativamente superior de artistas que conheciam, sendo que estes foram maioritariamente referidos nas aulas que lecionámos.

No que respeita à postura do espetador perante a obra de arte verificamos que no inquérito final os alunos conseguiram tecer considerações mais aprofundadas e atuais sobre esta relação, onde destacamos que a procura do belo da arte verificada no inquérito inicial deu lugar à procura de razões nos temas, materiais, técnicas e expressões, na originalidade e na criatividade da arte contemporânea.

Por fim, face ao conceito de espaço expositivo numa relação comparativa entre os dois inquéritos averiguamos também que no último o seu conceito ampliou-se pela inclusão de uma maior diversidade. Tal como já referido, esta diversidade de espaços expositivos é característica da arte contemporânea e despertou nos alunos uma conceção de proximidade da arte contemporânea.

Pelos resultados alcançados comprovamos que a nossa intervenção surtiu o efeito desejado na medida em que conseguimos contribuir para a aprendizagem dos nossos alunos através da aproximação e da compreensão da arte contemporânea.

Face ao panorama exposto, sustentamos que para compreendermos a arte contemporânea é preciso relacionarmo-nos com ela, como uma realidade da qual fazemos parte e que devemos perceber. A escassa referência e provavelmente a forma como os conteúdos de arte contemporânea são trabalhados na escola é que criam um afastamento e uma fronteira entre os mesmos. Deste modo, comprovamos que o professor deve utilizar várias estratégias que possibilitem ao aluno confrontar-se com a realidade artística mais atual.

No entanto, estamos cientes que os progressos que possam vir a ser feitos dependem não só do desempenho do professor e do aluno, mas também dos constrangimentos com que nos debatemos nas escolas. Esperamos que nas escolas se instaure o desejo de empreender projetos inovadores, pautados por iniciativa, competência profissional e impulso criativo.

REFLEXÃO CONCLUSIVA

Iniciámos o nosso trabalho a partir da verificação da ausência de interesse e conhecimento dos alunos face a temáticas relacionadas com a arte contemporânea. Constatámos que esta é pouco ou nada referenciada na disciplina que lecionámos, que quando valoriza, valoriza outras realidades artísticas. Assim, partimos do pressuposto de que a arte contemporânea não pode ser avaliada segundo critérios adaptados a outras realidades artísticas. Considerámos que esta é menos monótona e passiva, devido às suas múltiplas temáticas, formas de expressão, técnicas e materiais, pelo que pode ser um desafio cognitivo e criativo para o aluno, e pode permitir ao professor dar o seu contributo na definição de um novo quadro metodológico.

Na realização deste trabalho, analisámos a situação do ensino de artes visuais vigente, destacando a escassa importância atribuída à arte contemporânea. Colocando-nos no pólo oposto procurámos indagar os benefícios pedagógicos e formativos proporcionados por essa arte.

Na investigação teórica deste trabalho refletimos sobre o atual estado do ensino de artes visuais, averiguámos que as disciplinas de artes visuais estão atualmente remetidas a uma secundarização no currículo do aluno, pelo que fazemos pesquisar o argumento de que a arte contemporânea aborda temáticas atuais que nos ajudam a compreender a realidade atual e por isso defendemos a valorização dessas disciplinas e a inclusão da arte contemporânea no seu ensino, procurando dar resposta a esse desajuste.

Pelas reflexões tecidas face ao presente ensino de artes visuais constatámos que o conhecimento que se proporciona ao aluno é muitas vezes ambíguo e insuficiente, baseado na exploração de técnicas e materiais, pelo que procurámos com a nossa investigação e intervenção prático-pedagógica estimular o desenvolvimento reflexivo sobre o conhecimento de arte contemporânea.

No decorrer deste trabalho equacionámos problemáticas que se referem aos paradigmas mais recentes do ensino de artes visuais, à emergência do ensino de arte contemporânea e à sua implementação no ensino de artes visuais. A partir do estudo dos autores referenciados pretendemos compreender e levantar questões importantes, de forma a contribuir para o desenvolvimento de práticas transformadoras no contexto da sala de aula.

Através do uso da imagem da obra de arte contemporânea, de estratégias assentes na conceção racional do ensino de arte defendida por David Best e na Proposta Triangular de

Ana Mae Barbosa procurámos colmatar a falta de propostas inovadoras e estimulantes necessárias ao desenvolvimento artístico dos alunos.

A linha de pensamento do autor David Best que defende que a compreensão da arte se articula com o exercício da racionalidade, foi uma importante ferramenta na abordagem das potencialidades cognitivas e criativas da arte contemporânea. Esta conceção do ensino da arte adaptou-se às características da arte contemporânea no que respeita ao domínio crítico e autocrítico das suas temáticas, e à valorização da sua conceptualidade patente na multiplicidade temática, técnica, matéria e expressiva. Através de uma constante busca de razões os nossos alunos desenvolveram a interpretação artística de forma autónoma e a ação produtiva assente em obras e formas de arte contemporâneas.

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa tem apontado um conjunto de estratégias inovadoras capazes de modificar o estado de anacronismo em que o ensino de artes visuais se encontra, onde o compromisso com as práticas artísticas diz respeito a estratégias como a leitura da obra de arte, a contextualização e o fazer artístico. Através da sua implementação mostrámos que a abordagem da arte contemporânea detém um enorme potencial pedagógico, visto que os nossos alunos puderam, a partir das suas estratégias, desenvolver a interpretação artística de forma orientada e um fazer artístico reflexivo e contextualizado em obras e em formas de arte contemporâneas.

Na nossa atividade docente, proporcionámos aos alunos da nossa turma de estágio um conjunto de materiais pedagógicos, tais como esquemas de desenvolvimento dos trabalhos propostos, fichas de análise, justificativas e de memória descritiva elaboradas para o efeito, que promoveram a reflexão sobre a interpretação da obra de arte contemporânea, assim como, a autorreflexão das escolhas dos alunos ao longo do processo criativo.

O trabalho desenvolvido confrontou os alunos com artistas que maioritariamente não são referenciados no programa da disciplina e nem nos manuais escolares, pois como analisámos anteriormente, as forças de poder determinam o que deve ser abordado. No entanto, concluímos que os artistas e obras abordados foram alvo de interesse, pelo que reiteramos a pertinência da sua abordagem no ensino-aprendizagem de artes visuais.

Tendo em conta o modo como demos a conhecer a arte contemporânea e os resultados alcançados nas atividades realizadas, consideramos que proporcionámos um entendimento da obra de arte contemporânea como fenómeno que problematiza a sociedade atual em todos os seus aspetos, tais como culturais, políticos, sociais e religiosos, ou até outros como o impacto tecnológico, mobilizando a sua interpretação, reflexão e compreensão.

Ao nível da receção procurámos estimular reflexões em torno de questões relativas aos estereótipos de beleza, originalidade, criatividade e autoridade, visto que a arte contemporânea valoriza a conceptualidade da obra em detrimento da beleza, se concebe com base na apropriação de objetos de uso quotidiano ou de elementos da cultura visual, faz uso de técnicas, materiais e recursos não convencionais, e pode ser executada pelo artista ou encomendada.

Possibilitámos que os alunos ampliassem as suas definições dos conceitos de arte, artista, espectador e espaço expositivo, na medida em que: a arte contemporânea possui uma maior abrangência temática, técnica, matéria e expressiva; o artista contemporâneo já não é um génio que procura a beleza e a representação mimética da realidade, a sua prática artística relaciona-se com a procura da conceptualização, criatividade, inovação e originalidade servindo-se de temáticas, técnicas, materiais e recursos atuais; o espectador passa a poder interagir fisicamente e mentalmente sobre a obra de arte contemporânea; o espaço expositivo alarga-se e dessacraliza o sentido da arte tornando-a acessível a todos, exigindo mais do que a simples contemplação.

Através de critérios adaptados proporcionámos uma aproximação da arte contemporânea aos alunos permitindo a sua compreensão e fomentando o interesse, por isso defendemos um ensino de arte com critérios adequados a cada forma de arte e a urgência de integração da arte contemporânea no ensino, de forma a colmatar o seu afastamento, incompreensão e desinteresse.

Através de uma postura participativa, os alunos foram construtores e transmissores de conhecimentos, notámos constantemente um envolvimento e entusiasmo crescente, numa lógica de partilha de ideias e com enorme vontade de trocar opiniões sobre os diversos temas abordados. O que nos leva a salientar que foi com satisfação que foi possível surpreender e motivar os alunos, o que se revelou proveitoso e compensador.

No que respeita à postura por parte da comunidade escolar face ao ensino de arte contemporânea, consideramos que, no contexto onde desenvolvemos a nossa investigação, esta esteve recetiva à sua experimentação e descoberta.

Resta-nos acrescentar que ao analisar os resultados, sentimo-nos motivados a aprofundar este caminho, imaginando outros conteúdos, estratégias e atividades relacionadas com a arte contemporânea.

Compreender e integrar a arte contemporânea foi um desafio muito significativo quando nos nossos alunos não existia um conhecimento ou sequer contacto com o mundo da

arte. Neste sentido, desenvolver um trabalho com base nesta temática foi uma tarefa que implicou audácia e persistência.

O escasso período de tempo para a implementação do nosso projeto de investigação foi uma limitação, pelo que estamos conscientes que outros aspetos importantes poderiam ter sido trabalhados.

No entanto, os resultados alcançados, o envolvimento e o interesse que os alunos mostraram ao longo de todo o processo, deram sentido a todo o trabalho desenvolvido, e são estes desafios e soluções encontradas que tornam a prática educativa no contexto das artes visuais tão pertinente e gratificante.

A título conclusivo, o trabalho realizado permitiu aos alunos a compreensão da arte contemporânea, pelo que consideramos fundamental cultivar esta aproximação com o objetivo de contribuir para a formação de cidadãos esclarecidos, críticos e interventivos.

BIBLIOGRAFIA

- ACASO, Maria (2009). *La educación artística no son manualidades*. Madrid: La Catarata.
- ALMEIDA, Betâmio de (1974). *A Educação Estético-Visual no Ensino Escolar*. Lisboa: Livros Horizonte Lda.
- ARCHER, Michel (2001). *Arte Contemporânea: Uma História Concisa*. São Paulo: Martins Fontes.
- ARNHEIM, Rudolf (1997). *Para uma Psicologia da Arte, Arte e Entropia*. Lisboa: Dinalivro.
- BARBOSA, Ana Mae (1982). *Recorte e colagem: influências de John Dewey no ensino de arte no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- BARBOSA, Ana Mae (1985). *Arte-educação: conflitos/acertos*. São Paulo: Max Limonad.
- BARBOSA, Ana Mae (1991). *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva.
- BARBOSA, Ana Mae (1997). *Arte/Educação: Leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez Editora.
- BARBOSA, Ana Mae (1998). *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte.
- BARBOSA, Ana Mae Org. (2002). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez Editora.
- BARBOSA, Ana Mae Org. (2005a). *Arte/Educação Contemporânea*. São Paulo: Cortez Editora.
- BARBOSA, Ana Mae (2005b). *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Editora Perspetiva.
- BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (2008). *Interterritorialidade: Mídias, Contextos e Educação*. São Paulo: Senac.
- BARRETT, Maurice (1979). *Educação em Arte*. Porto: Editorial Presença.
- BERGER, John (1982). *Modos de ver*. Lisboa: Edições 70.
- BEST, David (1996). *A Racionalidade do Sentimento – O Papel das Artes na Educação*. Coleção Perspetivas Atuais. Porto: Edições Asa.
- BOURRIAUD, Nicolas (2006). *Estética relacional*. Córdoba: Editora SA.
- BOURRIAUD, Nicolas (2009). *Pós-Produção: Como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins.

- BRITO, Ronaldo (1980). *O Moderno e Contemporâneo: O Novo e o Outro Novo*. Rio de Janeiro: Funarte.
- CABANAS, José Maria (1993). *Pedagogia estética*. Madrid: Dykinson.
- CALADO, Isabel (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora.
- CAUQUELIN, Anne (2005). *A Arte Contemporânea*. Porto: RÉ-S-Editora.
- DANTO, Arthur (2006). *Após o Fim da Arte: A Arte Contemporânea e os Limites da História*. São Paulo: Odysseus.
- DEMPSEY, Amy (2003). *Estilos, Escolas e Movimentos*. São Paulo: Cosac Naify.
- EISNER, Elliot (1995). *Educar la visión artística*. Barcelona: Paidós Educador.
- EISNER, Elliot (2002). *El arte y la creación de la mente. El papel de las artes visuales en la transformación de la conciencia*. Barcelona: Paidós.
- EISNER, Elliot (2008). «O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?», in *Currículo sem Fronteiras*, nº2, julho/dezembro. Lisboa, pp.5-17.
- FONTANEL-BRASSART, Simone; ROUQUET, André (1977). *A Educação Artística na Ação Educativa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- GARDNER, Howard (1982). *Arte, mente y cerebro – Una aproximación cognitiva a la creatividad*. Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós Ediciones.
- GARDNER, Howard (1983). *Frames of Mind: The theory of multiple intelligences*. New York: Basic Books.
- GOODMAN, Nelson (1995). *Modos de fazer mundos*. Porto, Edições Asa.
- GOODMAN, Nelson (1976) *Languages of Art*. Indianapolis, Hackett.
- HERNÁNDEZ, Fernando (2000). *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Jussara Haubert Rodrigues (trad.). Porto Alegre: Artmed.
- HUYGUE, René (1998). *O poder da imagem*. Lisboa: Edições 70.
- KONESKI, Anita (2009). *A estranha fala da arte contemporânea*. Revista Palíndromo 1. Disponível em:
<http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/1ensino_de_arte/4_palindromo_anita.pdf>
Acesso: 20 de Abril de 2015.
- LOPONTE, Luciana (2014). «Arte contemporânea, inquietudes e formação estética para a docência», in *Educação e Filosofia Uberlândia*, v. 28, n. 56, julho/dezembro. Uberlândia, pp. 643-658.
- MENEZES, Marina (2006). *A inclusão da arte contemporânea no ensino de artes*. II Encontro de História da Arte – IFCH/UNICAMP. Disponível em:

<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2006/DE%20MENEZES%20Marina%20Pereira%20-%20IIIEHA.pdf>>. Acesso: 20 de Abril de 2015.

- PONTUAL, Roberto (1987). «Do Maneirismo ao Pós.Moderno: O Triunfo da Estranheza», in *Colóquio Artes – Revista Trimestral de Artes Visuais, Música e Bailado*, vol. 75, nº29, Dezembro. Lisboa, pp. 24-31.
- READ, Herbert (2007). *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- RIBEIRO, Agostinho (1997). *Projecto Cria-se: educar e formar para a criatividade*. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, Lda.
- ROBINSON, Ken; ARONICA, Lou (2009). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.
- ROUGE, Isabelle de Madison (2003). *A Arte Contemporânea*. Mem Martins: Editorial Inquérito.
- RUSH, Michael (2006). *Novas Mídias na Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes.
- TRINDADE, R.; COSME, A. (2010) *Educar e aprender na Escola. Questões, desafios e respostas pedagógicas*, Porto: Fundação Manuel Leão.
- VEIGA-NETO, A. (2002). «De Geometria, Currículo e Diferenças», in *Educação & Sociedade*, vol. 23, nº 79. Campinas, pp. 163-186.

Outros documentos consultados:

- Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais: Educação Artística (2011). Ministério da Educação; Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Lei de bases do Sistema Educativo (2005). Lisboa: Ministério da Educação.
- Programa de Educação Visual do Ensino Básico (2001). Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Básico.

ANEXOS

Anexo A – Inquérito Inicial

INQUÉRITO INICIAL

NOME _____
ANO ____ TURMA ____ Nº ____ IDADE ____

Tendo como referência as tuas experiências com arte procura responder às seguintes questões.

O que entendes por arte?

Para que serve a arte?

O que é arte contemporânea?

Que diferentes formas de arte conheces?

O que é um artista?

Que artistas conheces?

Como se deve procurar compreender a arte?

Onde se pode ver arte?

Com que frequência vês arte?

Praticas alguma forma de arte? Quando e onde?

BOM TRABALHO!

Anexo B – Súmula de resultados do inquérito inicial

Aluno A
1ª Pergunta: O que entendes por arte?
“Para mim, arte é uma coisa bonita.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte?
“Para transmitir sentimento.”
3ª Pergunta: O que é arte contemporânea?
”São coisas que fazem um contraste diferente na pintura.”
4ª Pergunta: Que diferentes formas de arte conheces?
“Esculturas e quadros.”
5ª Pergunta: O que é um artista?
“Um artista é a pessoa que faz arte.”
6ª Pergunta: Que artistas conheces?
“Leonardo da Vinci.”
7ª Pergunta: Como se deve procurar compreender a arte?
“Vendo se é bonita e se é uma boa representação.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte?
“Numa exposição.”
9ª Pergunta: Com que frequência vês arte?
“Raramente.”
10ª Pergunta: Praticas alguma forma de arte? Quando e onde?
“Sim, uma vez por semana nas aulas de EV.”

Aluno B
1ª Pergunta: O que entendes por arte?
“Arte é uma maneira de nos exprimirmos, mas através de desenhos.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte?
“Para nos exprimirmos.”
3ª Pergunta: O que é arte contemporânea?
“Não sei.”
4ª Pergunta: Que diferentes formas de arte conheces?
”Pinturas, retratos, monumentos.”
5ª Pergunta: O que é um artista?
“Uma pessoa que desenha ou pinta.”
6ª Pergunta: Que artistas conheces?
“Não me lembro de nenhum.”

7ª Pergunta: Como se deve procurar compreender a arte?
“Compreendendo o que ela quer transmitir.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte?
“Em galerias e museus.”
9ª Pergunta: Com que frequência vês arte?
“Com pouca frequência.”
10ª Pergunta: Praticas alguma forma de arte? Quando e onde?
“Sim, nas aulas de EV e de Música.”

Aluno C
1ª Pergunta: O que entendes por arte?
“É uma forma de uma pessoa se expressar.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte?
“Para mostrares a outras pessoas.”
3ª Pergunta: O que é arte contemporânea?
“Não sei.”
4ª Pergunta: Que diferentes formas de arte conheces?
“A arte do desenho, da música e da dança.”
5ª Pergunta: O que é um artista?
“É uma pessoa que pinta e compõe.”
6ª Pergunta: Que artistas conheces?
“Beethoven, Chopin.”
7ª Pergunta: Como se deve procurar compreender a arte?
“Pensando sobre ela.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte?
“Num museu e numa galeria.”
9ª Pergunta: Com que frequência vês arte?
“Nas aulas de EV, nas aulas de formação musical, nas aulas de classe de conjunto e nas aulas de instrumento (piano).”
10ª Pergunta: Praticas alguma forma de arte? Quando e onde?
“Sim, pratico nas aulas de EV e nas aulas de piano. Às segundas, quartas e sextas.”

Aluno D
1ª Pergunta: O que entendes por arte?
“A arte é uma forma das pessoas se expressarem.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte?
“A arte serve para ocupar os tempos livres.”

3ª Pergunta: O que é arte contemporânea?
“Não conheço.”
4ª Pergunta: Que diferentes formas de arte conheces?
“Arte de rua, arte abstrata.”
5ª Pergunta: O que é um artista?
“Um artista é o autor da arte.”
6ª Pergunta: Que artistas conheces?
“Não conheço.”
7ª Pergunta: Como se deve procurar compreender a arte?
“Analisando as cores e formas.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte?
“No museu.”
9ª Pergunta: Com que frequência vês arte?
“Às vezes.”
10ª Pergunta: Praticas alguma forma de arte? Quando e onde?
“Sim, quatro dias por semana na escola.”

Aluno E
1ª Pergunta: O que entendes por arte?
“Arte é uma forma de nos expressarmos.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte?
“A arte serve para nos podermos libertar.”
3ª Pergunta: O que é arte contemporânea?
“Não sei.”
4ª Pergunta: Que diferentes formas de arte conheces?
“Arte gráfica, pinturas e quadros.”
5ª Pergunta: O que é um artista?
“É uma pessoa que faz arte.”
6ª Pergunta: Que artistas conheces?
“Picasso, Leonardo da Vinci.”
7ª Pergunta: Como se deve procurar compreender a arte?
“Temos que perceber se está bem conseguida.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte?
“Museus e galerias.”
9ª Pergunta: Com que frequência vês arte?
“Eu vejo arte poucas vezes.”
10ª Pergunta: Praticas alguma forma de arte? Quando e onde?
“Não.”

Aluno F
1ª Pergunta: O que entendes por arte?
“A arte é um dom que as pessoas têm.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte?
“Para embelezar. Para distrair. Para aliviar o stress.”
3ª Pergunta: O que é arte contemporânea?
“É a arte do dia-a-dia.”
4ª Pergunta: Que diferentes formas de arte conheces?
“Música, pintura, desenho.”
5ª Pergunta: O que é um artista?
“É uma pessoa que faz arte.”
6ª Pergunta: Que artistas conheces?
“Não conheço nenhum.”
7ª Pergunta: Como se deve procurar compreender a arte?
“Procurando perceber o que ela expressa.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte?
“Nas galerias de arte.”
9ª Pergunta: Com que frequência vês arte?
“Raramente.”
10ª Pergunta: Praticas alguma forma de arte? Quando e onde?
“Sim. Todos os dias na escola.”

Anexo C – Powerpoint: Estratégia de sensibilização dos alunos para com a arte contemporânea

O que é arte contemporânea?

- É a arte produzida a partir do meio do século XX e surgiu com o objetivo de romper com a visão de arte tradicional.
- Manifesta uma variedade de temas de crítica (social, cultural, histórica, etc.) e autocrítica-
- Possui uma diversidade de materiais, técnicas e suportes que antes eram excluídos do universo da arte e são selecionados em função do que se pretende transmitir.
Exemplos: apropriação de objetos, de imagens, de textos e de obras de arte.
- Materializa-se sob muitas formas (pintura, escultura, desenho, instalação, fotografia, vídeo, performance, etc.).

- Desvaloriza a representação mimética (objetiva) da realidade e o sentido de belo da arte praticada nos antepassados.
- Valoriza a conceptualidade (mensagem/conceitos) do que se pretende transmitir.
- Secundariza a simples exploração de técnicas, materiais e instrumentos de registos.
- Estimula o pensamento crítico, redefinindo ideias acerca da arte, da beleza, da sociedade, da originalidade e da autoridade.

- Qual o papel do artista contemporâneo?
- É quem cria mentalmente, materializa ou manda executar.
- Como deve o espectador agir sobre a arte contemporânea?
- Já não contempla. Interage fisicamente e mentalmente sobre a obra de arte.
- Onde se pode ver arte contemporânea?
- No museu, na galeria ou qualquer espaço público.

Pintura / Escultura / Desenho / Instalação



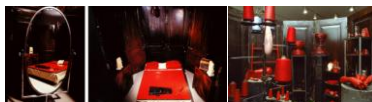
Andy Warhol
Vinte e Cinco Marilyns Coloridas / 1962
Acrílico sobre tela
209 x 170 cm



Bruce Nauman
Da Mão para a Boca / 1975
Cera sobre tecido
71,1 x 26,4 x 11,1 cm



Paula Rego
Lila a Rezar / 1998
Lápis sobre papel
42 x 29,7 cm



Louise Bourgeois
Red Room / 1964
Materiais diversos
211 x 353 x 274 cm

Fotografia / Vídeo / Performance



Helena Almeida,
Estudo para um enriquecimento interior / 1977
Fotografia
52 x 42 cm por unidade



Rebecca Horn
Performances II / 1972
Performance



Katharina Sieverding
Transformer / 1974
Vídeo

Aplicação da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa

- Ana Mae Barbosa é uma professora e investigadora brasileira.
- Nos anos 80 criou uma proposta de intervenção no ensino, designada por Proposta Triangular que procura aproximar a arte do ensino.
- **A Proposta Triangular consiste fundamentalmente:**
 - Na leitura da obra de arte;
 - Na sua contextualização;
 - No fazer artístico.

7

8

- **Na leitura da obra de arte a autora defende a análise:**
- Dos elementos da linguagem visual (ponto, linha, plano, volume, cor, etc.) e da sua relação;
- **Na contextualização a autora defende:**
- A contextualização da obra de arte e do artista no universo da arte.

- **No fazer artístico a autora defende:**
- A releitura da obra de arte— que consiste numa interpretação da obra de arte e nunca numa cópia fiel.

9

10

As potencialidades de desenvolvimento cognitivo e criativo através da interpretação e da ação produtiva da arte contemporânea apoiadas no autor David Best.

- David Best é um professor e investigador inglês.
- Pesquisa sobre o papel das artes na educação.
- Defende que as artes possibilitam o exercício da racionalidade e contribuem para a formação dos alunos como qualquer outra disciplina.
- Por isso é importante que a arte se inclua no currículo escolar.

11

12

- **A interpretação artística**

- As interpretações artísticas podem ser diferentes e conter **razões** diferentes.
- As razões podem aludir a sentimentos e a preferências pessoais, mas devem ser justificadas de forma objetiva.
- As razões não devem ser ilimitadas. Por exemplo: “É fantástica!”.
- As razões não devem ser reduzidas a preferências pessoais. Por exemplo “Gosto muito”.
- As razões podem recorrer-se dos diferentes elementos visuais constantes na obra de arte (ponto, linha, plano, volume, cor, etc.), numa lógica de associação entre esses elementos, mas podem também aludir à temática, à expressão, à técnica, aos materiais, aos sentimentos, à dimensões, etc.

13

- **A ação produtiva**

- A ação produtiva deve desenvolver-se como uma atividade racional. Onde **acriatividade** adquire presença e também se materializa por meio de **razão**.
- A criatividade relaciona-se com a inovação e a originalidade, e pressupõe um distanciamento do tradicional.

14

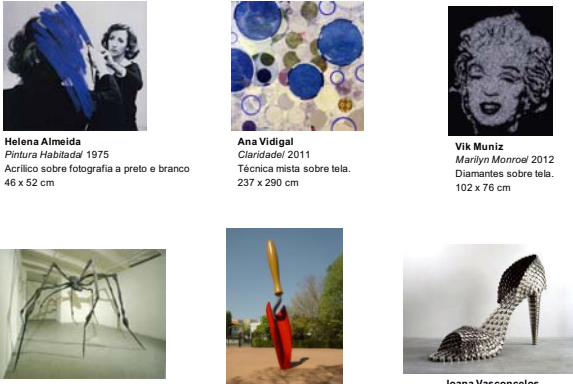
Anexo D – Powerpoint: Atividade 1

<h3>Arte Contemporânea: Pintura e Escultura</h3>	<ul style="list-style-type: none">• Surgiram a partir da década de 1960.• Secundarizam o belo, a reprodução fiel da realidade e valorizam a conceptualização (mensagem, conceitos, ideias).• Permanecem até à atualidade e traduzem a realidade, através das temáticas, das técnicas, dos materiais, das formas, das cores, do som, da linguagem e do gesto. Por isso possuem uma pluralidade expressiva, criatividade e crítica que outros movimentos artísticos não possuíam.
<p>1</p> <ul style="list-style-type: none">• As temáticas possuem uma dimensão crítica social (exemplos: democracia, opressões, racismo, sexismo, questões humanitárias, património, ambiente, urbanismo, entre outros) ou autocrítica (autorrepresentativa/autobiográfica).	<p>2</p> <ul style="list-style-type: none">• As obras de arte de pintura e escultura contemporâneas podem fazer uso da apropriação de outras obras, de objetos e imagens da comunicação social. Os produtos culturais são reinterpretados, reproduzidos, reexpostos ou reutilizados.• Recorrem às inovações da sociedade, fazendo uso da banda desenhada, da publicidade, dos <i>cartoons</i>, da fotografia, de cartazes, de colagens, de peças acrescentadas, rasgadas misturando técnicas (a formulação de técnica mista acompanha muitas vezes as obras).
<p>3</p> <ul style="list-style-type: none">• Entre os seus artistas destacamos: Sonia Delaunay; Paula Rego; Helena Almeida; Ana Vidigal; Vik Muniz; José de Guimarães, Louise Bourgeois; Frida Kahlo; Meret Oppenheim; Joana Vasconcelos; Claes Oldenburg; João Pedro Vale.	<p>4</p> <h3>Mostra de obras de artistas contemporâneos: Pintura e Escultura</h3>
<p>5</p>	<p>6</p>

• **1. Interpretação artística autónoma**

- De forma a desenvolver a tua autonomia no processo interpretativo da obra de arte e tendo como referência a conceção racional da arte do autor David Best, que entende que a arte assenta em razões justificadas e objetivas, associa palavras ou faz um comentário a cada obra de arte.
- Podes recorrer aos elementos da linguagem visual, à temática, à expressão, à técnica, aos materiais, às dimensões, etc.

7



Helena Almeida
Pintura Habitada 1975
Acrílico sobre fotografia a preto e branco
46 x 52 cm

Ana Vidigal
Clareza 2011
Técnica mista sobre tela.
237 x 290 cm

Vik Muniz
Marilyn Monroe 2012
Diamantes sobre tela.
102 x 76 cm

Louise Bourgeois
Maman 1999
Aço e mármore.
927 x 892 x 1024 cm

Claes Oldenburg & Coosje Van Bruggen
Colher de Jardineira 2001
Aço inoxidável, alumínio, fibra de vidro, esmalte acrílico
729 x 135 x 145 cm

Joana Vasconcelos
Marilyn 2009
Painéis e tampas em aço inox.
150 x 155 x 410 cm


8

• **2. Interpretação artística orientada**

- De forma a orientar o teu processo de interpretação artística e tendo como referência a Proposta Triangular da autora Ana Mae Barbosa seguidamente procedemos à leitura e à contextualização das obras de arte contemporâneas.

9

Leitura e contextualização da obra de arte




Helena Almeida
Pintura Habitada 1975
Acrílico sobre fotografia a preto e branco.
46 x 52 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Cores: branco, preto e azul; simbologia.
- Plano: posição no espaço- horizontal; forma - fotografia.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano horizontal sob a forma de fotografia, onde a artista aplicou a pintura utilizando a cor de forma intencional, transmitindo espontaneidade e ousadia.

10

Leitura e contextualização da obra de arte



Helena Almeida
Pintura Habitada 1975
Acrílico sobre fotografia a preto e branco.
46 x 52 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 70.
- Temática autocrítica (autorrepresentação, autoironia, corpo, limites físicos, espaço).
- Ausência da procura do belo na forma de representação.
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) no tema, nas formas e nos materiais.
- Inovação na técnica e nos materiais (fotografia, pintura sobre fotografia).

11

Leitura e contextualização da obra de arte

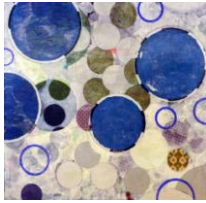


Helena Almeida
Pintura Habitada 1975
Acrílico sobre fotografia a preto e branco.
46 x 52 cm

- **Artista**
- Helena Almeida nasceu em 1934 em Lisboa, cidade onde vive e trabalha.
- Estudou Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.
- Expõe desde 1967.
- O seu trabalho é associado ao movimento de arte contemporânea designado por arte conceptual (1970).
- A sua obra é muito diversificada (pintura, desenho, instalação, escultura e gravura), mas marcada pelo uso da fotografia.
- A artista tem reconhecimento em Portugal e no estrangeiro.

12

Leitura e contextualização da obra de arte

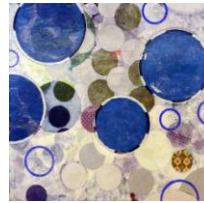


Ana Vidigal
Clareza / 2011
Técnica mista sobre tela.
237 x 290 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; quantidade; situação.
- Cores: primárias, secundárias, terciárias; quentes, frias; simbologia.
- Plano: posição no espaço - horizontal; forma - pintura.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano horizontal sob a forma de pintura, onde o ponto, a linha e a cor transmitem espontaneidade.

13

Leitura e contextualização da obra de arte

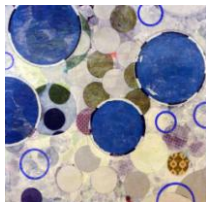


Ana Vidigal
Clareza / 2011
Técnica mista sobre tela.
237 x 290 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Século XXI.
- Temática autocrítica (autobiográfica, mulher, memória, infância, sentimento, sensibilidade intimidade).
- Ausência da procura de belo na forma de representação.
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias).
- Inovação na técnica e nos materiais (tecidos, textos e tintas).
- Apropriação (textos) - técnica inovadora da arte contemporânea.
- Técnica mista - designação usada na arte contemporânea.

14

Leitura e contextualização da obra de arte



Ana Vidigal
Clareza / 2011
Técnica mista sobre tela.
237 x 290 cm

- **Artista**
- Ana Vidigal nasceu em 1960 em Lisboa, cidade onde vive e trabalha.
- Estudou Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.
- Expõe a partir da década de 80.
- O seu trabalho é associado às tendências de arte contemporânea que abordam temáticas feministas.
- A sua obra é diversificada (pintura, desenho e instalação).
- A artista tem reconhecimento em Portugal e no estrangeiro.

15

Leitura e contextualização da obra de arte



Vik Muniz
Marilyn Monroe / 2012
Diamantes sobre tela.
102 x 76 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: Grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Cores: branco e preto; simbologia
- Plano: posição no espaço- vertical
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano vertical, onde a disposição do ponto, da linha e da cor transmitem contraste, espontaneidade e subtiliza

16

Leitura e contextualização da obra de arte



Vik Muniz
Marilyn Monroe / 2012
Diamantes sobre tela.
102 x 76 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Século XXI.
- Temática de crítica social (cultura, beleza, feminilidade, sensualidade, minúcia).
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) nas formas. representadas e na sua relação com os materiais utilizados.
- Inovação na técnica e materiais (diamantes).
- Apropriação de uma obra de arte do artista Andy Warhol (*Pop arte* – 1960).

17

Leitura e contextualização da obra de arte



Vik Muniz
Marilyn Monroe / 2012
Diamantes sobre tela.
102 x 76 cm

- **Artista**
- Vik Muniz nasceu em 1960 em São Paulo-Brasil. Vive e trabalha em Nova Iorque-EUA.
- Expõe desde a década de 80.
- É influenciado por artistas clássicos como Leonardo da Vinci, Claude Monet, Albert Dürer, e por artistas contemporâneos como Gerhard Richter, Andy Warhol, entre outros.
- Nas suas obras o artista realiza reinterpretações extremamente originais, facto que surpreende o público e a crítica de arte.
- A sua produção é diversificada (fotografia, pintura, desenho e instalação).
- O artista tem reconhecimento mundial.

18

Leitura e contextualização da obra de arte



Louise Bourgeois
Maman / 1999
Aço e mármore.
927 x 892 x 1024 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Cores: preto; simbologia.
- Plano: posição no espaço – vertical, horizontal e oblíquo.
- Volume: livre; forma - escultura.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano vertical, horizontal e oblíquo sob a forma de escultura, onde a linha e a cor transmitem irregularidade, assimetria, ritmo e espontaneidade.

19

Leitura e contextualização da obra de arte



Louise Bourgeois
Maman / 1999
Aço e mármore.
927 x 892 x 1024 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 90.
- Temática autocrítica (autobiográfica, memória, infância, sentimento, proteção)
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) no tema, na forma e nos materiais.
- Criatividade nos materiais (ferro e mármore).
- Grande dimensão e interação com o espaço.
- Reflexão sobre o papel do artista na atualidade, enquanto criador mental que pode encomendar a execução da obra.
- Ampliação do conceito de espaço expositivo.

20

Leitura e contextualização da obra de arte



Louise Bourgeois
Maman / 1999
Aço e mármore.
927 x 892 x 1024 cm

- **Artista**
- Louise Bourgeois nasceu em 1911 em Paris-França, mudou-se para Nova Iorque-EUA, onde faleceu em 2010.
- Estudou na escola de Belas Artes de Paris.
- É influenciada por movimentos como o surrealismo (1920) e associada a movimentos de arte contemporânea como a instalação (1970).
- A sua obra é diversificada (pintura, desenho, escultura e instalação).
- O reconhecimento do seu trabalho gera-se a partir da década de 70 e a artista tem reconhecimento mundial.

21

Leitura e contextualização da obra de arte



Claes Oldenburg & Coosje Van Bruggen
Colher de Jardineiro / 2001
Aço inoxidável, alumínio, fibra de vidro, esmalte acrílico
729 x 135 x 145 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Linha: tipologia; grandeza; situação.
- Cores: quentes, primárias; simbologia.
- Plano: posição no espaço – vertical, horizontal e oblíquo.
- Volume: livre; forma - escultura.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano vertical, horizontal e oblíquo sob a forma de escultura, onde o ponto, a linha e a cor transmitem equilíbrio, regularidade e ousadia.

22

Leitura e contextualização da obra de arte



Claes Oldenburg & Coosje Van Bruggen
Colher de Jardineiro / 2001
Aço inoxidável, alumínio, fibra de vidro, esmalte acrílico
729 x 135 x 145 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Século XXI.
- Temática de crítica social (ampliação e exagero da realidade).
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) no tema, na forma e nos materiais.
- Grande dimensão e interação com o espaço.
- Reflexão sobre o papel do artista na atualidade, enquanto criador mental que pode encomendar a execução da obra.
- Ampliação do conceito de espaço expositivo.

23

Leitura e contextualização da obra de arte



Claes Oldenburg & Coosje Van Bruggen
Colher de Jardineiro / 2001
Aço inoxidável, alumínio, fibra de vidro, esmalte acrílico
729 x 135 x 145 cm

- **Artista**
- Claes Oldenburg & Coosje van Bruggen
- Claes Oldenburg nasceu em 1929 em Estocolmo-Suécia. Vive e trabalha em Nova Iorque-EUA.
- Coosje Van Bruggen nasceu em 1942 em Groningen-Países Baixos, mudou-se para Nova Iorque-EUA, onde faleceu em 2009.
- Representam o movimento de arte contemporânea denominado popop arte (1960).
- Os artistas são um casal e desde 1976 trabalharam em colaboração na criação de muitas esculturas urbanas de grandes dimensões.
- As suas obras têm reconhecimento mundial.

24

Leitura e contextualização da obra de arte



Joana Vasconcelos
Marilyn / 2009
Painéis e tampas em aço inox,
150 x 155 x 410 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; situação.
- Cores: cinzento; simbologia.
- Plano: posição no espaço – vertical, horizontal e oblíquo.
- Volume: livre; forma - escultura.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano vertical, horizontal e oblíquo sob a forma de escultura onde os elementos da linguagem visual, transmitem regularidade e subtilidade.

25

Leitura e contextualização da obra de arte



Joana Vasconcelos
Marilyn / 2009
Painéis e tampas em aço inox,
150 x 155 x 410 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Século XXI.
- Temática de crítica social (papel da mulher, sensualidade, tradição)
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) na temática, na forma e na sua relação com o material.
- Inovação pelo material (painéis e tampas).
- Apropriação (painéis e tampas).
- Grande dimensão e interação com o espaço.
- Reflexão sobre o papel do artista na atualidade, enquanto criador mental que pode encorajar a execução da obra.
- Ampliação do conceito de espaço expositivo.

26

Leitura e contextualização da obra de arte



Joana Vasconcelos
Marilyn / 2009
Painéis e tampas em aço inox,
150 x 155 x 410 cm

- **Artista**
- Joana Vasconcelos nasceu em 1971 em Paris-França. Vive e trabalha em Lisboa.
- Estudou no ARCO em Lisboa.
- A sua obra é diversificada (vídeo, escultura e instalação).
- A artista é considerada como uma das artistas mais marcantes da última década, já ganhou diversos prémios e tem reconhecimento em Portugal e no estrangeiro.

27

3. Fazer artístico

- Tendo como referência as obras de arte contemporânea de pintura e de escultura mostradas, seleciona uma e realiza uma releitura.
- Uma releitura de uma obra de arte, não como uma cópia fiel, é um exercício interpretativo e criativo. Pode refletir sobre o tema, a técnica, os materiais, etc.
- Aplica os elementos da linguagem visual: ponto, linha e/ou cor.
- Utiliza marcadores e lápis decor.

28

Anexo E – Powerpoint: Atividade 2

<p style="text-align: center;">Arte Contemporânea: Desenho Expressivo da Figura Humana</p>	<ul style="list-style-type: none">• Na contemporaneidade o desenho expressivo da figura humana representa o corpo humano (inteiro ou parcial), mas não de uma forma fiel, pelo que não pressupõe um rigor realista, mas apela à expressividade individual e à conceptualização (mensagem, conceitos) do artista que o produz.• Possui uma diversidade de técnicas, materiais e suportes, e por isso as obras são mais expressivas e criativas.• É atualmente é uma prática muito frequente entre os artistas contemporâneos.
<p style="text-align: center;">Autorretrato</p>	<ul style="list-style-type: none">• Definição• O autorretrato é definido na história da arte como um retrato (imagem / representação) que o artista faz de si mesmo.• Contextualização• Antes da invenção da fotografia (séc. XIX) o autorretrato tinha por objetivo representar fielmente os traços anatómicos do artista que o executava.• Após a invenção da fotografia e sobretudo com o aparecimento do período de arte contemporânea (séc. XX), o autorretrato pode representar os traços anatómicos de forma mais expressiva, mais criativa (pelas técnicas, materiais e suportes) e conceptual (mensagem, conceitos).
<ul style="list-style-type: none">• Entre os seus artistas destacamos as obras de: Vieira da Silva; Júlio Pomar; Fernando Lanhas; Pedro Cabrita Reis; Lucian Freud; Vik Muniz.	<p style="text-align: center;">Mostra de obras de artistas contemporâneos: Desenho Expressivo da Figura Humana</p>

• **1. Interpretação artística autónoma**

- De forma a desenvolver a tua autonomia no processo interpretativo da obra de arte e tendo como referência a conceção racional da arte do autor David Best, que entende que a arte assenta em razões justificadas e objetivas, associa palavras ou faz um comentário a cada obra de arte.
- Podes recorrer aos elementos da linguagem visual, à temática, à expressão, à técnica, aos materiais, às dimensões, etc.

7



Vieira da Silva
Autoretrato / 1952
Tinta-da-china sobre papel.
30 x 45 cm



Júlio Pomar
Fernando Pessoa / 1983
Tinta-da-china sobre papel.
80 x 57 cm



Fernando Lhanhas
Miguel Torga / 1994
Tinta-da-china sobre papel.
100 x 70 cm



Pedro Cabrita Reis
Os cegos de Praga / 1998
Grafite e acrílico sobre papel.
140 x 100 cm



Lucian Freud
Sem título / 2008
Grafite sobre papel.
30 x 40 cm



Vik Muniz
Autoretrato / 2005
Folhas sobre tela.
163 x 152 cm

8

Leitura e contextualização da obra de arte



Vieira da Silva
Autoretrato / 1952
Tinta-da-china sobre papel.
30 x 45 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Plano: posição no espaço - horizontal; forma - desenho.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano horizontal sob a forma de desenho, onde o ponto e a linha transmitem contraste e simplicidade.

9

Leitura e contextualização da obra de arte



Vieira da Silva
Autoretrato / 1952
Tinta-da-china sobre papel.
30 x 45 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 50.
- Temática autocrítica (autorrepresentação).
- Representação expressiva da artista, reproduzindo as suas particularidades físicas e a sua atividade artística.
- Ausência de representação mimética (objetiva) dos traços anatómicos.
- Inexistência de procura do belo na forma de representação.
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) no tema e na simplicidade das formas.

11

10

Leitura e contextualização da obra de arte



Vieira da Silva
Autoretrato / 1952
Tinta-da-china sobre papel.
30 x 45 cm

- **Artista**
- Vieira da Silva nasceu em 1908 em Lisboa. Viveu em Lisboa, Paris e no Brasil.
- Faleceu em Paris em 1992.
- Estudou desenho e pintura na Academia de Belas Artes de Lisboa, e escultura na Académie de la Grande Chaumière em Paris.
- Expõe continuamente desde 1940.
- A sua obra manifesta-se sobretudo no desenho e na pintura.
- A artista tem reconhecimento em Portugal e no estrangeiro, particularmente em Paris.

12

Leitura e contextualização da obra de arte



Júlio Pomar
Fernando Pessoa / 1983
Tinta-da-china sobre papel.
80 x 57 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: Grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Plano: posição no espaço - vertical; forma - desenho.
- Sintaxe/relação: composição realizada num plano vertical sob a forma de desenho, onde o ponto e a linha transmitem contraste, ritmo, espontaneidade, complexidade e ousadia.

13

Leitura e contextualização da obra de arte



Júlio Pomar
Fernando Pessoa / 1983
Tinta-da-china sobre papel.
80 x 57 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 80.
- Temática de crítica social/cultural.
- Representação expressiva do Fernando Pessoa, retratando as suas particularidades físicas, intelectuais e culturais.
- Ausência de representação mimética (objetiva, fiel) dos traços anatómicos.
- Inexistência da procura do belo na forma de representação.
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) no tema e na complexidade de formas.

14

Leitura e contextualização da obra de arte



Júlio Pomar
Fernando Pessoa / 1983
Tinta-da-china sobre papel.
80 x 57 cm

- **Artista**
- Júlio Pomar nasceu em 1926 em Lisboa. Vive e trabalha entre Paris e Lisboa.
- Estudou na Escola de Belas Artes de Lisboa e na Escola de Belas Artes do Porto.
- Expõe assiduamente desde a década de 50.
- A obra do artista é diversificada e manifesta-se sobretudo no desenho e na pintura, mas estende-se à gravura, à escultura, à ilustração, à cerâmica, à tapeçaria, à cenografia e ao azulejo.
- A sua obra é uma das mais significativas expressões da criação artística portuguesa contemporânea e tem reconhecimento em Portugal e no estrangeiro.

15

Leitura e contextualização da obra de arte

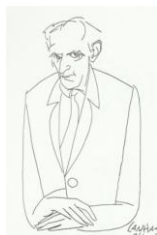


Fernando Lanhas
Miguel Torga /1994
Tinta-da-china sobre papel.
100 x 70 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Plano: posição no espaço - vertical; forma - desenho.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano vertical sob a forma de desenho onde o ponto e a linha transmitem contraste, espontaneidade e simplicidade.

16

Leitura e contextualização da obra de arte



Fernando Lanhas
Miguel Torga /1994
Tinta-da-china sobre papel.
100 x 70 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 90.
- Temática de crítica social/cultural.
- Representação expressiva do escritor Miguel Torga.
- Ausência de representação mimética (objetiva, fiel) dos traços anatómicos.
- Inexistência da procura do belo na forma de representação.
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) no tema e na simplicidade das formas.

17

Leitura e contextualização da obra de arte



Fernando Lanhas
Miguel Torga /1994
Tinta-da-china sobre papel.
100 x 70 cm

- **Artista**
- Fernando Lanhas nasceu em 1923 no Porto e faleceu em 2012 na mesma cidade.
- Estudou arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto.
- Expõe desde a década de 50.
- A sua obra é maioritariamente composta por desenho e pintura.
- O artista possui grande reconhecimento em Portugal.

18

Leitura e contextualização da obra de arte



Pedro Cabrita Reis
Os cegos de Praga / 1998
Grafite e acrílico sobre papel.
140 x 100 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Plano: posição no espaço - vertical; forma - desenho.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano vertical sob a forma de desenho, onde o ponto e a linha transmitem contraste, espontaneidade, ousadia.

19

Leitura e contextualização da obra de arte



Pedro Cabrita Reis
Os cegos de Praga / 1998
Grafite e acrílico sobre papel.
140 x 100 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 90.
- Temática de crítica social (autobiográfica).
- Representação expressiva realizada através do corpo do artista para tratar um tema de crítica social num registo autobiográfico.
- Ausência de representação mimética (objetiva, fiel) dos traços anatómicos.
- Inexistência de procura do belo na forma de representação.
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) no tema e na forma de representação.
- Exploração dos efeitos de claro-escuro pelos elementos da linguagem visual, numa vertente expressiva, criativa e original.
- Inovação pela grande dimensão.

20

Leitura e contextualização da obra de arte



Pedro Cabrita Reis
Os cegos de Praga / 1998
Grafite e acrílico sobre papel.
140 x 100 cm

- **Artista**
- Pedro Cabrita Reis nasceu em 1956, em Lisboa. Vive e trabalha em Lisboa.
- Estudou desenho e pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa.
- Expõe regularmente desde o início da década de 80.
- A obra de Pedro Cabrita Reis tem realizado, ao longo do seu percurso, inúmeros trabalhos que apontam uma vertente autobiográfica, como algo oculto, interior e inacessível.
- Iniciou a sua obra pela prática do desenho e da pintura e posteriormente dedicou-se à escultura e à instalação.
- Participou em numerosas exposições nacionais e internacionais, tendo exposto em espaços prestigiados em São Paulo, México, Londres, Roma, Madrid, Veneza.

21

Leitura e contextualização da obra de arte



Lucian Freud
Sem título / 2008
Grafite sobre papel.
30 x 40 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Plano: posição no espaço - vertical; forma - desenho.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano vertical sob a forma de desenho, onde o ponto e a linha transmitem contraste e espontaneidade.

22

Leitura e contextualização da obra de arte



Lucian Freud
Sem título / 2008
Grafite sobre papel.
30 x 40 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Século XXI.
- Temática autocrítica (autobiográfica).
- Exploração do tema pela valorização da reflexão, da análise e da memória.
- Ausência de representação mimética (objetiva, fiel) dos traços anatómicos.
- Inexistência de procura do belo na forma de representação.
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) no tema e na forma de representação.
- Exploração dos efeitos de claro-escuro pelos elementos da linguagem visual, numa vertente expressiva, criativa e original.

23

Leitura e contextualização da obra de arte



Lucian Freud
Sem título / 2008
Grafite sobre papel.
30 x 40 cm

- **Artista**
- Lucian Freud nasceu em 1922 em Berlim-Alemanha, mudou-se para Londres-Inglaterra, cidade onde faleceu em 2011.
- Estudou arte em várias escolas em Londres.
- Influenciado pelo surrealismo (1920) por representar pessoas em posições incomuns.
- A obra de Lucian Freud manifesta-se sobretudo no desenho e na pintura, e aborda sempre a temática do retrato.
- O artista tem reconhecimento mundial e é considerado um dos mais importantes artistas do séc. XX.

24

Leitura e contextualização da obra de arte



Vik Muniz
Autoretrato / 2005
Folhas sobre tela.
163 x 152 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: Grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Plano: posição no espaço - vertical.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um plano vertical onde o ponto e a linha transmitem contraste, espontaneidade, irregularidade e ousadia.

25

Leitura e contextualização da obra de arte



Vik Muniz
Autoretrato / 2005
Folhas sobre tela.
163 x 152 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Século XXI.
- Temática autocrítica (autorrepresentação).
- Exploração do tema pela valorização da reflexão e envolvimento com a realidade (natureza).
- Ausência de representação mimética (objetiva, fiel) dos traços anatômicos.
- Inexistência da procura do belo na forma de representação.
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) na busca de razões da autorrepresentação.
- Inovação na técnica e na apropriação de um material incomum (folhas da natureza).

26

Leitura e contextualização da obra de arte



Vik Muniz
Autoretrato / 2005
Folhas sobre tela.
163 x 152 cm

- **Artista**
- Vik Muniz nasceu em 1960 em São Paulo-Brasil. Vive e trabalha em Nova Iorque-EUA.
- Expõe desde a década de 80.
- É influenciado por artistas clássicos como Leonardo da Vinci, Cçaide Monet, Albert Dürer, e por artistas contemporâneos como Gerhard Richter, Andy Warhol, entre outros.
- Nas suas obras o artista realiza reinterpretações extremamente originais, facto que surpreende o público e a crítica de arte.
- A sua produção é diversificada (fotografia, pintura, desenho e instalação).
- O artista tem reconhecimento mundial.

27

3. Fazer artístico

- Realiza uma lista de características autorrepresentativas.
- A partir de uma fotografia tua e comas características que consideras mais autorrepresentativascria o teu autorretrato.
- Pensa na relação entre a simbologia das características e as formas, as cores, as intensidades, as dimensões e o seu posicionamento .
- Seleciona os materiais mais adequados à mensagem que pretendes transmitir.

28

Anexo F – Powerpoint: Atividade 3

Arte Contemporânea: Instalação

1

- A instalação é um movimento artístico que surgiu na década de 1970.
- O seu processo de realização contempla a construção de cenários e ambientes, muitas vezes compostos pela apropriação de objetos do cotidiano e pelo recurso diversos materiais como: fotografia, vídeo, som; luz; etc.
- Pode provocar diferentes sensações: táteis; térmicas; odoríficas; auditivas; visuais; etc.
- Por ser efêmera a instalação não é comercial, mas normalmente os artistas são pagos para realizarem uma instalação. E existe também a possibilidade de registrar a instalação por meio da fotografia e dos artistas venderem essas fotografias.
- As suas temáticas podem abordar aspetos sociais ou pessoais.

3

- Esta prática artística mantém-se frequente na atualidade e entre os artistas que a praticam destacamos as obras de Annette Messager, Judy Chicago, Louise Bourgeois, Katharina Fritsch, Marina Abramovic e Joana Vasconcelos.

5

O que é a instalação?

2

- A instalação valoriza a necessidade de conceptualização, isto é, a ideia que se pretende transmitir.
- O espectador/público pode experienciar fisicamente e mentalmente a obra de arte de instalação.
- Normalmente ocorrem em espaços como galerias e museus.

4

Mostra de obras de artistas contemporâneos: Instalação.

6

• **1. Interpretação artística autónoma**

- De forma a desenvolver a tua autonomia no processo interpretativo da obra de arte e tendo como referência a conceção racional da arte do autor David Best, que entende que a arte assenta em razões justificadas e objetivas, associa palavras ou faz um comentário a cada obra de arte.
- Podes recorrer aos elementos da linguagem visual, à temática, à expressão, à técnica, aos materiais, às dimensões, etc.

7



Annette Messager
Dependência/Independência / 1995
Tecido, animais empalhados, redes, corda e linha.
Pormenor da instalação.



Judy Chicago
O Jantar de Festa / 1979
Madeira, tecidos, resina, tintas e linha.
144 x 126 x 90 cm



Louise Bourgeois
Sem título / 1996
Roupa, metal e madeira.
300 x 280 x 280 cm



Katharina Fritsch
Coração com dinheiro / 1999
Alumínio e tinta.
400 x 400 cm



Marina Abramovic
Sapatos para a partida / 1990
Amatista.
Pormenor da instalação.



Joana Vasconcelos
Coração Independente / 2009
Talhados de plástico, tinta, ferro, corrente metálica, motor elétrico e som (fado de Amália Rodrigues),
300 x 300 x 300 cm

8

• **2. Interpretação artística orientada**

- De forma a orientar o teu processo de interpretação artística e tendo como referência a Proposta Triangular da autora Ana Mae Barbosa seguidamente procedemos à leitura e à contextualização das obras de arte contemporâneas.

9

Leitura e contextualização da obra de arte



Annette Messager
Dependência/Independência / 1995
Tecido, animais empalhados, redes, corda e linha.
Pormenor da instalação.

• **Análise dos elementos da linguagem visual**

- Ponto: Grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Cores: quentes/frias; primárias, secundárias, terciárias; complementares; simbologia.
- Plano: posição no espaço – vertical, horizontal e oblíquo.
- Volume: livre; forma – instalação.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um volume livre pela forma de uma instalação, onde o ponto, a linha e a cor transmitem desequilíbrio, assimetria, contraste, ritmo, espontaneidade, complexidade e ousadia.

10

Leitura e contextualização da obra de arte



Annette Messager
Dependência/Independência / 1995
Tecido, animais empalhados, redes, corda e linha.
Pormenor da instalação.

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 90.
- Temática de crítica social (feminino, memória, sensibilidade).
- Inexistência da procura do belo.
- Valorização conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) na temática, nas formas e na relação com os materiais.
- Inovação na técnica e nos materiais invulgares (tecido, animais empalhados, redes, corda e linha).
- Apropriação de objetos (animais empalhados).
- Grande dimensão e interação com o espaço.
- Interação física e mental do espectador.

11

Leitura e contextualização da obra de arte



Annette Messager
Dependência/Independência / 1995
Tecido, animais empalhados, redes, corda e linha.
Pormenor da instalação.

• **Artista**

- Annette Messager nasceu em 1943 em Paris-França. Vive e trabalha em Paris-França.
- Estudou na Escola de Artes Decorativas de Paris.
- Expõe desde a década de 70.
- A sua produção é diversificada (fotografia, desenho e instalação).
- O seu trabalho tem reconhecimento mundial.

12

Leitura e contextualização da obra de arte



Judy Chicago
O Jantar de Festa / 1979
Madeira, tecidos, resina, tintas e linha.
144 x 126 x 90 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: Grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Cores: quentes/frias; primárias, secundárias, terciárias; complementares; simbologia.
- Plano: posição no espaço – vertical, horizontal e oblíquo.
- Volume: livre; forma – instalação.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um volume livre pela forma de uma instalação, onde o ponto, a linha e a cor transmitem equilíbrio, simetria, ritmo, ousadia e sutileza.

13

Leitura e contextualização da obra de arte



Judy Chicago
O Jantar de Festa / 1979
Madeira, tecidos, resina, tintas e linha.
144 x 126 x 90 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 70.
- Temática de crítica social (identidade, feminino, masculino, artistas esquecidas, cristianismo, poder).
- Valorização conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) na temática, nas formas e na relação com os materiais.
- Inovação na técnica e nos materiais invulgares (talheres, taças, madeira, tecidos, resina, tintas e linha).
- Apropriação de objetos (talheres, taças, etc.).
- Grande dimensão e interação com o espaço.

14

Leitura e contextualização da obra de arte



Judy Chicago
O Jantar de Festa / 1979
Madeira, tecidos, resina, tintas e linha.
144 x 126 x 90 cm

- **Artista**
- Judy Chicago nasceu em 1939 em Chicago-EUA, cidade onde vive e trabalha.
- A artista estudou artes em Chicago.
- a Expõe desde a década de 60.
- A sua produção é diversificada (fotografia, desenho, escultura, pintura e instalação).
- O seu trabalho tem reconhecimento mundial e já exposto nos Estados Unidos, Canadá, Europa, Ásia, Austrália e Nova Zelândia.
- Para além da obra como artista plástica é professora e escritora, e tem inúmeros livros editados pelo mundo.

15

Leitura e contextualização da obra de arte



Louise Bourgeois
Sem título / 1996
Roupas, metal e madeira.
300 x 280 x 280 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: Grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Cores: quentes/frias; primárias, secundárias, terciárias; complementares; simbologia.
- Plano: posição no espaço – vertical, horizontal e oblíquo.
- Volume: livre; forma – instalação.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um volume livre pela forma de uma instalação, onde o ponto, a linha e a cor transmitem desequilíbrio, assimetria, contraste, instabilidade, irregularidade e sutileza.

16

Leitura e contextualização da obra de arte



Louise Bourgeois
Sem título / 1996
Roupas, metal e madeira.
300 x 280 x 280 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 90.
- Temática autocrítica (autobiografia, feminino, memória, sensibilidade).
- Valorização a conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) na temática, nas formas representadas e na relação com os materiais.
- Inovação na técnica e nos materiais invulgares (roupas, metal e madeira).
- Apropriação de objetos (roupas).
- Grande dimensão e interação com o espaço.

17

Leitura e contextualização da obra de arte



Louise Bourgeois
Sem título / 1996
Roupas, metal e madeira.
300 x 280 x 280 cm

- **Artista**
- Louise Bourgeois nasceu em 1911 em Paris-França, mudou-se para Nova Iorque-EUA, onde faleceu em 2010.
- Estudou na escola de Belas Artes de Paris.
- Expõe desde a década de 70.
- É influenciada por movimentos como o surrealismo (1920) e associada a movimentos de arte contemporânea como a instalação (1970).
- A sua obra é diversificada (pintura, desenho, escultura e instalação).
- O seu trabalho tem reconhecimento mundial.

18

Leitura e contextualização da obra de arte



Katharina Fritsch
Coração com dinheiro / 1999
Alumínio e tinta.
400 x 400 cm

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: Grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Cores: simbologia.
- Plano: posição no espaço – vertical, horizontal e oblíquo.
- Volume: livre; forma – instalação.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um volume livre pela forma de uma instalação, onde o ponto, a linha e a cor transmitem equilíbrio, simetria, espontaneidade e ousadia.

19

Leitura e contextualização da obra de arte



Katharina Fritsch
Coração com dinheiro / 1999
Alumínio e tinta.
400 x 400 cm

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 90.
- Temática de crítica social (poder, amor).
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) na temática, nas formas e na sua relação com os materiais.
- Inovação na técnica e nos materiais invulgares (moedas).
- Apropriação de objetos (moedas).
- Utilização de técnicas de reprodução (moedas).
- Grande dimensão e interação com o espaço.

20

Leitura e contextualização da obra de arte



Katharina Fritsch
Coração com dinheiro / 1999
Alumínio e tinta.
400 x 400 cm

- **Artista**
- Katharina Fritsch nasceu em 1956 em Essen-Alemanha, vive e trabalha em Düsseldorf-Alemanha.
- Estudo história, história da arte e arte na Alemanha.
- A artista expõe desde a década de 90.
- É influenciada pela *pop arte* (1960) porque representa e transforma objetos do quotidiano ou figuras comuns em algo novo através da repetição e manipulação da escala e da cor.
- A sua produção artística é maioritariamente composta por esculturas e instalações.
- O seu trabalho tem reconhecimento mundial.

21

Leitura e contextualização da obra de arte



Marina Abramovic
Sapatos para a partida / 1990
Amatista.
Pormenor da instalação.

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: Grandeza; quantidade; transformação; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Cores: simbologia.
- Plano: posição no espaço – vertical, horizontal e oblíquo.
- Volume: livre; forma – instalação.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um volume livre pela forma de uma instalação, onde o ponto, a linha e a cor transmitem irregularidade e espontaneidade.

22

Leitura e contextualização da obra de arte



Marina Abramovic
Sapatos para a partida / 1990
Amatista.
Pormenor da instalação.

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Década de 90.
- Temática de crítica social (artista e público, limites do corpo, possibilidades da mente).
- Inexistência da procura do belo nas formas criadas.
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) na temática, nas formas e na sua relação com os materiais.
- Inovação na técnica e nos materiais invulgares (pedra preciosa).
- Grande dimensão e interação com o espaço.
- Interação física e mental do espectador.

23

Leitura e contextualização da obra de arte



Marina Abramovic
Sapatos para a partida / 1990
Amatista.
Pormenor da instalação.

- **Artista**
- Marina Abramovic nasceu em 1946 na Belgrado-Sérvia. Vive e trabalha em Nova Iorque-EUA.
- Estudou na Academia de Belas Artes de Belgrado-Sérvia e na Academia de Belas Artes de Zagreb -Croácia.
- Expõe desde a década de 70.
- Representa movimentos de arte contemporânea como a performance, a arte conceptual e a instalação (1970).
- A sua obra é diversificada (escultura, performance, vídeo, fotografia e instalação).
- A artista tem reconhecimento em mundial.

24

Leitura e contextualização da obra de arte



Joana Vasconcelos
Coração Independente / 2009
Talheres de plástico, tinta, ferro, corrente metálica, motor elétrico e som (fado de Amália Rodrigues),
300 x 300 x 300 cm.

- **Análise dos elementos da linguagem visual**
- Ponto: Grandeza; quantidade; situação.
- Linha: tipologia; grandeza; quantidade; situação.
- Cores: simbologia.
- Plano: posição no espaço – vertical, horizontal e oblíquo.
- Volume: livre; forma – instalação.
- Sintaxe/relação: composição realizada a partir de um volume livre pela forma de uma instalação, onde o ponto, a linha e a cor transmitem contraste, ritmo, ousadia e subtilidade.

25

Leitura e contextualização da obra de arte



Joana Vasconcelos
Coração Independente / 2009
Talheres de plástico, tinta, ferro, corrente metálica, motor elétrico e som (fado de Amália Rodrigues),
300 x 300 x 300 cm.

- **A obra no período de arte contemporânea**
- Século XXI.
- Temática de crítica social /cultural/histórica (tradição portuguesa, joalheria, fado).
- Valorização da conceptualidade (conceitos, mensagem, ideias) no tema, nas formas e nos materiais.
- Inovação na técnica e nos materiais invulgares (talheres de plástico, tinta, ferro, corrente metálica).
- Apropriação de objetos (talheres de plástico).
- Utilização de inovações tecnológicas (motor elétrico e som).
- Grande dimensão e interação com o espaço.
- Reflexão sobre o papel do artista na atualidade, enquanto criador mental que pode encomendar a execução da obra.

26

Leitura e contextualização da obra de arte



Joana Vasconcelos
Coração Independente / 2009
Talheres de plástico, tinta, ferro, corrente metálica, motor elétrico e som (fado de Amália Rodrigues),
300 x 300 x 300 cm.

- **Artista**
- Joana Vasconcelos nasceu em 1971 em Paris-França. Vive e trabalha em Lisboa.
- Estudou no ARCO em Lisboa.
- A sua obra é diversificada (vídeo, escultura e instalação).
- A artista é considerada como uma das artistas mais marcantes da última década, já ganhou diversos prémios e tem reconhecimento em Portugal e no estrangeiro.

27

3. Fazer artístico

- Transcreve o poema para a peça de roupa autorrepresentativa.
- Tem atenção ao lugar onde o mesmo irá ser transcrito.
- Relaciona o significado das palavras, as cores e o grafismo.
- Seleciona os materiais mais adequados à mensagem que pretendes transmitir.

28

O Poema

Identidade

Preciso ser um outro,
para ser eu mesmo.

Sou grão de rocha,
Sou o vento que a desgasta.

Sou pólen sem insecto.

Sou areia sustentando,
o sexo das árvores.

Existo onde me desconheço,
aguardando pelo meu passado,
ansioso a esperança do futuro.

No mundo que combato morro,
no mundo por que luto nascço.

Mia Couto

29

Anexo G – Ficha de análise de obras de arte contemporâneas (atividade 1, 2 e 3)

FICHA DE ANÁLISE DE OBRAS DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Disciplina de Educação Visual

Nome _____

Ano ____ N° ____ Turma ____

A partir da visualização das obras de arte contemporâneas utiliza palavras ou faz um comentário que caracterizem cada uma das obras.

Obra	Palavra/Comentário
1	
2	
3	
4	
5	
6	

BOM TRABALHO!

Anexo I – Ficha de memória descritiva da obra criada (atividade 1 e 2)

FICHA DE MEMÓRIA DESCRITIVA DA OBRA CRIADA

NOME _____

Ano ____ N° ____ Turma ____

Ficha técnica da obra

Autor _____

Título da obra _____

Data _____

Técnica/Materiais

Memória Descritiva

Qual foi o ponto de partida? Foi difícil conseguir ideias? O que querias exprimir? Que material escolheste e porquê? Estás satisfeito com o trabalho final?

BOM TRABALHO!

Anexo L – Súmula de resultados das fichas da atividade 1

Fichas de análise de obras de arte contemporâneas (Anexo G)

Aluno A
1ª Obra : Helena Almeida/ Pintura Habitada / 1975
“Estranho, porque não se percebe.”
2ª Obra: Ana Vidigal/ Claridade / 2011
“Geométrica e simples.”
3ª Obra: Vik Muniz/ Marilyn Monroe / 2012
“Há uma relação da riqueza da Marilyn Monroe e os diamantes.”
4ª Obra: Louise Bourgeois/ Maman / 1999
“Criativo, pela representação de uma aranha gigante em aço e mármore.”
5ª Obra: Claes Oldenburg & Coosje van Bruggen / Colher de Jardineiro / 2001
“Interessante pelas cores e pela representação de um objeto de trabalho em grandes dimensões.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos/ Marilyn / 2009
“Original, por ser um sapato grande feito com painéis.”

Aluno B
1ª Obra : Helena Almeida/ Pintura Habitada / 1975
“Escurecimento nas cores e simplicidade das formas.”
2ª Obra: Ana Vidigal/ Claridade / 2011
“Transmite leveza, pelas cores e formas utilizadas.”
3ª Obra: Vik Muniz/ Marilyn Monroe / 2012
“Representa o mundo das celebridades.”
4ª Obra: Louise Bourgeois/ Maman / 1999
“Assustador, imaginativo pelo tema e pelas dimensões.”
5ª Obra: Claes Oldenburg & Coosje van Bruggen / Colher de Jardineiro / 2001
“Simboliza e valoriza o trabalho através da representação de uma colher simples que normalmente é feia.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos/ Marilyn / 2009
“Transmite-me elegância e modernidade da mulher.”

Aluno C
1ª Obra : Helena Almeida/ Pintura Habitada / 1975
“Estranha porque é uma forma de arte muito confusa.”

2ª Obra: Ana Vidigal/ Claridade / 2011
“Original e geométrica. Pode ter muitos sentidos.”
3ª Obra: Vik Muniz/ Marilyn Monroe / 2012
“É um desenho realista e os diamantes valorizam-no”.
4ª Obra: Louise Bourgeois/ Maman / 1999
“Realista, estranha e criativa, por ser invulgar e grande.”
5ª Obra: Claes Oldenburg & Coosje van Bruggen / Colher de Jardineiro / 2001
“Valoriza a agricultura pelas dimensões da colher.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos/ Marilyn / 2009
“Criatividade na representação da mulher pelo sapato e pelas panelas. A modernidade e a tradição.”

Aluno D
1ª Obra : Helena Almeida/ Pintura Habitada / 1975
“Estranha mas interessante pelos materiais inovadores.”
2ª Obra: Ana Vidigal/ Claridade / 2011
“Geométrico e com muitos sentidos. Dá que pensar!”
3ª Obra: Vik Muniz/ Marilyn Monroe / 2012
“Retrata a falsidade do mundo, que é mascarada.”
4ª Obra: Louise Bourgeois/ Maman / 1999
“Muito criativa. Por representar uma aranha em grandes dimensões e nos sentirmos pequenos debaixo dela.”
5ª Obra: Claes Oldenburg & Coosje van Bruggen / Colher de Jardineiro / 2001
“É criativa. É uma pá de jardineiro. Retrata a jardinagem que normalmente não é valorizada.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos/ Marilyn / 2009
“Transmite imaginação, beleza e tradição da mulher.”

Aluno E
1ª Obra : Helena Almeida/ Pintura Habitada / 1975
“Tristeza/ Desilusão/ Confusão.”
2ª Obra: Ana Vidigal/ Claridade / 2011
“Confusão/ Original.”
3ª Obra: Vik Muniz/ Marilyn Monroe / 2012
“Representa a riqueza de uma celebridade, da Marylin Monroe.”
4ª Obra: Louise Bourgeois/ Maman / 1999
“Muito inovador pelo tema da aranha e pelas dimensões grandes.”
5ª Obra: Claes Oldenburg & Coosje van Bruggen / Colher de Jardineiro / 2001

“Valoriza um objeto comum representando-o com cores vivas e em grandes dimensões.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos/ Marilyn / 2009
“Poder, mulher, sensualidade, moda, cozinha.”

Aluno F
1ª Obra : Helena Almeida/ Pintura Habitada / 1975
“Transmite-me que a artista está desiludida consigo mesma, mas que ainda tem esperança no futuro, por isso usa uma cor viva no meio do quadro preto.”
2ª Obra: Ana Vidigal/ Claridade / 2011
“Criativo e simples, com cores variadíssimas e uma técnica diferente.”
3ª Obra: Vik Muniz/ Marilyn Monroe / 2012
“É um desenho giro. É realista, transmite-me riqueza e gosto do uso de diamantes.”
4ª Obra: Louise Bourgeois/ Maman / 1999
“Medo, espontaneidade e grandeza, salvação e proteção.”
5ª Obra: Claes Oldenburg & Coosje van Bruggen / Colher de Jardineiro / 2001
“Espetacular. Uma colher gigante no meio da natureza. Representa a importância do trabalho.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos/ Marilyn / 2009
“Retrata a riqueza e a beleza da mulher.”

Ficha de justificação da seleção da obra de arte contemporânea (Anexo H)

Aluno A
“Eu escolhi a Marilyn (Vik Muniz) pois achei que era um exemplo de beleza social.”
Aluno B
“Escolhi a obra de Ana Vidigal, porque dá a sensação de diversão e alegria mesmo sendo um bocadinho aleatória.”
Aluno C
“Eu escolhi esta obra (Marylin de Joana Vasconcelos) porque acho que os materiais utilizados, panelas, foram usados com muita criatividade.”
Aluno D
“Escolhi a Joana Vasconcelos, pois a obra é feminina e transmite a vida da mulher (cozinha e sapatos)”.
Aluno E
“Escolhi a Louise Bourgeois, devido à história que levou à sua elaboração. Ao

princípio senti medo, mas depois da explicação achei uma brilhante ideia.”
Aluno F
“Escolhi a Joana Vasconcelos, porque acho surpreendente como uma pessoa faz um sapato deste tamanho com painelas e tampas em aço inox. Transmite que a mulher recente usa esses sapatos e a mulher mais antiga passava o dia em casa a cozinhar, assim a artista consegue juntar tudo numa obra.”

Ficha de memória descritiva da obra criada (Anexo I)

Aluno A
“Parti da obra Marilyn Monroe de Vik Muniz. Ao início foi um pouco difícil, porque é um desenho difícil. A Marilyn é um exemplo de beleza. A beleza é muito valorizada e tentei mostrar com o meu trabalho que o feio também é importante. Por isso dividi a obra em duas partes, numa representei o belo e na outra o feio. Utilizei a cor preta e marcadores. Gostei do trabalho, porque foi diferente trabalhar a partir de uma obra de arte, pois tiramos de lá ideias.”
Aluno B
“Comecei por escolher a obra de Ana Vidigal. Achei o trabalho desta artista muito original. Procurei exprimir a mesma vivacidade no meu trabalho com materiais diferentes, por isso usei marcadores e muitas cores. Gostei muito deste trabalho, porque foi muito criativo e fez-me pensar que as obras de arte podem servir-nos de inspiração.”
Aluno C
“Escolhi a obra Marylin de Joana Vasconcelos, porque é muito original nos materiais e trata um tema atual. Representei o sapato com uma grande sombra como se a mensagem se estendesse. Eu gostei muito desta atividade, porque me fez pensar sobre um tema atual.”
Aluno D
“Primeiro escolhi a obra de Joana Vasconcelos e depois pensei que a obra transmite a vida da mulher. A mulher tem que ser elegante e cozinhar, por isso desenhei o sapato a vermelho e as painelas a preto. Gostei das histórias das obras e de interpretar uma obra. Achei um desafio.”
Aluno E
“Escolhi a obra <i>Maman</i> de Louise Bourgeois. Gostei da forma como a artista liga a aranha à sua mãe. Também gosto de aranhas e por isso interpretei-a com muitas cores. Achei o trabalho original por trabalhar a partir de uma obra. Gostei do meu trabalho e de conhecer as obras, e as histórias das obras. Não sabia que as obras de arte tinham estas histórias!”
Aluno F
“Escolhi a obra da Joana Vasconcelos pela originalidade no tema e nos materiais. Esta obra fez-me pensar sobre o papel da mulher. Por isso dividi a obra em duas partes, numa representei a mulher que passa o dia em casa a cozinhar triste com cores escuras, na outra representei a mulher moderna que usa sapatos altos feliz

com cores vivas. Gostei do trabalho que fiz e de trabalhar a partir de uma, foi diferente.”

Anexo M – Súmula de resultados das fichas da atividade 2

Fichas de análise de obras de arte contemporâneas (Anexo G)

Aluno A
1ª Obra: Vieira da Silva / Autorretrato / 1952
“A artista representa-se de forma simples mas criativa.”
2ª Obra: Júlio Pomar / Fernando Pessoa / 1983
“Devido às linhas é muito complexo, mas é engraçado.”
3ª Obra: Fernando Lanhas / Miguel Torga / 1994
“Diferente do que estou acostumada a ver, mas muito representativa por representar de forma tão simples um escritor.”
4ª Obra: Pedro Cabrita Reis / Os cegos de Praga / 1998
“Diferente e pouco definido. Permite pensar muitas coisas.”
5ª Obra: Lucian Freud / Sem título / 2008
“É muito criativa, expressiva e realista.”
6ª Obra: Vik Muniz / Autorretrato / 2005
“Diferente! A ideia de se representar com materiais diferentes é muito original. Pensei que um retrato fosse só feito pelo desenho ou pela pintura.”

Aluno B
1ª Obra: Vieira da Silva / Autorretrato / 1952
“É um desenho simples mas muito criativo, porque a artista representa-se a desenhar. A arte contemporânea não precisa ser algo difícil de fazer, a sua mensagem é que é importante.”
2ª Obra: Júlio Pomar / Fernando Pessoa / 1983
“Representa o Fernando Pessoa que foi um grande escritor e leitor muito conhecido, com muitas linhas firmes, sobrepostas e compreensíveis.”
3ª Obra: Fernando Lanhas / Miguel Torga / 1994
“É um retrato muito simples, com muita expressividade nas linhas.”
4ª Obra: Pedro Cabrita Reis / Os cegos de Praga / 1998
“É um retrato complexo e assustador, mas a arte contemporânea não tem que ser bela, tem que fazer sentido.”
5ª Obra: Lucian Freud/Sem título / 2008
“Expressivo e um pouco mais realista por causa das linhas e sombras.”
6ª Obra: Vik Muniz / Autorretrato / 2005
“Muito criativo! Mais realista nas formas e original no material.”

Aluno C
1ª Obra: Vieira da Silva / Autorretrato / 1952
“É simples na forma como se representa, pelas linhas. Mas é muito criativa por a artista se representar a fazer algo que gosta.”
2ª Obra: Júlio Pomar / Fernando Pessoa / 1983
“As linhas são um pouco confusas, porque são muitas e por isso cada pessoa pode imaginar muitas coisas.”
3ª Obra: Fernando Lanhas / Miguel Torga / 1994
“Um pouco assustador, mas esse pode ter sido o objetivo do artista.”
4ª Obra: Pedro Cabrita Reis / Os cegos de Praga / 1998
“É estranha, porque nunca vi nenhum retrato assim. Sombrio pelas cores e formas mal definidas.”
5ª Obra: Lucian Freud/Sem título / 2008
“É muito expressiva, não se representa a realidade, mas compreende-se que é um retrato. É original por usar muitas cores e por não corresponderem à realidade.”
6ª Obra: Vik Muniz / Autorretrato / 2005
“Realista e expressiva na representação do rosto e muito criativa nos materiais (folhas).”

Aluno D
1ª Obra: Vieira da Silva / Autorretrato / 1952
“É original, porque a artista representa o seu corpo e também a sua apreciação e interesse pela arte.”
2ª Obra: Júlio Pomar / Fernando Pessoa / 1983
“É um desenho expressivo, com muitas linhas e que representa a importância da leitura.”
3ª Obra: Fernando Lanhas / Miguel Torga / 1994
“Cativante pela simplicidade das linhas.”
4ª Obra: Pedro Cabrita Reis / Os cegos de Praga / 1998
“Sinistro pelas formas indefinidas.”
5ª Obra: Lucian Freud/Sem título / 2008
“Robusto, muito expressivo e detalhado nas linhas e manchas.”
6ª Obra: Vik Muniz / Autorretrato / 2005
“Criativo, original e elegante pelo desenho e pelos materiais.”

Aluno E
1ª Obra: Vieira da Silva / Autorretrato / 1952
“É um desenho muito personificado. Simples nas formas e interessante na representação da artista a fazer o que gosta. A artista une a representação do seu corpo com o que gosta de fazer. Muito interessante!”

2ª Obra: Júlio Pomar / Fernando Pessoa / 1983
“Complexo e criativo por ter muitas linhas e por representar o Fernando pessoa a fazer o que ele gostava.”
3ª Obra: Fernando Lanhas / Miguel Torga / 1994
“Simples pelas linhas, mas expressivo.”
4ª Obra: Pedro Cabrita Reis / Os cegos de Praga / 1998
“Confuso e assustador por ter muitas sombras.”
5ª Obra: Lucian Freud/Sem título / 2008
“Realista e expressivo pelas sombras e linhas.”
6ª Obra: Vik Muniz / Autorretrato / 2005
“Realista. Original. Inacreditável! Como se consegue fazer um retrato com folhas!”

Aluno F
1ª Obra: Vieira da Silva / Autorretrato / 1952
“A ideia de fazer o autorretrato da pessoa a fazer o que gosta é muito original.”
2ª Obra: Júlio Pomar / Fernando Pessoa / 1983
“Expressivo, criativo, interessante.”
3ª Obra: Fernando Lanhas / Miguel Torga / 1994
“Simples. Espetacular. Original.”
4ª Obra: Pedro Cabrita Reis / Os cegos de Praga / 1998
“Assustador e criativo. Tem muitas sombras e indefinição de formas.”
5ª Obra: Lucian Freud/Sem título / 2008
“Muito bem representado, com linhas e cores definidas que lhe dão muita expressividade.”
6ª Obra: Vik Muniz / Autorretrato / 2005
“O material utilizado faz com que tenha ainda mais interesse.”

Ficha de memória descritiva da obra criada (Anexo I)

Aluno A
<p>“As características que eu escolhi foram: elegante, pequena, bonita, talentosa, honesta, bondosa, sociável, genuína, carinhosa, sincera, perfeccionista, sorridente, simpática, teimosa, complicada, confusa, nervosa, ciumenta e ambiciosa.</p> <p>Gostei de pensar nas minhas características. Nunca tinha pensado nisso! E fazer o meu retrato com elas foi genial. Gostei da ideia da arte contemporânea nos fazer pensar sobre nós e de criarmos a partir do que nós somos. Sem representar o nosso rosto como já estamos a habituados. Achei muito criativo, original e</p>

<p>enriquecedor. O meu retrato fala de mim a partir de palavras que me representam. Coisas que só a arte contemporânea nos permitem.”</p>
<p>Aluno B</p> <p>“As minhas características eram muitas, mas eu escolhi as mais importantes: forte, engenhoso, inteligente, humilde, otimista, habilidoso, divertido, fiel, engraçado, excêntrico, guloso e chato.</p> <p>Ao início foi difícil conseguir ideias, mas depois da professora explicar foi fácil. Escolhi representar-me apenas pelos contornos do meu rosto, porque a arte contemporânea permite uma maior liberdade. Destaquei a palavra amigo, porque é a palavra que melhor me representa e a amizade é muito importante para mim. Usei várias cores porque umas palavras são mais positivas do que outras. Escrevi em letras maiúsculas e minúsculas porque umas são mais importantes e outras menos importantes para mim.</p> <p>Gostei de fazer o trabalho porque era fora do normal e fazia sentido. Um autorretrato não é só o nosso desenho podem ser palavras que nos descrevam.”</p>
<p>Aluno C</p> <p>“Usei cinco características: amoroso, simpático, extrovertido, ciumento e vaidoso. Usei quatro cores: o azul, o verde, o vermelho e o preto. Escrevi umas em letra maiúscula e outras em letra minúscula. As que escrevi em letra maiúscula são as que melhor me definem. Nos lábios escrevi a vermelho a palavra simpático porque sou muito falador. Nos olhos escrevi a azul a palavra amoroso porque os olhos são muito importantes e eu valorizo o amor. Nas sobrancelhas escrevi a palavra ciumento porque as sobrancelhas transmitem esse sentimento. Na roupa escrevi a palavra vaidoso porque gosto muito de roupa. No cabelo escrevi a palavra extrovertido porque gosto de usar penteados diferentes.</p> <p>Gostei de pensar no que é que eu sou, de usar palavras para me desenhar e de fazer o meu retrato de uma forma diferente. Foi original. Não está bem representado, mas a arte contemporânea valoriza mais o que se pretende transmitir. A mensagem é que é importante. Gostei do resultado final.”</p>
<p>Aluno D</p> <p>“Ao início foi difícil pensar sobre mim, mas foi muito interessante porque me permitiu conhecer-me melhor. As características que escolhi foram: alta, magra, aplicada, sensível, dedicada, crítica, educada, criativa, paciente, compreensiva, verdadeira, amiga, afetuosa, atenciosa, organizada, curiosa, convencida, impaciente e vaidosa. Algumas são qualidades e outras são defeitos, mas é o que eu sou. Escrevi sempre em letra minúscula e só destaquei a palavra conversadora porque por vezes falo muito. Usei três cores, onde destaquei o vermelho na palavra amorosa porque o amor é muito importante para mim. Não me representei totalmente, mas não tinha que o fazer, porque o nosso retrato não é a nossa imagem, é o que nós somos e a arte de hoje já não tem que ser igual ao que vemos.</p> <p>Gostei de pensar nas minhas características, de pensar no que elas transmitiam e com ela fazer arte contemporânea.”</p>
<p>Aluno E</p> <p>“As palavras que usei foram: extrovertido, bem-disposto, responsável, leal, estudioso, amoroso, conversador, egoísta, impulsivo. Usei o preto e escrevi sempre com letra minúscula, mas destaquei mais as características positivas.</p>

Desenhei-me na totalidade, mas não para ficar fiel ao que eu sou. Nunca pensei que pudesse fazer um trabalho assim. Desenhar com palavras foi algo em que nunca pensei. Gostei de pensar nas palavras e desenhar com elas, mas foi difícil. Diferente de tudo o que já fiz. Este trabalho leva-me a olhar para a arte e a procurar o sentido destas pequenas coisas.”

Aluno F

“Comecei por escolher as palavras amigo, sensível, convencido, chato, impaciente, vaidoso, orgulhoso, honesto, estudioso, dedicado, simpático, humilde, aplicado, afetuoso, paciente, fiel, divertido, educado, sociável, elegante e alto. Pensar nas palavras foi fácil. Para mim elas são todas importantes por isso só usei a cor preto. Ao desenhar com elas salientei apenas as palavras amigo, convencido e sensível porque estas me representam melhor e para isso usei canetas e marcadores. Gostei do trabalho! Foi um trabalho diferente e muito criativo, pois usamos palavras para desenhar e tivemos que pensar no significado das palavras. É muito contemporâneo, por fazermos arte com palavras, por pensarmos nos significados e porque não tínhamos que nos representar só pelo desenho do rosto. Gostei muito!”

Anexo N – Súmula de resultados das fichas da atividade 3

Fichas de análise de obras de arte contemporâneas (Anexo G)

Aluno A
1ª Obra: Annette Messager / <i>Dependência/Independência</i> / 1995
“É muito original e feminina, pelos materiais e cores vivas.”
2ª Obra: Judy Chicago / <i>O Jantar de Festa</i> / 1979
“A artista procurou homenagear a mulher com os nomes de várias mulheres, formas e cores.”
3ª Obra: Louise Bourgeois / <i>Sem título</i> / 1996
“É original porque retrata a infância através das memórias da artista.”
4ª Obra: Katharina Fritsch / <i>Coração com dinheiro</i> / 1999
“Criativa. Representa o poder do amor”.
5ª Obra: Marina Abramovic/ <i>Sapatos para a partida</i> / 1990
“A artista criou uns sapatos feios com pedras preciosas. O feio também pode ter valor na arte.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos / <i>Coração Independente</i> / 2009
“Original. Representa o amor pelos corações e pela cor, mas com objetos recicláveis, sem valor.”

Aluno B
1ª Obra: Annette Messager / <i>Dependência/Independência</i> / 1995
“Confuso. Faz-me lembrar a infância.”
2ª Obra: Judy Chicago / <i>O Jantar de Festa</i> / 1979
“Representa a independência da mulher.”
3ª Obra: Louise Bourgeois / <i>Sem título</i> / 1996
“Criativa, porque a artista inspirou-se na vaidade da mulher.”
4ª Obra: Katharina Fritsch / <i>Coração com dinheiro</i> / 1999
“Original. Faz-me pensar se o dinheiro compra o amor.”
5ª Obra: Marina Abramovic/ <i>Sapatos para a partida</i> / 1990
“A artista mostra que a arte não tem que ser bonita, os sapatos são feios, mas são feitos com pedras preciosas. Os objetos feios podem ter valor na arte se fizerem sentido.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos / <i>Coração Independente</i> / 2009
“A artista mostra que é possível fazer arte com objetos pobres.”

Aluno C
1ª Obra: Annette Messager / <i>Dependência/Independência</i> / 1995
“Faz-me recordar a infância pelos materiais.”
2ª Obra: Judy Chicago / <i>O Jantar de Festa</i> / 1979
“Trata-se de uma homenagem à mulher.”
3ª Obra: Louise Bourgeois / <i>Sem título</i> / 1996
“Representativa da vida da artista. As roupas são simbólicas e homenageiam os momentos vividos pela artista.”
4ª Obra: Katharina Fritsch / <i>Coração com dinheiro</i> / 1999
“Incrível! Transmite o poder do dinheiro e o poder do amor.”
5ª Obra: Marina Abramovic/ <i>Sapatos para a partida</i> / 1990
“Sapatos sinistros. Transmitem a enganação da aparência. Transmitem que as coisas feias podem ser valiosas.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos / <i>Coração Independente</i> / 2009
“Transmite o amor através da tradição dos corações de Viana.”

Aluno D
1ª Obra: Annette Messager / <i>Dependência/Independência</i> / 1995
“Original pelo tema da infância e pelos materiais táteis.”
2ª Obra: Judy Chicago / <i>O Jantar de Festa</i> / 1979
“Interessante e original. O tema da mulher ainda é muito atual. Ainda há distinção entre homens e mulheres.”
3ª Obra: Louise Bourgeois / <i>Sem título</i> / 1996
“Atual, porque transmite o poder feminino pelo uso de roupas femininas.”
4ª Obra: Katharina Fritsch / <i>Coração com dinheiro</i> / 1999
“Transmite riqueza, pois representa as pessoas que só pensam em dinheiro, em poder e não valorizam o amor.”
5ª Obra: Marina Abramovic/ <i>Sapatos para a partida</i> / 1990
“Mostra que um sapato pode ser um bem precioso.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos / <i>Coração Independente</i> / 2009
“Faz-me lembrar os colares antigos, a tradição e é muito criativo fazê-lo com objetos recicláveis. Faz-me pensar no valor das joias!”

Aluno E
1ª Obra: Annette Messager / <i>Dependência/Independência</i> / 1995
“Original. Retrata a infância pelas cores e formas.”
2ª Obra: Judy Chicago / <i>O Jantar de Festa</i> / 1979
“Retrata a injustiça entre homens e mulheres.”
3ª Obra: Louise Bourgeois / <i>Sem título</i> / 1996

“Sinistro. Representa as recordações e memórias da artista.”
4ª Obra: Katharina Fritsch / <i>Coração com dinheiro</i> / 1999
“Simples. Materiais originais. Tema criativo. Transmite que o dinheiro pode comprar o amor.”
5ª Obra: Marina Abramovic/ <i>Sapatos para a partida</i> / 1990
“Estranha, porque os sapatos são pesados e feios, mas são feitos com pedras preciosas.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos / <i>Coração Independente</i> / 2009
“Espanto. Homenagem à nossa tradição pelas jóias de Viana e pelo fado da Amália Rodrigues. Transmite a história portuguesa.”

Aluno F
1ª Obra: Annette Messager / <i>Dependência/Independência</i> / 1995
“Muito interessante por causa dos materiais utilizados, das formas representadas e do aspeto final.”
2ª Obra: Judy Chicago / <i>O Jantar de Festa</i> / 1979
“Lembra-me a importância da mulher e a sua discriminação.”
3ª Obra: Louise Bourgeois / <i>Sem título</i> / 1996
“Criativa pela apropriação de roupas com histórias.”
4ª Obra: Katharina Fritsch / <i>Coração com dinheiro</i> / 1999
“Crítica à sociedade. Representa o poder do amor ou o amor ao poder.”
5ª Obra: Marina Abramovic/ <i>Sapatos para a partida</i> / 1990
“Apesar da forma estranha dos sapatos, a ideia é original e interessante, porque são feitos com pedras preciosas.”
6ª Obra: Joana Vasconcelos / <i>Coração Independente</i> / 2009
“Muito criativa e interessante por causa dos materiais utilizados (objetos recicláveis) e a forma (corações) e aspeto final.”

Ficha de justificação da seleção da peça de roupa (Anexo J)

Aluno A
“Escolhi esta peça de roupa, porque me transmite liberdade e espontaneidade. É verde e por isso simboliza a esperança e o contacto com a natureza. Coisas de que gosto.”
Aluno B
“Escolhi esta peça de roupa, porque adoro a cor amarelo. O amarelo faz-me lembrar o verão, o calor e a diversão.”
Aluno C

“Porque me transmite calma e bem-estar. É uma t-shirt branca. O branco também transmite pureza, virtude, liberdade e tranquilidade. Palavras com que me identifico.”
Aluno D
“Escolhi a camisola com a qual joguei no primeiro treino. Traz-me boas recordações. A cor é branco e transmite-me paz.”
Aluno E
“Esta t-shirt foi oferecida pela minha mãe. Simboliza o amor entre nós. A cor é azul e tem o significado de elevação, espiritualidade e masculino.”
Aluno F
“Por ser uma camisola interior de cor branca, porque me transmite paz e intimidade, pessoalidade e proteção.”

Ficha de memória descritiva da obra criada (Anexo K)

Aluno A
“Achei que a atividade foi interessante por envolver uma peça de roupa que me representava e por ter que escrever nela um poema que fala de identidade. Também gostei de experimentar uma nova forma de fazer arte que não conhecia. Não sabia que existia arte assim, por isso foi um desafio. Foi diferente! Gostei de pensar sobre a peça de roupa e o significado do poema. A minha t-shirt é verde e o poema fala de esperança e de conhecimento, por isso usei o verde e o vermelho. Porque o verde simboliza esperança e o conhecimento é importante. Gostei do resultado final.”
Aluno B
“Foi uma atividade muito criativa. Escolhi uma t-shirt branca e usei a cor vermelha para escrever o poema. A minha t-shirt transmite-me paz e o poema transmite-me dor, porque o autor está à procura da sua identidade. Gostei do resultado final e de contribuir para uma obra de instalação.”
Aluno C
“Achei o trabalho original. Gostei de pensar sobre uma peça de roupa que me representasse e sobre o significado do tema do poema. A minha t-shirt é branca e transmite-me paz, e escrevi o poema em forma de espiral com três cores, o preto o azul e o verde, porque a identidade transmite-me serenidade, harmonia, equilíbrio, etc. Usei marcadores e tintas para tecido. Gostei do resultado final e de fazer uma instalação, uma forma nova de arte, grande e que desperta muito a atenção das pessoas. Fiquei muito orgulhoso por ver a minha peça exposta e de com o meu trabalho homenagear o autor Mia Couto.”
Aluno D
“Foi criativo, diferente e inovador! Pensar sobre a peça de roupa autorrepresentativa. Pensar sobre o tema identidade. Pintar sobre roupa. Usar materiais diferentes. Fazer uma instalação. Gostei da união entre todas as peças.

Gostei muito de através da arte contemporânea homenagear a poesia e o autor Mia Couto.”

Aluno E

“Foi muito criativo escolher uma peça de roupa, escrever o poema na peça de roupa e pensar no que as palavras queriam transmitir, escolher as cores e as formas, e fazer uma instalação com todos trabalhos. Achei uma forma de arte muito atual, original, com materiais diferentes e que pode abordar temas importantes. Gostei de passar uma mensagem importante através de uma forma de arte contemporânea.”

Aluno F

“Gostei de escolher uma peça de roupa que me representa e do tema do poema. A peça de roupa que escolhi é uma camisola interior branca que simboliza paz e me protege. Escrevi o poema a vermelho porque o tema identidade é importante, e usei marcadores e tintas de tecido. O tema da identidade é importante e o nosso conhecimento também. Transmitir essa mensagem pela arte é inovador. A arte contemporânea faz-nos pensar sobre nós e sobre os outros. Gostei muito!”

Anexo O – Inquérito final

INQUÉRITO FINAL

NOME _____
ANO ____ TURMA ____ Nº ____ IDADE ____

Tendo como referência os conteúdos de arte contemporânea abordados nas aulas procura responder às seguintes questões.

O que entendes por arte contemporânea?

Para que serve a arte a contemporânea?

Que diferentes formas de arte contemporânea conheces?

Que obras de arte mais te marcaram?

O que é um artista na contemporaneidade?

Que artistas contemporâneos conheces?

Como devemos procurar compreender a arte contemporânea?

Onde se pode ver arte contemporânea?

BOM TRABALHO!

Anexo P – Súmula de resultados do inquérito final

Aluno A
1ª Pergunta: O que entendes por arte contemporânea?
“É a arte que começou no meio do séc. XX até à atualidade. É uma forma de exprimir sentimentos, pensamentos e acontecimentos de formas variadas e com diferentes materiais.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte contemporânea?
“A arte contemporânea serve para ser observada e compreendida.”
3ª Pergunta: Que diferentes formas de arte contemporânea conheces?
“Desenho, Pintura, escultura, instalação, fotografia, teatro, cinema e música.”
4ª Pergunta: Que obras de arte mais te marcaram?
“A Marilyn de Joana Vasconcelos e o autorretrato de Vik Muniz.”
5ª Pergunta: O que é um artista na contemporaneidade?
“É uma pessoa que se exprime com originalidade, criatividade, inovação.”
6ª Pergunta: Que artistas contemporâneos conheces?
“Vieira da Silva, Júlio Pomar, Fernando Lanhas, Pedro Cabrita Reis, Lucian Freud, Vik Muniz, Paula Rego, Helena Almeida, Ana Vidigal, Annete Messenger, Judy Chicago, Louise Bourgeois, Katharina Fritsch, Marina Abramovik e Joana Vasconcelos.”
7ª Pergunta: Como devemos procurar compreender a arte contemporânea?
“Devemos pensar sobre ela, tentando perceber as razões do artista.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte contemporânea?
“Em galerias de arte, museus, na rua,…”

Aluno B
1ª Pergunta: O que entendes por arte contemporânea?
“A arte tem várias formas de expressão, a arte contemporânea é mais livre, dá-nos mais liberdade para nos expressarmos.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte contemporânea?
“Para exprimir sentimentos, opiniões, ideias, acontecimentos sobre nós ou sobre a sociedade atual.”
3ª Pergunta: Que diferentes formas de arte contemporânea conheces?
“Conheço o desenho, a pintura, a escultura, a fotografia, a arquitetura, a gravura, a banda desenhada, a poesia, a literatura, o teatro e a música.”
4ª Pergunta: Que obras de arte mais te marcaram?
“O autorretrato de Vik Muniz e Marilyn de Joana Vasconcelos.”
5ª Pergunta: O que é um artista na contemporaneidade?
“É uma pessoa que tem o privilégio de conseguir exprimir os seus sentimentos, ideias e opiniões usando várias técnicas, materiais e recursos.”

6ª Pergunta: Que artistas contemporâneos conheces?
“Joana Vasconcelos, Vik Muniz, Júlio Pomar, Fernando Lanhas, ...”
7ª Pergunta: Como devemos procurar compreender a arte contemporânea?
“Olhando para o tema, a técnica, o material. Procurando razões.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte contemporânea?
“Em galerias, museu e até na rua.”

Aluno C
1ª Pergunta: O que entendes por arte contemporânea?
“A arte é uma forma de nos expressarmos, a arte contemporânea é a arte do presente, é mais criativa e mais interessante.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte contemporânea?
“A arte contemporânea serve para exprimir sentimentos, ideias, preocupações.”
3ª Pergunta: Que diferentes formas de arte contemporânea conheces?
“Pintura, escultura, desenho, instalação, arquitetura, literatura, teatro, cinema, dança, música, ...”
4ª Pergunta: Que obras de arte mais te marcaram?
“O <i>jantar de festa</i> de Judy Chicago e a <i>Maman</i> de Louise Bourgeois.”
5ª Pergunta: O que é um artista na contemporaneidade?
“É uma pessoa criativa, que comunica sentimentos ou pensamentos através de muitas formas, com muitos materiais, em pequenas ou grandes dimensões.”
6ª Pergunta: Que artistas contemporâneos conheces?
“Vik Muniz, José de Guimarães, Paula Rego, Joana Vasconcelos, ...”
7ª Pergunta: Como devemos procurar compreender a arte contemporânea?
“A arte contemporânea tem muito sentidos, muitos temas, pode ser grande ou pequena, pode ter muitas técnicas e materiais. Temos que pensar sobre isso e compreender a relação entre essas coisas.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte contemporânea?
“Em galerias, museus, livros, rua, cinema, anfiteatros.”

Aluno D
1ª Pergunta: O que entendes por arte contemporânea?
“A arte é uma forma que os artistas usam para se exprimirem, para nos ajudarem a compreender a atualidade e os nossos antepassados.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte contemporânea?
“A arte contemporânea serve para expressar problemas sociais e pessoais.”
3ª Pergunta: Que diferentes formas de arte contemporânea conheces?
“Cinema, dança, música, escultura, pintura desenho, literatura, arquitetura, teatro.”

4ª Pergunta: Que obras de arte mais te marcaram?
“A <i>Maman</i> de Louise Bourgeois.”
5ª Pergunta: O que é um artista na contemporaneidade?
“Um artista contemporâneo é uma pessoa que pratica arte na atualidade e tem o privilégio de se exprimir através de várias temas, técnicas, materiais e instrumentos mais atuais.”
6ª Pergunta: Que artistas contemporâneos conheces?
“Joana Vasconcelos, Vieira da Silva, Fernando Lanhas, Pedro Cabrita Reis,…”
7ª Pergunta: Como devemos procurar compreender a arte contemporânea?
“Devemos procurar compreender o que pretende transmitir, pelos temas e materiais, e pela criatividade e originalidade.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte contemporânea?
“A arte contemporânea pode ver-se em qualquer espaço público, em galerias, museus, etc.”

Aluno E
1ª Pergunta: O que entendes por arte contemporânea?
“A arte contemporânea expressa problemas da sociedade e do artista. Expressa temas da atualidade. E usa materiais mais atuais.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte contemporânea?
“Serve para exprimirmos o que pensamos sobre nós ou sobre o outro.”
3ª Pergunta: Que diferentes formas de arte contemporânea conheces?
“Conheço arte contemporânea por desenho, pintura, escultura, instalação, música, palavras, …”
4ª Pergunta: Que obras de arte mais te marcaram?
“O autorretrato de Vik Muniz, os corações de Joana Vasconcelos, a colher de jardineiro de Claes Oldenburg.”
5ª Pergunta: O que é um artista na contemporaneidade?
“Um artista é alguém que expressa sem medo de dizer o que pensa.”
6ª Pergunta: Que artistas contemporâneos conheces?
“Conheço Vik Muniz, Joana Vasconcelos, Louise Bourgeois, Paula Rego, Ana Vidigal…”
7ª Pergunta: Como devemos procurar compreender a arte contemporânea?
“Podemos começar por compreender as formas, as cores, os materiais criativos, o que o artista queria transmitir, mas temos que procurar razões.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte contemporânea?
“Pode-se ver arte contemporânea em toda a parte.”

Aluno F
1ª Pergunta: O que entendes por arte contemporânea?
“Na atualidade pode ser um desenho ou uma outra forma de expressão em que o ser humano expressa a sua opinião sobre vários temas, de forma mais original, criativa, com muitos materiais. Liberta.”
2ª Pergunta: Para que serve a arte contemporânea?
“Para expressar sentimentos, pensamentos, preocupações.”
3ª Pergunta: Que diferentes formas de arte contemporânea conheces?
“Pintura, escultura, desenho, instalação, fotografia.”
4ª Pergunta: Que obras de arte mais te marcaram?
“O autorretrato de Vik Muniz, os corações de Joana Vasconcelos, a colher de jardineiro de Claes Oldenburg...”
5ª Pergunta: O que é um artista na contemporaneidade?
“Alguém que diz o que pensa.”
6ª Pergunta: Que artistas contemporâneos conheces?
“Conheço muitos. Joana Varconcelos, Vieira da Silva, Fernando Lanhas, Pedro Cabrita Reis, Frida Kalo, Vik Muniz, Louise Bourgeois, Paula Rego, Ana Vidigal, Claes Oldenburg, José de Guimarães.”
7ª Pergunta: Como devemos procurar compreender a arte contemporânea?
“Tentado perceber o que o artista queria dizer através dos temas diversos e materiais criativos.”
8ª Pergunta: Onde se pode ver arte contemporânea?
“Em exposições, em todo o lado, na rua, em galerias, em museus, ...”